

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários

Walter Ferreira Coelho Neto

UMA CRÍTICA A UM MUNDO DO QUAL O SUJEITO É RETIRADO: literatura sem autor, pesquisa sem pesquisador, inteligência artificial e hegemonização da linguagem na era digital

Belo Horizonte
2024

Walter Ferreira Coelho Neto

UMA CRÍTICA A UM MUNDO DO QUAL O SUJEITO É RETIRADO: literatura sem autor, pesquisa sem pesquisador, inteligência artificial e hegemonização da linguagem na era digital

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.
Orientadora: Profa. Dra. Aline Magalhães Pinto.

Belo Horizonte
2024

C672c

Coelho Neto, Walter Ferreira.

Uma Crítica a um Mundo do qual o Sujeito é Retirado [manuscrito] : literatura sem autor, pesquisa sem pesquisador, inteligência artificial e hegemonização da linguagem na era digital / Walter Ferreira Coelho Neto. – 2024.

1 recurso online (171 f. : il., tabs., p&b., color.) : pdf.

Orientadora: Aline Magalhães Pinto.

Área de concentração: Literatura Comparada e Teoria Literária.

Linha de Pesquisa: Literaturas e Políticas do Contemporâneo.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 133-137.

Anexos: f. 138-171.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Berardi, Franco, 1949- – Crítica e interpretação – Teses. 2. Literatura – Filosofia – Teses. 3. Economia e Literatura – Teses. 4. Subjetividade – Teses. 5. Inteligência artificial – Teses. I. Pinto, Aline Magalhães. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 801



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Tese intitulada *Uma crítica a um mundo do qual o sujeito é retirado: literatura sem autor, pesquisa sem pesquisador, inteligência artificial e hegemonização da linguagem na era digital*, de autoria do Doutorando WALTER FERREIRA COELHO NETO, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras: Estudos Literários.

Área de Concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada/Doutorado

Linha de Pesquisa: Literatura e Políticas do Contemporâneo

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Aline Magalhães Pinto - FALE/UFMG - Orientadora

Prof. Dr. Roberto Alexandre do Carmo Said - FALE/UFMG

Prof. Dr. Davidson de Oliveira Diniz - FALE/UFMG

Prof. Dr. Henrique Estrada Rodrigues - PUC-Rio

Prof. Dr. Mateus Henrique de Faria Pereira - UFOP

Belo Horizonte, 19 de dezembro de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Aline Magalhaes Pinto, Professora do Magistério Superior**, em 20/12/2024, às 12:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Roberto Alexandre do Carmo Said, Professor do Magistério Superior**, em 20/12/2024, às 12:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mateus Henrique de Faria Pereira, Usuário Externo**, em 27/12/2024, às 16:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Davidson de Oliveira Diniz, Professor do Magistério Superior**, em 06/01/2025, às 18:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Henrique Estrada Rodrigues, Usuário Externo**, em 07/01/2025, às 20:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3829562** e o código CRC **C544DA0C**.

Para minha família e amigos pela paciência e apoio ao longo destes *longos* quatro anos.

Em *Futurability: The age of impotence and the horizon of possibility*, Franco “Bifo” Berardi, principal referência teórica desta tese, argumenta que,

Deveríamos pensar que a loucura é um acontecimento excepcional que se encontra à margem de uma vida cotidiana razoável e racional? Deveríamos pensar que se trata de uma interferência inevitável nesse diálogo contínuo que mantém a sociedade unida? Se reduzirmos a loucura a uma desordem marginal – que deve ser gerida e, se possível, acalmada e curada – perdemos o cerne do problema. A loucura não deve ser lida como um acidente a ser escondido ou reparado. A loucura é o pano de fundo da evolução, a matéria caótica que modelamos e transformamos numa ordem temporária. Ordem aqui significa uma ilusão partilhada de previsibilidade, de regularidade: uma ilusão projetiva que pode funcionar durante um longo período, bem como durante alguns minutos ou talvez durante séculos. Uma ilusão que dá vida ao que chamamos de civilização. Na loucura devemos distinguir duas faces: uma é a insignificância real do mundo, o magma circundante da matéria, a proliferação incontrolável de estímulos, o turbilhão deslumbrante da existência. Esta loucura é a pré-condição para a criação de significado: a construção infundada do conhecimento, a invenção de um mundo como um todo dotado de significado. Depois, há o lado subjetivo da loucura: a sensação dolorosa de que as coisas estão voando, a sensação de ser dominado pela velocidade, pelo barulho e pela violência, a sensação de ansiedade, de pânico, de caos mental. Esta dor nos leva a procurar uma ordem que não conseguimos encontrar porque não existe. No entanto, é precisamente esta procura de ordem que existe: é o incentivo para construir uma ponte sobre o abismo da entropia, uma ponte que liga as diferentes mentes singulares. É a partir dessa conjunção que o sentido do mundo é evocado e concretizado: semiose compartilhada, respirando em consonância. *A condição para que a construção de sentido sem fundamento ontológico seja realizada é a amizade. A única coerência do mundo está na partilha do ato de projetar sentido: cooperação entre agentes de enunciação*¹ (2017, p. 25, tradução nossa).

Reforçando este sentimento da partilha e do sentido, eu gostaria de enfatizar que, mesmo o ato de escrita sendo um ato solitário, ele só é possível através um corpo e uma consciência situados historicamente e afetados pelo seu redor. Logo, o estudo que se segue é dedicado a todos os corpos afetados pelos mecanismos de automação tecnológica e exploração como os descritos nestas páginas. Aos trabalhadores precários e a todos que insistem no tempo da escrita e leitura como uma rejeição à cobrança por aceleração e produção do capital. Isso estabelecido, gostaria de nominalmente agradecer:

Novamente a minha família, diante da certeza de que os movimentos que me possibilitaram chegar ao fim do doutorado, iniciaram-se com uma série de sacrifícios de sua parte.

Júlia, por simplesmente existir e ter me escolhido como pai.

João, um amigo que se tornou irmão e motivo pelo qual narrativas virtuais se tornam um interesse pessoal.

¹ Ênfase dada.

Michelle, amiga para a vida e o que eu levo de melhor da minha experiência na pós-graduação da UFMG.

Laura, "*if you call for me, you know i'll run.*"

E finalmente, a professora doutora Aline Magalhães Pinto que acolheu este projeto em andamento, em meio a uma crise sanitária de proporções globais, greves, prazos estourados e muita burocracia por parte do colegiado de pós-graduação. Curiosamente, lembro-me de que minha primeira aula no mestrado foi com você, é uma feliz coincidência que essa *longa* caminhada, chegue a sua conclusão, sob sua orientação, tantos anos depois. Obrigado.

A Berardi pela teoria.

For the real problem, the only problem is: where did evil go? And the answer is: everywhere - because the anamorphosis of the modern forms of evil knows no bounds.

— *The Transparency of Evil*, Jean Baudrillard

He tried to read an elementary economics text; it bored him past endurance, it was like listening to somebody interminably recounting a long and stupid dream. He could not force himself to understand how banks functioned and so forth, because all the operations of capitalism were as meaningless to him as the rites of a primitive religions, as barbaric, as elaborate, and as unnecessary. In a human sacrifice to deity there might be at least a mistaken and terrible beauty; in the rite of money-changers, where greed, laziness, and envy were assumed to move all men's acts, even the terrible became banal.

— *The Dispossessed*, Ursula K. Le Guin

RESUMO

A presente pesquisa se organiza em torno da filosofia marxista de tradição autonomista do filósofo italiano Franco “Bifo” Berardi, nomeadamente, seu conceito de capitalismo semiótico, ou semiocapitalismo, criado a partir da necessidade de um cotejamento entre linguagem, economia e as novas tecnologias de telecomunicação. Com isso, visamos debater a tese berardiana de que dentro de um regime semiocapitalista, a subjetividade é submetida a novos modos de padronização criados pelas tecnologias de rede e globalização neoliberal. Ao fim e ao cabo, buscaremos atos de linguagem que superem estes automatismos linguísticos para, então, repensarmos na relação entre linguagem, literatura e economia na formação da subjetividade contemporânea à luz do pensamento autonomista. Desta forma, poderemos também situar o surgimento e massificação de como a internet, em relação a teoria da literatura, para investigarmos o texto literário na era da produção digital.

Palavras-chave: Franco “Bifo” Berardi; semiocapitalismo; linguagem; literatura; economia; capitalismo; subjetividade; inteligência artificial; LLM; *large language models*.

ABSTRACT

This research is structured around the body of work of the Italian Autonomist Marxist philosopher Franco “Bifo” Berardi, specifically his concept of semiotic capitalism, or semiocapitalism which was developed in response to the need to think language, economy and the rise of new forms of telecommunication technologies together. Therefore, it aims to analyze Berardi’s statement that subjectivity is affected by new modes of standardization that were made possible by network/wired technologies and the neoliberal globalization. Ultimately, this study seeks acts of language that might overcome such linguistic automatisms to rethink how language, literature and economy affect one another during contemporary process of subjectivation. Along these lines, the present research also aims to investigate literature in the age of digital production.

Key words: Franco “Bifo” Berardi; semiocapitalism; language; literature; economy; capitalism; subjectivity; artificial intelligence; LLM; *large language models*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Man stands on top of enormous pile of buffalo skulls.....	48
Figura 2: Tabela de stop words no processamento de um poema em Python.....	66
Figura 3: Modelo de word embedding.....	71
Figura 4: Delving into CHATGPT usage in academic writing through excess vocabulary.....	73
Figura 5: Linguistic echo chambers of LLMs.....	75
Figura 6: Linguistic echo chambers of LLMs 2.....	76
Figura 7: Copilot.....	77
Figura 8: “Franco “Bifo” Berardi e Antonio Negri debatem a leitura de Espinoza feita por Deleuze.....	78
Figura 9: Interface <i>Sudowrite</i>	96
Figura 10: Interface com o resultado gerado para continuação do texto	96
Figura 11: BTs aparecem	121
Figura 12: Sam fazendo entrega.....	123
Figura 13: A Praia.....	125
Figura 14: Sam encontra doações de outros jogadores	128

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Comparação entre as duas versões	69
Quadro 2: Processo de criação da IA	97
Quadro 3: Comparação entre citação e marcações	98

LISTA DE SIGLAS E ABREVIAMENTOS

DL	Deep Learning
GENAI	Inteligência artificial generativa
GPT	Generative Pre-trained Transformer
IA	Inteligência artificial
LLM	Large language models (Grandes modelos de linguagem)
ML	Machine Learning
NLP	Natural language processing (Processamento de linguagem natural)

Nota do autor

Leave metaphor and walk with me.
— Mahmoud Darwish

O pré-projeto que iniciou esta pesquisa, submetido ao fim de 2019, ao processo de seleção do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (POSLIT) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tinha um objetivo diferente da versão final presente neste texto. Mudança comum às pesquisas científicas, mas neste caso, relacionadas a uma série de fatores extratextuais que pretendo abordar com esta breve nota.

Inicialmente, parte do Programa de Pós-graduação em Literaturas de Língua Inglesa e intitulado *The Neo-Baroque Theater of Cruelty: Exhaustion and the Cancellation of the Future - From Reagan to Trump*, meu projeto foi interrompido em um primeiro momento pelo início da pandemia de COVID-19 (o que coincide com o começo do meu doutorado em março de 2020) e mergulhado em uma série de incertezas. Todo o esforço inicial vai para a readequação da minha pesquisa à realidade de isolamento social e prevalecem dúvidas sobre a retomada do funcionamento regular da universidade. Aulas remotas, prazos modificados, disciplinas canceladas, e cobranças acadêmicas injustificáveis que soavam absurdas diante do crescente número de mortos e a banalização da doença pelo então governo federal, presidido por Jair Messias Bolsonaro.

Como se não bastasse a crise sanitária de proporções globais, naquele mesmo momento, o governo federal retoma os ataques às instituições públicas de ensino. O que deve ser lido dentro do contexto de seu próprio governo, durante o qual, registrou-se redução de aproximadamente 8 bilhões de reais entre 2019 e 2022 em valores alocados para a educação. Destacamos, também, a publicação em 30 de setembro de 2022 do Decreto nº 11.216, que bloqueou parte do orçamento do Ministério da Educação (MEC), atingindo todas as unidades do próprio MEC, institutos federais, CAPES e outros. Com isso, as bolsas de milhares de pesquisadores foram afetadas.

Entretanto, os prazos e cobranças do programa continuam fundamentalmente presos em um labirinto kafkiano de burocracia que, já não consegue mais criticamente refletir sobre seu próprio funcionamento mesmo em condições tão adversas quanto as vividas entre 2020 e 2022. Peço licença para uma breve anedota pessoal, mas que se encaixa bem, como exemplo prático das tensões que descrevo. Durante uma disciplina sobre “biopolítica”, cursada remotamente em 2021, meu computador estragou. Curiosamente, mesmo com a mudança do formato de aula, os

professores em questão insistiram em manter o programa feito para um curso presencial. Apresentações individuais, artigos e trabalho final como sistema de distribuição de notas.

Entretanto, ao final do semestre, como já dito, fico sem ter acesso a aula, faltando apenas a entrega do trabalho final. Em um e-mail trocado com os professores sobre uma possível extensão do prazo de entrega, como resposta, recebo apenas “não seria justo com os outros alunos”. Notadamente, em um curso de *biopolítica*, o fato de eu ser o único sem acesso à internet e às aulas não possuía nenhuma relevância para quem lecionava os efeitos do neoliberalismo sobre a sociedade.

Eventualmente, no início de 2023 ocorre uma bem-vinda relocação do projeto, agora vinculado à Teoria da Literatura e Literatura Comparada. O que torna necessária sua readequação. Primeiramente, trocando o inglês pelo português, e em segundo lugar, adaptando o próprio tema à nova linha de pesquisa. Talvez minha melhor experiência ao longo do meu curso.

Por fim, ainda que mais graves, os cortes de verbas do governo Bolsonaro não devem ser lidos como um ataque historicamente localizado ao ensino público brasileiro, o que pode ser observado na falta de reajustes de valores e quantidade de bolsas disponíveis mesmo durante outros governos, nas regras de agências de financiamento como a CAPES que, em alguns casos exigem exclusividade do pesquisador ainda que este não seja pago o suficiente para isso. E a própria dependência que a universidade tem do trabalho pouco ou não remunerado de estudantes, estagiários e bolsistas. Um problema que é empurrado por governos de esquerda e direita há tanto tempo que muitas vezes é percebido como tradição e não como sinal de precariedade.

Novamente, *não há como desassociar a pesquisa científica de seu financiamento*. Porque não há como desassociar a pesquisa científica do seu pesquisador. Por isso gostaria de reforçar que sem o apoio da minha família e amigos, esta pesquisa não teria sido concluída. Pois, a previsão de conclusão e o calendário de atendimento da agência financiadora não coincidiram. Em 2024, sem a bolsa, a pesquisa deveria ser concluída e entregue da mesma forma. Ao fim e ao cabo, não considerar a pesquisa como trabalho, e a possibilidade do pesquisador se manter como fatores que influenciam as notas dos programas de pós-graduação, apenas força estes programas a criação de um ambiente de “publique ou morra” que pouco ou nada tem a ver com a qualidade dos estudos apresentados. Um problema estrutural tão grande que mesmo um curso afiliado às ciências humanas parece se esquecer que por trás da frase “Nota 7 no CAPES” há um sujeito com

necessidades específicas. Em outras palavras, as condições que mantêm o trabalho imaterial possível são bem materiais.

Encerro esta nota, já maior do que inicialmente esperado, com um trecho de *Quem Matou Meu Pai*, do escritor francês Édouard Louis,

Macron, Hollande, Valls, El Khomri, Hirsch, Sarkozy, Bertrand, Chirac. A história do seu sofrimento carrega esses nomes. A história da sua vida é a história de uma pessoa após a outra te derrotando. A história do seu corpo é a história desses nomes, um após o outro, te destruindo. A história do seu corpo se coloca como uma acusação contra a história política (2018, s.p., tradução nossa).

Da mesma forma que a história da universidade pública brasileira e de todos que passam por ela é marcada pelos nomes Luís Inácio Lula da Silva, Jair Messias Bolsonaro, Michel Temer, Dilma Rousseff, Fernando Henrique Cardoso, Itamar Franco, Fernando Collor de Mello...

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 CAPITALISMO SEMIÓTICO	27
1.1 Semiocapitalismo e cognitariado: a versão berardiana	32
1.2 <i>Belo mundo, onde você está: o dilatamento do presente e a perda da diacronia existencial do sujeito</i>	35
1.3 Echeverría e a modernidade capitalista	44
1.3.1 Ethos moderno, espírito barroco e imaginação protestante	46
1.3.2 Ethos moderno e a colonização da América Latina	49
2 LINGUAGEM E AUTOMAÇÃO	53
2.1 Viver em um mundo conectado	54
2.2 Inteligência artificial, automação da linguagem e semiocapitalismo	58
2.2.1 Linguagem utilitária e sem vínculos sociais e emotivos	66
2.3 A LLM e a produção intelectual	72
3 LITERATURA NA ERA DIGITAL	81
3.1 Um engajamento filosófico com o texto literário	82
3.1.1 Literatura e economia	83
3.1.2 Sobre o virtual	89
3.2 Literatura, automação e estranhamento	91
3.2.1 Literatura na era digital e criação automatizada	93
4 ENTRE O ANÁLOGO E O DIGITAL	101
4.1 Semiocapitalismo e a classe virtual	104
4.1.1 Cyberspaço e cybertempo	106
4.2 Vontade de virtualidade e futurabilidade	108

4.3.1. A inviabilização do futuro e o mundo de <i>Death Stranding</i>	117
CONCLUSÃO	129
REFERÊNCIAS	133
ANEXOS	138
ANEXO A	138
ANEXO B	142
ANEXO C	147
ANEXO D	150
ANEXO E	157
ANEXO F	168

INTRODUÇÃO

Observemos os trechos que se seguem, o primeiro, extraído do romance *Beautiful world, where are you* (2021), de Sally Rooney,

But we all have something wrong with us anyway, don't we? I looked at the internet for too long today and started feeling depressed. The worst thing is that I actually think people on there are generally well meaning and the impulses are right, but our political vocabulary has decayed so deeply and rapidly since the twentieth century that most attempts to make sense of our present historical moment turn out to be essentially gibberish. Everyone is understandably attached to particular identity categories, but at the same time largely unwilling to articulate what those categories consist of, how they came about, and what purposes they serve [...] But looking at the internet, [...] The only idea on there seems to be that we should watch the immense human misery unfolding before us and just wait for the most immiserated, most oppressed people to turn around and tell us how to stop it. It seems that there exists a curiously unexplained belief that the conditions of exploitation will by themselves generate a solution to exploitation—and that to suggest otherwise is condescending and superior, like mansplaining. But what if the conditions don't generate the solution? What if we're waiting for nothing, and all these people are suffering without the tools to end their own suffering? (2021, p. 60-61)².

E o segundo, do livro *Asfixia: capitalismo financeiro e insurreição da linguagem* (2020) de Franco “Bifo” Berardi,

Vamos voltar à Dialética de Horkheimer e Adorno: Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino. Abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perde seu caráter superador e, por isso, também sua relação com a verdade. A disposição enigmática das massas educadas tecnologicamente a deixar dominar-se pelo fascínio de um despotismo qualquer, sua afinidade autodestrutiva com a paranoia racista, todo esse absurdo incompreendido manifesta a fraqueza do poder de compreensão do pensamento teórico atual. Na era Trump, o caráter autodestrutivo do Iluminismo denunciado por Adorno e por Horkheimer está alcançando seu ponto culminante: as forças iluministas da ciência e da tecnologia revelaram mais uma vez sua duplicidade e estão devorando a democracia e a autodeterminação humanista (2020, p. 163).

² Mas todos nós temos algo errado, não é? Eu fiquei na internet por muito tempo hoje e comecei a me sentir deprimida. O pior é que eu realmente acho que as pessoas lá são geralmente bem-intencionadas e os impulsos estão certos, mas nosso vocabulário político decaiu tão profunda e rapidamente desde o século XX que a maioria das tentativas de dar sentido ao nosso momento histórico atual acabam sendo essencialmente incoerentes. Todos estão compreensivelmente apegados a categorias de identidade específicas, mas ao mesmo tempo em grande parte relutantes em articular em que consistem essas categorias, como surgiram e a que propósitos servem [...] mas na internet [...] a única ideia parece ser que devemos assistir à imensa miséria humana se desenrolando diante de nós e apenas esperar que as pessoas mais miseráveis e oprimidas se virem e nos digam como pará-la. Parece que existe uma crença curiosamente inexplicável de que as condições de exploração gerarão por si mesmas uma solução para a exploração — e que sugerir o contrário é condescendente e superior, como *mansplaining*. Mas e se as condições não gerarem a solução? E se estivermos esperando por nada, e todas essas pessoas estiverem sofrendo sem as ferramentas para acabar com seu próprio sofrimento? (tradução nossa).

Os dois trechos em questão nos levam diretamente aos tópicos que guiam esta tese, os processos de subjetivação contemporâneos que ocorrem em relação às novas tecnologias de telecomunicação e o efeito de hegemonização da linguagem através de sua automatização pelos mesmos aparelhos tecnológicos. O romance de Rooney repensa a estrutura do romance de formação para acompanhar a vida de quatro amigos em uma Irlanda mergulhada em sucessivas crises econômicas e programas de austeridade. Enquanto Berardi, esboça uma crítica do que se refere por iluminismo digital e como em relação direta à expansão da infoesfera, experimentamos uma crise da Razão, dentro da qual, a completa submissão da vida a automação digital poderia ser pensada como o lado sombrio da realização de um projeto iluminista, o completo domínio da realidade pela razão.

Destacamos inicialmente que falar sobre este processo de automação é, na verdade, abordar a relação entre a computação e a cognição humana, o que nos leva a questionar as diferenças do processo que vivemos na chamada era digital e como ele se diferencia de outras interações entre o homem e o aparato tecnológico ao longo da história. Questionamento que traz em si uma segunda interrogação, quais os efeitos destes movimentos sobre o sujeito que se vê existindo em dois planos de forma simultânea, o virtual e o concreto, ou corpóreo (para evitarmos opor virtual e real, termo que traz consigo uma série de conflitos que vão além do escopo de nosso estudo).

A resposta dada por Berardi ao problema da relação entre tecnologia e subjetividade, evoca uma falha geracional. Para o autor, os rebeldes de sua geração, estudantes, trabalhadores grevistas e professores universitários que protestavam por melhores condições de trabalho ao fim dos anos 1960 e ao longo de toda a década de 1970, não enxergavam a tecnologia como instrumento, mas “como uma dimensão totalizante, abrindo infinitas bifurcações possíveis e, simultaneamente, impondo uma estrutura inescapável de restrições econômicas.”³ (2009, p. 28, tradução nossa). Em outras palavras, o problema da técnica é trago à tona pela luta trabalhista, mas é logo posto de lado por ser percebido como uma questão meramente capitalista.

Entretanto, nas décadas que se passam, a união entre economia e técnica coloca em movimento uma série de automatismos que se estendem das linhas de montagens aos processos de subjetivação do sujeito. Em um movimento que torna “democracia” um termo morto para Berardi. Uma triste ironia, aos olhos do autor, pois, a sua geração, apesar de ter percebido que a democracia

³ “*as a totalizing dimension, opening infinite possible bifurcations, and simultaneously imposing an inescapable framework of economic constraints.*”

estava morrendo – apontando como a política de representação não mais funcionava e se sustentava apenas como um ritual cada vez mais esvaziado de significado, no qual decisões econômicas que de fato determinam os rumos de um país, são tomadas e mantidas independente dos resultados das eleições – foi incapaz que realizar que a perda da eficácia política está ligada ao casamento dos poderes econômicos e tecnológicos. Engajamento teórico que exigia uma nova abordagem e contra o qual, Berardi elabora sua teoria de semiocapitalismo, um dos principais pontos de sua obra intelectual.

O semiocapitalismo berardiano aparece como uma manifestação do próprio modelo capitalista, porém está assentado sobre a noção de trabalho imaterial e em relação a um processo de expansão da infoesfera, em uma constante automação. As novas tecnologias de informação, como a internet, e a fusão entre mídia e capital, não se limitam em apenas substituir os antigos modelos de produção. O processo em curso transforma a atividade cognitiva em si. E este seria o pilar de sustentação do semiocapitalismo: a acumulação de signos como recursos econômicos e a completa subsunção de atividades cognitivas como memória, imaginação e linguagem ao capital (Berardi, 2015a).

A compreensão desta extrapolação teórica ganha maior clareza quando vista em comparação com a produção biopolítica de Antonio Negri e o virtuosismo de Paolo Virno. Como já explicado, adotamos a versão berardiana como recorte central do presente estudo, pois ela não apenas busca pensar nos modelos de telecomunicação, sem cair em um discurso tecnofóbico – mas principalmente por ser uma inclinação teórica que considera fortemente a literatura como uma forma viável de engajamento filosófico – num sentido que vamos esclarecer. Localizamos este traço, dentro de sua produção intelectual como uma forte influência de Gilles Deleuze, Felix Guattari e Jean Baudrillard que, cada um a sua maneira, “abordam textos ficcionais, não simplesmente como textos literários aguardando “leituras” teóricas, mas como eles próprios já intensamente teóricos”⁴ (Fisher, 2018, p. 5, tradução nossa).

Berardi (2020) afirma que a poesia moderna, já no século XIX, teria antecipado e prefigurado o afastamento da linguagem da esfera afetiva, o que viria a acontecer diante dos movimentos de financeirização da economia que, desde as primeiras décadas do século XX, assimilam a linguagem e congelam suas potências afetivas. Esta afirmação nos ajuda a entender o

⁴ “*Approach fictional texts, not simply as literary texts awaiting theoretical ‘readings’, but as themselves already intensely-theoretical.*”

lugar do texto poético em seu projeto intelectual: ora, se a poesia, e especialmente, os poetas simbolistas franceses e russos, foi capaz de prever “o esquecimento do referente e com a evocação autônoma do significante” que ocorreria na economia (p. 17), talvez a poesia possa fazer também o caminho inverso. Isto é, não mais antecipar, mas oferecer um caminho de volta à afetividade da linguagem. Para Berardi, a poesia é sempre excesso, e por se caracterizar como tal, surge como uma possibilidade para lidarmos com o uso utilitarista da linguagem pela automação digital.

O caminho teórico tomado por Berardi se inicia através de uma leitura conjunta de três distintos discursos, o econômico, o tecnológico e o literário, questionando as maneiras através das quais as áreas já interagiam entre si ou os motivos pelos quais poderiam se ignorar. Nosso interesse, nesta investigação é ir além de simplesmente ver no texto literário um mecanismo de representação, naturalizada ou crítica, da economia e das tecnologias de telecomunicação. Buscamos nos inserir em um diálogo atual e relevante que busca dissociar as ciências humanas, em nosso caso, a teoria da literatura, de práticas ludistas de rejeição total às transformações tecnológicas para destacar como e em que medida as ciências exatas, ou mais precisamente, as ciências da computação, em um movimento inverso, precisam das humanas para colocar o sujeito de volta ao centro dos debates tecnológicos.

Empreitada ambiciosa que demanda um recorte mais específico e que nos leva a centralizar nosso objetivo sob o seguinte foco: “a renúncia da linguagem à sua criatividade e sua entrega à automação da funcionalidade linguística” (2020, p. 145), fenômeno possível pelo meio das novas formas de telecomunicação e massificação da internet. O que nos levará à análise de modelos de inteligência artificial generativos e seus efeitos sobre a linguagem e subjetividade.

Além de Franco “Bifo” Berardi, cuja teoria de semiocapitalismo é o fio condutor que atrela os diferentes capítulos e argumentos desta tese, destacamos como nossa inspiração, Arthur Kroker, pesquisador canadense de tecnologia, política e cultura, e que nos ajudará a pensarmos nos deslocamentos que culminaram em uma virtualização da burguesia. Participam também do nosso campo teórico-analítico, para a composição da noção de *vontade de virtualidade*, Gilles Deleuze e Felix Guattari através da leitura deleuziana de Espinoza; e do processo de ressemiotização do mundo, conhecido como *caosmose*. Solicitamos ainda algumas ideias do filósofo mexicano/equatoriano Bolívar Echeverría, para que pensemos na virtualização da experiência humana, um processo de retoma características barrocas, evitando criar um enclave intelectual de

teorias do/sobre o norte global, ao trazer a América Latina para o diálogo de uma forma não-estigmatizada ou exótica.

Destacamos a influência de Jean Baudrillard e chamando a atenção para a centralidade do seu pensamento na obra de Berardi, e, por isso, nosso entendimento a respeito de conceitos como os de *inteligência artificial*, *cyberespaço* e *cyber tempo* serão abordados a partir do autor francês. De acordo com Baudrillard, programas de inteligência artificial anulam as “reservas de inutilidade”, isto é, o ócio ou vazio que despragmatiza a linguagem. O fim dessas reservas abre a possibilidade de falarmos em uma completa codificação da experiência humana. Tudo pode e será processado pelo código, e o mundo virtual se transforma em um, imenso e inespecífico, depósito de informações. Pois, segundo a interessante formulação de Baudrillard, é o excesso de realidade que acabaria com a realidade, assim como, o excesso de informação acaba com a informação. Fenômeno que ocorre ao mesmo tempo em que no lugar de pensar o aparato tecnológico como uma extensão do corpo ou um processo de invasão, busca destacar “o desdobramento da interioridade em uma exterioridade pura, registrado pelo sujeito como choque ou trauma”⁵ (Fisher, 2018, p. 13, tradução nossa). Subverte-se, então, o motivo da ansiedade do sujeito moderno. Não mais causada pela individualidade e alienação. Para Baudrillard, deve-se pensar na ansiedade causada pela negação desse isolamento através da constante conectividade.

Além disso, observamos que apesar da clara influência de pensadores como Gilles Deleuze, Félix Guattari e Jean Baudrillard, nomes que, ao lado do alemão Niklas Luhmann⁶, teriam escrito para Berardi, os livros teóricos mais importantes das décadas de 70 e 80, é no italiano que o cotejamento interdisciplinas ao moldes dos autores citados, aproxima-se mais dos estudos literários e encontramos uma leitura do texto poético como, o que que na linguagem não se reduz a informação, ou ainda, ‘o excesso que ultrapassa o limite e se furta à medida’ (2020, p. 141), e por isso, atuaria como uma intervenção possível para a reativação do corpo social e das potências afetivas da linguagem. Como visto em *Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*⁷ (2020), caso tomemos o que costumeiramente chamamos de mundo por um “processo

⁵ “the folding Out of interiority into a pure exteriority, registered by the subject as shock or trauma.”

⁶ Sobre suas principais influências, em *Asfixia* (2020) lemos, “Lembro-me do que era o pensamento francês nos anos 1970 e 1980, na era de Gilles Deleuze e de Félix Guattari, de Michel Foucault, de Jacques Derrida e de Jean-François Lyotard [...] também penso nos livros *O Anti-Édipo*, e em *A troca simbólica e a morte*, de Baudrillard [...] então me volto para o panorama da filosofia alemã dos anos 1970 e 1980: analiso os debates entre Jürgen Habermas e Niklas Luhmann” (p. 37-38).

⁷ O livro *Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*, publicado no Brasil pela editora Ubu com tradução de Humberto do Amaral é na verdade uma compilação de dois outros trabalhos de Berardi. Os títulos *The*

de organização semiótica do estofado pré-linguístico” (p. 141), o ato poético, ou excesso semiótico, pode revelar o que estaria além de tal limite previamente convencionalizado. O que justificaria a relevância do presente estudo dentro da Teoria da Literatura⁸.

Nossa tese se divide em quatro capítulos organizados tematicamente da forma que se segue:

O Capítulo 1 examina a construção dos fundamentos teóricos do capitalismo semiótico berardiano, ou semiocapitalismo, a fim de compreender o processo de transformação da economia em um sistema de trocas linguísticas, conhecido como financeirização, que ocorre ao mesmo tempo, em que a linguagem era captada pela máquina digital e financeira. Vamos lidar em *primeiro* plano com uma reflexão sobre os processos de *assujettissement*⁹ e como eles seriam afetados pelo semiocapitalismo. Assim, poderemos debater a tese berardiana de que dentro de um regime semiocapitalista, a subjetividade é submetida a novos modos de padronização criados pelas tecnologias de rede e globalização neoliberal. Com isso, buscaremos atos de linguagem que superem ou, pelo menos coloquem em perspectiva, estes automatismos linguísticos para, então, repensarmos na relação entre linguagem, literatura e economia na formação da subjetividade contemporânea à luz do pensamento autonomista¹⁰.

Para tanto, organizamos o capítulo em duas partes principais: começaremos estabelecendo o conceito “semiocapitalismo” como postulado por Berardi, situando-o em relação à outras teorias

Uprising: On Poetry and Finance (2012) e *Breathing: Chaos and Poetry* (2018). Observamos que salvo o uso da versão publicada pela Ubu, todos os textos de Berardi utilizados pelo presente estudo são de tradução nossa.

⁸ Ao refletir sobre suas principais influências dentro do pensamento europeu durante as décadas de 1970 e 1980, Berardi o faz buscando um diálogo com nomes do cenário intelectual europeu contemporâneo e afirma que, atualmente o cinismo invadiu a esfera do pensamento tanto quanto já havia dominado a esfera política. “A Paris de hoje é uma cidade em que o pensamento foi transformado em jornalismo, em repetição contínua [...] os não pensadores cínicos que habitam a cena parisiense, outrora denominados *nouveaux philosophes*, pavimentam as estradas para o dogmatismo, para a violência, para o racismo, para o empobrecimento e para a ditadura financeira” (2020, p. 39), afirma o autor, em *Asfixia*, sobre um contexto no qual, a possibilidade de uma nova forma de pensamento crítico surgiria através da literatura e outras artes.

⁹ Assujeitamento. O termo entra no pensamento berardiano através de sua leitura de *Caosmose: um novo paradigma estético* (1992) de Félix Guattari. Usado por Berardi, a partir da necessidade de se pensar na emergência de novas formas de subjetivação que escapem dos processos de padronização produzidos pela internet e globalização neoliberal.

¹⁰ Em *Precarious Rhapsody* (2009), Berardi estabelece dois pontos centrais sobre o movimento político conhecido como *Autonomia* ou *marxismo autonomista*. Primeiramente, em termos gerais, observamos que a origem “deste movimento filosófico e político pode ser identificada nas obras de Mario Tronti, Romano Alquati, Raniero Panzieri, e Toni Negri, e seu foco central pode ser visto na emancipação do conceito hegeliano de sujeito”, em busca de uma centralidade dos *processos de subjetivação* nos debates políticos (p. 74, tradução nossa). Na Itália o movimento é historicamente conhecido como *operaísmo*, (do italiano *operai*, ou trabalhadores) termo que Berardi evita, preferindo falar em *composicionismo*, a partir da ideia de composição de classe. Conceito que era extensivamente debatido pelos intelectuais responsáveis pela formação do movimento na Itália, principalmente em relação, em um momento inicial, à insatisfação dos trabalhadores do setor automotivo em Torino. Sobre a história do movimento teórico-político conhecido como autonomia, destaque o livro *Storming Heaven: Class Composition and Struggle in Italian Autonomist Marxism* (2002) de Steve Wright.

sobre os processos de subjetivação e a captação da linguagem pela economia financeira, que surgiram de forma concomitante, dentro do mesmo recorte histórico, teórico e político. E abordaremos, em um segundo momento, os projetos de modernidade que servem de contexto histórico para seu modelo teórico, dentro dos quais, destacamos o filósofo marxista equatoriano/mexicano Bolívar Echeverría, com quem Berardi dialoga para pensar na imaginação pós-moderna como o ressurgimento do espírito barroco. Neste capítulo, o romance *Belo Mundo, onde você está* de Sally Rooney nos ajudará a abordar as questões teóricas apresentadas.

No Capítulo 2, lidaremos com a correlação entre a massificação de tecnologias de telecomunicação, como a internet, e o aumento da precariedade da vida, a partir do que Berardi chama de *invasão tecnológica digital na esfera da comunicação humana* que se manifesta nas tecnologias de automação da linguagem e geração de textos através de modelos de inteligência artificial. Iniciaremos o capítulo com uma abordagem comparativa entre a *cosmothechnics* de Albert Szent-Györgyi, bioquímico húngaro, vencedor do Nobel de fisiologia ou medicina em 1937, que através do termo observa a necessidade de uma nova abordagem ética em relação ao mundo, que responda, diretamente, aos desafios trazidos pela era da conectividade em escala global, e o *technological fix* de Alvin M. Weinberg que buscava reduzir os problemas sociais a problemas tecnológicos. Para realizar esta comparação retomamos a afirmação feita por Jean-François Lyotard em seu *A Condição Pós-Moderna* (1979). O autor francês, através de uma leitura do aparato tecnológico e da inversão de seu papel como instrumento diante da chegada da computação, descreve assertivamente uma realidade na qual “o relacionamento entre ciência e tecnologia é invertido. A tecnologia não serve mais a ciência, tanto quanto a ciência serve à tecnologia” (p. 19, tradução nossa).

Em seguida, para pensarmos nos modelos de automação, trabalhamos analiticamente a tecnologia de processamento de texto natural (NLP) e suas ramificação em LLM, ou *large language model*, isto é, analisaremos alguns modelos de inteligência artificial para a geração automática de textos para, finalmente, estudar certos efeitos de padronização da linguagem pelo uso de inteligência artificial generativa, focando em seus efeitos sobre a produção acadêmica.

No Capítulo 3, exploraremos as condições de possibilidade da literatura, bem como a (im)possibilidade de produção criativa em face dos modelos de inteligência artificial generativa. No desenvolvimento desta análise, recorreremos às leituras de Sarah Comyn, *Political Economy and the Novel: A Literary History of "Homo Economicus"* (2018), Mary Poovey, *Genres of the*

Credit Economy: Mediating Value in Eighteenth and Nineteenth-Century Britain (2008), e Tamara S. Wagner, *Financial Speculation in Victorian Fiction* (2010), de modo a examinar as interseções e fricções entre a economia e a literatura. Este percurso permitirá o levantamento de ferramentas analíticas que nos auxiliarão na compreensão do texto literário na era digital, ao mesmo tempo em que investigaremos como a convergência entre os discursos literário e econômico antecipa, em diversos aspectos, a interação da literatura com as tecnologias de telecomunicação. Ao que se segue, lidaremos com a escrita de ficção e poesia através de modelos de LLM e elaboraremos os problemas com a execução de tais tarefas pelos modelos de IA.

Finalmente, no Capítulo 4, desenvolvemos a noção de *vontade de virtualidade* de Arthur Kroker indo ao encontro do conceito de semiocapitalismo berardiano. Dentro deste contexto, retomaremos a desterritorialização e desmaterialização dos modelos econômicos como trabalhados no “Capítulo 1” para elaborar sinteticamente a sua noção de uma classe virtual e sua relação com a tecnologia. O que nos levará a nos aprofundarmos na bifurcação entre *cyberespaço* e *cyber tempo* pensada por Berardi.

Neste momento, observamos a era digital como marcada por “uma tristeza generalizada [...], permeada por um sentimento permanente de insegurança e precariedade”. Para pensar a respeito desta tristeza, voltamos a Berardi e o sujeito forçado a existir como empreendedor, em um ethos que nos informa tacitamente a respeito da hegemonia neoliberal a partir da qual é “melhor sentir-se bem e se gratificar hoje se o amanhã não tiver perspectivas” (Benasayag, Schmit, 2004, s.p., tradução nossa). Essa relação com o presente culmina na deflação de expectativas do sujeito em relação ao futuro e impede a distinção entre possibilidades e prescrições. Por fim, o videogame *Death Standing* (2019) de Hideo Kojima nos ajudará a pensar na extrapolação das possibilidades narrativas na era digital.

1 CAPITALISMO SEMIÓTICO

O que importa no capitalismo é controlar os dispositivos semióticos a-significantes [...] através dos quais ele busca despolitizar e despersonalizar as relações de poder [...] na crise econômica, taxas financeiras a-significantes e índices do mercado de ações dominam, decidindo a vida e a morte dos governos e impondo programas sociais e econômicos que oprimem os governados. As semióticas significantes das mídias, dos políticos e dos especialistas são mobilizados a fim de legitimar, de apoiar e de justificar, diante dos sujeitos individuados – com suas consciências e representações –, o fato de que “não há alternativa.

— Maurizio Lazzarato, *Signos, Máquinas e Subjetividades*

Even writing this email I’m feeling a little loose and dissociative. Rilke has a poem that ends: ‘Who is now alone, will long remain so, / will wake, read, write long letters / and wander restlessly here and there / along the avenues, as the leaves are drifting.’ A better description of my present state I couldn’t invent, except it’s April and the leaves aren’t drifting. Forgive the ‘long letter’, then. I hope you’ll come and see me.

— Sally Rooney, *Beautiful world, where are you*

Em *Precarious Rhapsody: semiocapitalism and the pathologies of the post-alpha generation* (2009a), Berardi postula que, por semiocapitalismo, devemos entender *uma manifestação do próprio modelo capitalista construída sobre o trabalho imaterial e a expansão da infoesfera, em constante processo de automação*. Este fenômeno social não apenas substitui os antigos modelos de produção. As novas tecnologias de informação, como a internet, e a fusão entre mídia e capital, transformam muito mais que “somente” os modos de produção, eles interferem diretamente sobre a atividade cognitiva dos seres humanos. Este é o pilar de sustentação do semiocapitalismo: a acumulação de signos como recursos econômicos e a completa subsunção de atividades cognitivas como memória, imaginação e linguagem ao capital (Berardi, 2015a).

De saída, fica evidente a correlação entre a transferência da função produtiva para formas imateriais de trabalho e o surgimento de novas formas de telecomunicação. Negri (2001)¹¹ já observava a não necessidade de um capital fixo como ferramenta de trabalho, pois a comodificação de todas as esferas da experiência humana tornaria o cérebro a única ferramenta de fato necessária. Este tipo de argumento foi levado a outro extremo por Marazzi (2010) que vê uma mutação radical também na natureza das relações de consumo. Para este autor, a força de trabalho, graças a sua virtualização, foi externalizada até mesmo para o consumidor, quando este atua, por exemplo, na comum prática de testes beta de videogames feita por jogadores. Nestes testes, são transferidas para

¹¹ Em *Exílio* (2001), Negri escreve “O trabalhador não precisa mais de ferramentas de trabalho (ou seja, de capital fixo) que sejam postas à sua disposição pelo capital. O mais importante capital fixo, aquele que determina os diferenciais de produtividade, doravante está no cérebro das pessoas que trabalham: é a máquina-ferramenta que cada um de nós traz em si.”

o próprio consumidor as análises que deveriam ser feitas pela empresa. Além disso, o simples uso de redes sociais e valorização dos dados de seus usuários pode ser vista como um outro exemplo deste sistema, no qual o consumidor produz o conteúdo que irá consumir e gera lucro para as companhias responsáveis pelas plataformas que não criam o produto que vendem. Lazzarato (2003) chama a atenção para o fato de que, se o capitalismo não é mais capitalismo de produção, podemos pensar em um capitalismo de “produto”, no qual o “marketing não é mais uma ferramenta de venda, mas um mecanismo constituinte das relações sociais”¹² (“Struggle, Event, Media”, Lazzarato, 2003). Consumir se torna tanto uma manifestação do trabalho imaterial quanto a possibilidade de pertencimento a um mundo.

Berardi, por sua vez, parece situar a economia moderna em uma posição ambígua em um sistema instável sobre o qual o sujeito tentaria existir. De forma mais clara, o semiocapitalismo, como proposto pelo autor, postula que a produção de bens, materiais e imateriais seria traduzida em uma constante combinação e recombinação de informação na forma de algoritmos, especulação e crédito. O importante, neste cenário, é a constatação de que no semiocapitalismo, ainda que a produção de bens físicos tenha assumido um caráter secundário, neste modelo que privilegia a abstração financeira, as formas que tornam essa imaterialidade possível são *materiais*, como veremos a seguir. Por isso, a ambiguidade e instabilidade do sistema.

Conforme a argumentação apresentada em *Le capital fictif*¹³: *comment la finance s'approprie notre avenir* (2014) de Cédric Durand¹⁴, não podemos pensar nas finanças como uma esfera completamente autônoma, pois ela se desenvolve em relação à economia, ainda que se mantenha, até certo ponto, fora do mundo de produção¹⁵. Neste tópico reside, em nosso ponto de vista, o apelo e o perigo de tal sistema.

¹² “Marketing is no longer merely a technique for selling, but a mechanism that is constitutive of social relations.” Disponível em: <https://transversal.at/transversal/1003/lazzarato/en>. Tradução do italiano para o inglês feita por Aileen Derieg.

¹³ Em termos gerais, entende-se por capital fictício, um ativo financeiro ligado a uma *promessa* de renda futura. Sua liquidez está ligada à valorização especulativa, taxas de juros, entre outros.

¹⁴ Professor de Teorias de Economia e Desenvolvimento na Universidade de Paris 13 e na EHESS. Através de uma leitura que complementa o conceito marxista de “capital fictício”, com teoria econômica pós-Keynesiana, Durand busca pensar na economia financeira a partir do impacto da “socialização dos custos” e consequente precariedade gerada por estes modelos.

¹⁵ Ver Berardi (2020), Durand (2014; 2020), Lazzarato (2014), Marazzi (2008; 2010).

De toda forma, no que diz respeito à estruturação das finanças, dois pontos serão constantemente retomados pelo presente estudo, sua dinâmica especulativa e uma fraca, mas necessária, relação com o processo de produção de bens materiais.

Assim, a leitura berardiana da dicotomia entre materialidade e imaterialidade da economia é, em um primeiro momento, feita pelo autor a partir da tradição autonomista¹⁶, que não vê o conceito de “classe operária” como detentor de uma ontologia própria. O trabalho, para Berardi e seus contemporâneos, dos quais destacamos Antonio Negri e Paolo Virno, deveria ser entendido como um *vetor*, em uma abordagem teórica fortemente influenciada pela leitura de Foucault, Deleuze e Guattari, e graças a qual, falava-se em uma intervenção nos circuitos de produção de subjetividade, então entendidos como o principal espaço para as lutas políticas (Eden, 2012). Ao que se segue, Negri, Virno e Berardi, apesar de compartilharem do mesmo contexto histórico e tradição teórica, elaboram três variações distintas de um mesmo tema: uma releitura do conceito marxista de intelecto geral¹⁷, que visa analisar a questão da subjetividade e as mudanças sofridas pela composição e organização do proletariado e modelos de produção.

Sobre o caminho tomado por Negri, destacamos a ressignificação do conceito “comum” [*the common*], sua relação com a multidão¹⁸ e a própria ideia de trabalho¹⁹. O conceito, como aqui entendido, “não coloca a humanidade separada da natureza [...] centra-se, antes, nas práticas de interação, cuidado e coabitação num mundo comum” (Hardt; Negri, 2016, p. 8); logo, o comum é tanto o que é explorado pelo capitalismo, quanto a razão pela qual a multidão se organizaria e formaria uma resistência. Assim, Negri transfere a centralidade dos modelos de produção de subjetividade da fábrica para a metrópole como um todo. Mais que apenas um ambiente construído e formado por ruas, prédios e casas, a metrópole se torna o espaço onde a produção biopolítica

¹⁶ Como explicado na “Nota 2”, devido a centralidade da obra de Berardi no presente estudo, seguiremos a escolha do autor e usaremos “composição/composicionismo” no lugar de “autonomia”, “autonomia marxista” ou “operaísmo” nos capítulos que se seguem.

¹⁷ Expressão criada por Karl Marx para se referir a dimensão coletiva e social da atividade intelectual quando esta é a principal fonte de produção de riqueza. Mencionado pela primeira vez nos *Grundrisse*, mais especificamente no Caderno VII “Fragmento sobre as Máquinas”.

¹⁸ A “multidão” para Negri, difere-se do conceito de povo, por não representar uma aparente unidade, ou um poder hegemônico sobre a pluralidade do grupo. Assim, a multidão seria “composta de inúmeras diferenças internas que nunca poderão ser reduzidas a uma unidade ou identidade única – diferentes culturas, raças, etnias, gêneros e orientações sexuais; diferentes formas de trabalho; diferentes maneiras de viver; diferentes visões de mundo; e diferentes desejos. A multidão é uma multiplicidade de todas essas diferenças singulares.” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 12).

¹⁹ Ver *Império* (2001); *Multidão: Guerra e Democracia na Era do Império* (2005); e *Bem-estar comum* (2016) de Michael Hardt e Antonio Negri.

ocorreria, pois é o espaço do comum, onde a criatividade, os laços sociais, circuitos intelectuais e práticas culturais tomariam forma e, de fato, ocorreriam. Em outras palavras, o que se produz nas metrópoles é a própria subjetividade, não havendo mais uma separação rígida entre os processos de subjetivação e os processos de valorização, ambos já internalizados pelo trabalho.

Certamente, esta é a leitura mais positiva dentre as três variações e contra a qual Berardi mais fortemente se posiciona. Como visto em “What about the dark side of Multitude?” (Hardt; Negri, 2015c), ainda que Hardt e Negri tenham sido capazes de repensar a relação entre comunicação social, subjetividade e poder global, de uma forma que escapasse da falsa alternativa entre o completo controle capitalista ou a nostalgia pela tentativa socialista do século XX, Berardi problematiza os conceitos de “Império” e “Multidão” como desenvolvido pelos autores, função de, notadamente, seu entendimento da relação entre a internet e estruturas de poder.

Em outras palavras, com “Império”, Hardt e Negri tentam articular a política com o sistema de comunicação de rede, mas falham, para Berardi, ao ver a internet como um ambiente, um espaço onde essas relações ocorreriam e não como um *instrumento* para estas relações.

Já a noção de “multidão” soa para Berardi como

uma tentativa fracassada de renomear o sujeito, após o enfraquecimento da força de trabalho industrial e a decomposição da classe trabalhadora que se seguiu à globalização e precarização dos anos 1990. Este conceito não é suficiente para construir o processo de subjetivação de que precisamos na nova esfera do capitalismo global [...] O lado sombrio da Multidão é esquecido na formulação de Hardt e Negri. Depressão, pânico e suicídio têm marcado a fenomenologia da vida da primeira geração conectiva (até agora) e o conceito de “Multidão” não está lidando com esse lado sombrio, que é essencial se quisermos encontrar uma imaginação para os movimentos que virão²⁰ (Berardi, 2015c, p. 311-312, tradução nossa).

O problema central levantado parece, então, estar localizado em uma má interpretação de Espinoza. Para Berardi, Negri sustenta sua leitura de potência infinita na filosofia Espinoziana²¹, na qual o ser não busca ser submetido a um devir que não detenha verdade. A partir do que Negri, de forma inflexível, tenta, segundo Berardi, reivindicar certa visão do mundo como uma necessidade absoluta (Berardi, 2017, p. 8-9).

²⁰ “a failed attempt in renaming the subject, after the weakening of the industrial labor force, and the decomposition of the worker class that followed the globalization and precarization of the 1990s. This concept is not sufficient to build the process of subjectivation that we need in the new sphere of global capitalism [...] The dark side of Multitude is forgotten in the Hardt-Negri formulation. Depression, panic, and suicide have been marking the phenomenology of life of the first connective generation (so far) and the concept of “Multitude” is not dealing with this dark side, which is essential if we want to find an imagination for movements to come.”

²¹ Berardi se refere aos livros *A anomalia selvagem: Poder e potência em Espinoza* (2018) e *Espinoza Subversivo* (1992).

Berardi, em contrapartida, reconhece como tarefa filosófica a necessidade de se pensar nos limites da potência e o paradoxo da possibilidade da impossibilidade de libertação. Além disso, a Berardi parece crucial, tematizar a emergência de novos e radicais processos de subjetivação. Opondo-se a Negri, portanto, Berardi argumenta que *a emancipação é uma possibilidade, ainda que cada vez mais improvável, e não uma necessidade* (Berardi, 2017). Em suas palavras, “todo o Viagra retórico provido pela leitura de Espinoza feita por Negri”²² (Berardi, 2017, p. 9, tradução nossa), nada pode diante da impotência política das formas contemporâneas de subjetividade²³.

Por fim, chegamos a Virno, cuja posição está mais próxima de Berardi do que de Negri. Virno (2004) entende o conceito de “multidão”, como uma composição de indivíduos sociais, em um contexto no qual “social” configura-se como pré-individual. Desta forma, o indivíduo é composto através de constantes processos de individualização²⁴. Isto é, nesta teoria *da individualização*, o indivíduo seria o ponto de chegada, não de partida.

Além disso, Virno vê a subjetividade como uma força ambivalente e igualmente propensa a se desenvolver tanto como um impulso emancipatório, quanto como um violento processo de submissão (Virno, 2004; Eden, 2012). Ora, podemos concluir que, enquanto Berardi fala que a libertação não pode ser vista como uma necessidade, mas sim como uma possibilidade que poderia ou não se realizar, Virno elabora uma visão bastante próxima sobre os mesmos movimentos emancipatórios, mas trocando “potência”, por “emoção”.

Em termos gerais, observamos nestes cenários descritos acima três tentativas de diferentes autores lidar não apenas com a questão Espinoziana do que poderia um corpo²⁵, mas especificamente, com a leitura de Espinoza feita por Deleuze²⁶, em particular, no que diz respeito, à relação entre afetos e o exercício de poder. Voltaremos a isso nos próximos capítulos. Entretanto,

²² “*All the rhetorical Viagra that might be provided by Negri’s reading of Spinoza.*”

²³ Em tom similar, Federico Campagna, filósofo italiano, pensa na necessidade de um “ateísmo radical” construído sobre o reconhecimento de que todo debate sobre a precariedade das relações de trabalho deveria se iniciar através da constatação de que a única precariedade qual não poderíamos nos livrar é a do tempo de vida e dos limites do corpo. A sociedade age como se houvesse tempo o suficiente, para que todo o nosso tempo fosse investido em alguma forma de trabalho. Ver *The Last Night Anti-work, Atheism, Adventure* (2013) publicado pela editora Zero Books.

²⁴ Ver Paolo Virno, *Gramática da Multidão* (2004b).

²⁵ A própria pergunta “o que poderia um corpo?” é em si um ponto específico de divergência entre Berardi e Negri. Para Berardi, Espinoza estaria jogando luz sobre a natureza excessiva do corpo. O que Negri deturparia em uma afirmação de suas potências infinitas.

²⁶ Ver Gilles Deleuze, *Espinoza: Filosofia Prática* (2002).

antes de avançarmos por este caminho, foquemos mais detidamente, no semiocapitalismo Berardiano.

1.1 Semiocapitalismo e cognitariado: a versão berardiana

As lutas trabalhistas italianas que certamente impactam e impulsionam as mudanças filosóficas que abordamos no item anterior, iniciam-se ainda nos primeiros anos da república pós 1945. Elas ocorrem durante uma rápida transição para um modelo fordista de produção, cuja principal característica é a migração interna massiva de um proletariado mais jovem, que trocava o sul italiano pelas linhas de montagem, como a FIAT, no norte do país (Henninger; Mecchia, 2007). Nas décadas seguintes, à instabilidade e constante agitação política nas fábricas, somam-se às lutas estudantis que ocorriam de forma concomitante com a emancipação de um movimento feminista e emergência de uma cultura de jovens mais politizados. Assim, a demografia da luta trabalhista se transforma consideravelmente e em consequência, as pautas reivindicadas também se modificam, ampliando um cenário antes restrito às fábricas.

Berardi compreende essas transformações como a formação de uma geração de trabalhadores que já não era necessariamente ligada à ideologia soviética, estando mais próxima do movimento hippie e outras manifestações de contracultura²⁷. Transformação que culminou na aproximação entre os trabalhadores que ocupavam as fábricas e os estudantes que ocupavam as universidades, ou em outras palavras, “*operai e studenti uniti nella lotta*” (Berardi, 2009a, p. 19).

Percebemos, aqui, a tendência composicionista de ver os universitários como proletariado²⁸, isto é, como não detentores de sua própria produção intelectual, tanto quanto os trabalhadores não são donos do que produzem (Berardi, 2009a, p. 50). Este é o ambiente em que surge a noção de proletariado cognitivo, ou *cognitariado*. Ela aparece como uma adaptação do proletariado industrial para um novo contexto, no qual a composição de classe dos trabalhadores sofre uma mudança estrutural por causa da prevalência do trabalho imaterial.

²⁷ Voltaremos a este tópico mais a frente ao abordarmos o caráter militar das pesquisas que possibilitam o surgimento de uma rede mundial de computadores.

²⁸ Sobre a precária situação da pesquisa científica e seu lugar entre financiamentos públicos e/ou privados, recomendamos a leitura do artigo “Academic Research in the 21st Century: Maintaining Scientific Integrity in a Climate of Perverse Incentives and Hypercompetition” (2017) de Marc A. Edwards e Siddhartha Roy. Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/10.1089/ees.2016.0223>

Uma vez que a subsunção das capacidades cognitivas às demandas do capital é intensificada pelas constantes transformações das tecnologias de comunicação e virtualização da atividade econômica. O surgimento de um novo proletariado e a transição do modelo fordista para o pós-fordismo, coloca novos problemas e Berardi identifica criticamente especialmente um deles: a impossibilidade de se avaliar, por exemplo, a relação entre trabalho e salário. Para o autor, torna-se impossível determinar o tempo necessário e valor equivalente para uma atividade imaterial, da mesma forma que historicamente era possível em uma atividade mecânica. O trabalho do pesquisador científico, por exemplo, não seria redutível à lei marxista do valor e, conseqüentemente, em um sistema no qual a economia se torna mais instável, e Berardi observa que a valorização vai se tornando dependente da linguagem. Isto gera um rompimento na relação entre tempo e valor. (Berardi, 2009a, 2015a).

Em direção oposta aos seus contemporâneos, Berardi começa sua análise com a obliteração do corpo do indivíduo dentro do semiocapitalismo e com isso, compreendemos o semiocapitalismo berardiano como a abordagem mais sombria da subjetividade do trabalhador por não adotar uma leitura que parta do coletivo para o indivíduo, ou vice e versa. Nessa perspectiva,

O semiocapitalismo é baseado na exploração das almas como força produtiva e como mercado. [...] O essencial sobre as transformações sociais causadas pela digitalização da produção não é a perda da regularidade da regulamentação do trabalho, que, afinal, tem sido precária apesar da regulamentação legal, mas sim a dissolução da pessoa como um agente ativo e produtivo, como força de trabalho. [...] O trabalhador não existe mais como pessoa. Ele ou ela é apenas um produtor intercambiável de micro fragmentos de semiose recombinante que entram no fluxo contínuo da Net²⁹ (Berardi, 2015a, p. 205, tradução nossa).

Entendemos, então, que na produção industrial tradicional, havia a necessidade de um trabalhador de “carne e osso” para a realização de determinada atividade. Uma pessoa imputável, com uma identidade pessoal e ideologias políticas próprias. Ao comprar o tempo de vida do sujeito para a produção industrial, lidava-se, também, com suas “necessidades materiais e demandas políticas e sindicais”³⁰ (Berardi, 2015a, p. 32, tradução nossa).

²⁹ “*Semiocapitalism is based on the exploitation of the souls as the productive force and as the marketplace. [...] What is essential about the social transformations caused by the digitalization of production is not the loss of regularity of the labor regulation, which, after all, has been precarious notwithstanding legal regulation, but rather the dissolution of the person as an active, productive agent, as labor force. [...] The worker no longer exists as a person. He or she is only an interchangeable producer of micro-fragments of recombinant semiosis that enter into the continuous flux of the Net.*”

³⁰ “*material needs and trade union and political demands.*”

No semiocapitalismo, esta relação não mais se aplica. A contratação de uma pessoa por um período fixo e predeterminado de dias e horas de trabalho é substituída por uma relação na qual o trabalhador é visto como *pacotes de tempo*, intercambiáveis e transitórios conforme a necessidade do capital. Curiosamente, ainda que evite pensar em uma relação de causa e consequência, Berardi ressalta a concomitância entre os trabalhadores que se organizavam exigindo sua liberdade da prisão das fábricas, e a “resposta” do capital através da flexibilização e automação do trabalho (Berardi, 2009a, p. 76), libertando os trabalhadores para jogá-los em um campo de precariedade e indeterminação.

Nesta distopia, o processo de despersonalização do trabalhador, derivado agora como “pacotes de tempo” garante a manutenção da precarização das relações de trabalho, pois “pacotes de tempo” não possuem direitos ou fazem exigências. Ele está disponível ou não. Entretanto, essa é, em si, uma relação construída em cima de uma falácia: o desaparecimento do trabalhador. O seu corpo continua existindo, assim como suas necessidades físicas e psicoemocionais. O que desaparece, para Berardi, é a *identidade do sujeito como trabalhador*. Em outras palavras, o que resta,

É como um objeto inerte, irrelevante e inútil. A pessoa está livre, claro. Mas seu tempo está escravizado. A sua liberdade é uma ficção jurídica à qual nada corresponde na vida concreta cotidiana. Se considerarmos as condições com as quais o trabalho da maioria da humanidade, proletariado e cognitariado, é realmente realizado [...] se examinarmos as condições do salário médio globalmente, se considerarmos a atual e agora amplamente realizada perda dos direitos trabalhistas, podemos dizer sem nenhum exagero retórico que vivemos em um regime de escravidão. O salário médio a nível global dificilmente é suficiente para comprar os meios indispensáveis à mera sobrevivência de uma pessoa cujo tempo está ao serviço do capital. *E as pessoas não têm qualquer direito sobre o tempo do qual são formalmente proprietárias, mas efetivamente expropriadas*³¹. Esse tempo não lhes pertence realmente, porque está separado da existência social das pessoas que o disponibilizam ao circuito ciberprodutivo recombinaivo. O tempo de trabalho é fractalizado³² (Berardi, 2009a, p. 33, tradução nossa).

³¹ Ênfase dada.

³² “*is like an inert object, irrelevant and useless. The person is free, sure. But his time is enslaved. His liberty is a juridical fiction to which nothing in concrete daily life corresponds. If we consider the conditions in which the work of the majority of humanity, proletariat and cognitariat, is actually carried out in our time, if we examine the conditions the average wage globally, if we consider the current and now largely realized cancellation of previous labor rights, we can say with no rhetorical exaggeration that we live in a regime of slavery. The average salary on the global level is hardly sufficient to buy the indispensable means for the mere survival of a person whose time is at the service of capital. And people do not have any right over the time of which they are formally the proprietors, but effectively expropriated. That time does not really belong to them, because it is separated from the social existence of the people who make it available to the recombinative cyber-productive circuit. The time of work is fractalized.*”

Fractalização que atua em relação direta com o avanço tecnológico que, ao contrário do prometido, não nos libertou do trabalho. Como pontuado por Carl Cederström e Peter Fleming em seu livro *Dead Man Working* (2012), não se trata de nostalgicamente olhar para o passado fordista e ignorar as condições que levaram os trabalhadores das fábricas a se revoltar, mas reconhecer que dentro deste modelo, conceitos como férias e fim de semana, formas de tempo livre, ainda eram, em tese, assegurados.

Já em um modelo semiocapitalista, todos nos tornamos “capital humano”, em outras palavras, *não temos um trabalho, somos o próprio trabalho* (Cederström; Fleming, 2012 apud Fisher, 2018, p. 516).

1.2 *Belo mundo, onde você está: o dilatamento do presente e a perda da diacronia existencial do sujeito*

Fortemente influenciado por *O Homem Unidimensional* (1964) de Herbert Marcuse, *Theses on the General Relation Between the Scientific Intelligensia and Proletarian Class Consciousness* (1969) de Hans Jürgen Krahl e *Data Trash* (1994) de Arthur Kroker, Berardi começa a pensar sobre a rede mundial de computadores que, mesmo em seu estágio inicial de massificação, já demonstrava a capacidade de afetar diretamente os processos de subjetivação contemporâneos, através, principalmente, de i) *a perda da diacronia existencial do sujeito*, uma vez que “quanto mais breve for o lapso de exposição da mente a uma única informação, mais tênue será o rastro deixado por esta informação”³³ (Berardi, 2009a, p. 88, tradução nossa); ii) aquilo que viria a ser classificado pelo autor como *retro-fascismo*.

Em certa medida, esta leitura já havia sido antecipada por Marshall McLuhan³⁴, no seminal *Understanding Media* (1964)³⁵, em que analisa a mudança da esfera alfabética da comunicação para a vídeo-eletrônica para concluir que, em um contexto no qual o simultâneo sucede, ou substitui, o sequencial, uma capacidade de elaboração mitológica apareceria antes da elaboração crítica (Berardi, 2009a, p. 13).

³³ “The briefer the mind’s lapse of exposure to a single piece of information, the more tenuous will be the trace left by this information.”

³⁴ Teórico da comunicação conhecido por ao explicar as relações entre os meios de comunicação e a sociedade, determinar que *o meio é a mensagem*.

³⁵ No Brasil traduzido como *Os meios de comunicação como extensões do homem* e publicado pela editora Cultrix.

Em termos gerais, o pensamento crítico depende de uma estruturação que precisa de tempo, o tempo da escrita, o tempo da leitura, o tempo da interpretação. Para Berardi, é em condições de lentidão que a “a discriminação crítica que caracterizou as formas culturais da modernidade, torna-se possível”³⁶ (Berardi, 2009a, p. 13, tradução nossa). Com a aceleração social promovida a partir do uso constante e quase ininterrupto da internet, obstáculos a estes processos se formam, até os tornarem praticamente impossíveis. No semiocapitalismo, ao mesmo tempo em que o fluxo de informação explode, o tempo para o pensamento crítico desaparece, de tal forma que, a massa de informação do presente ocupa toda a atenção do sujeito, diminuindo o espaço dedicado ao passado. Ou seja, quando a “atividade mental tende a ser comprimida no presente, a profundidade da memória é reduzida e, portanto, a percepção histórica do passado e até a diacronia existencial tende a desaparecer”³⁷ (Berardi, 2009a, p. 88, tradução nossa). Neste contexto, a humanidade concreta é percebida como residual, tornando-se um corpo humilhado e marginalizado pela digitalização da vida (Berardi, 1998; Kroker, 1994).

O problema de nossa investigação se situa, portanto, no entrecruzamento entre a financeirização dos modelos econômicos e predominância do trabalho imaterial e o uso cotidiano da internet com o advento da comunicação digital constante em escala global. Neste cenário, acompanhamos Paul Virilio³⁸ para afirmar que falar em globalização é, na verdade, falar sobre *a globalização do tempo*. E podemos inferir, a partir daí, uma espécie de regime de instantaneidade³⁹ dentro do qual vivemos.

Debruçamo-nos, agora, sobre *Belo mundo, onde você está* (2021), romance de Sally Rooney⁴⁰, em busca das ferramentas necessárias, não apenas para melhor entendermos o universo

³⁶ “the critical discrimination that has characterized the cultural forms of modernity becomes possible.”

³⁷ “mental activity tends to be compressed into the present, the depth of memory is reduced and thus the perception of the historical past and even of existential diachrony tends to disappear.”

³⁸ Filósofo e urbanista francês. Ver “Vitesse et information: Alerte dans le cyberspace!” (1995). Disponível em: <https://www.monde-diplomatique.fr/1995/08/VIRILIO/6578>.

³⁹ A ideia de se buscar por um novo modo de viver junto, de forma idiorrítmica como pensada por Roland Barthes, ainda que não apareça no presente trabalho, compartilha muito das questões aqui levantadas. O termo criado a partir da junção de ἴδιος, em grego, “privado” ou “próprio” e ρυθμός, ritmo, evoca dentre muitas coisas, o violento processo de subsunção do corpo e da subjetividade ao regime de instantaneidade possível pelas novas tecnologias de telecomunicação. Para Barthes não haveria uma contradição entre querer viver em seu próprio ritmo e, ao mesmo tempo, manter vínculos comunitários em um ritmo coletivo. Ver *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977* (2003).

⁴⁰ Escritora irlandesa, formada pelo departamento de língua inglesa da Trinity College Dublin (TC), onde também inicia um mestrado em ciências políticas que acaba trocando pelo título de mestre em literatura americana. Rooney alcança notoriedade ao adaptar a estrutura do romance de formação para o seu contexto social, uma Irlanda assombrada por constantes crises econômicas no exato momento em que seus personagens iniciam sua vida adulta.

literário da autora, que demonstra uma perspectiva “íntima e ainda assim relacional, ao explorar classe e gênero dentro discurso neoliberal que domina a Irlanda pós Tigre-Celta⁴¹” (Barros-Del Río, 2022, p. 178, tradução nossa)⁴², mas também nos oferece pistas para pensarmos sobre a complexa relação entre os processos contemporâneos de subjetivação e os modelos político-econômicos que moldam o nosso cotidiano. Relação que, de acordo com Berardi, afeta diretamente a percepção da diacronia existencial do sujeito. Na Irlanda de Rooney e de seus personagens, podemos observar como “a conectividade digital traz consigo uma recombinação contínua de segmentos pré-formatados de energia nervosa” (Berardi, 2020, p. 182) de maneira a nos permitir refletir a respeito das formas que o sujeito, ao mesmo tempo, cansado e hiper-estimulado, testemunha a vida social dar lugar ao isolamento e individualismo neoliberal.

Em *Belo Mundo*, de Sally Rooney, acompanhamos a história de Alice, Felix, Eileen e Simon, amigos que tentam navegar por um cenário de completa estagnação e deflação de expectativas em relação ao seus respectivos futuros. Alice é uma escritora de sucesso que sofre ao tentar conciliar sua persona pública, pela qual é constantemente reconhecida nas ruas e sua vida privada. Felix passa a maior parte de seus dias trabalhando em um depósito. Eileen, é amiga de Alice, e editora literária, com quem mantém contato através de e-mails e mensagens de telefone. E por fim, Simon, o mais velho do grupo, por quem Eileen se interessou ainda na adolescência, trabalha no Parlamento irlandês como assistente. Através de seus encontros e desencontros, observamos a ficcionalização de um mundo no qual “a respiração em conjunto se tornou perigosa, todos foram obrigados a respirar sozinhos, e o ritmo da respiração individual foi forçado a seguir a marcha da competição econômica” (Berardi, 2020, p. 183).

Um dos questionamentos centrais à obra de Berardi diz respeito a (im)possibilidade de movimentos de emancipação do sujeito em relação a obrigação capitalista de produzir. Desde seu primeiro livro, *Contro Il Lavoro* (1970), quando ainda estava diretamente envolvido nos movimentos de resistência da esquerda extraparlamentar italiana, até seus trabalhos mais recentes sobre deserção⁴³ e resignação, encontramos a constante tentativa de dar conta de um sujeito forçado

⁴¹ Tigre-celta é um apelido dado a economia Irlandesa durante seus anos de progresso econômico, entre o início dos anos 90 e o fim dos anos 2000.

⁴² “an intimate yet relational perspective to explore the categories of class and gender under the neoliberal discourse that dominates Post-Celtic Tiger Ireland.”

⁴³ Há aqui um outro ponto de convergência entre Berardi e Virno. Em “Resign” (2022), artigo publicado pelo *E-flux Journal*, Berardi fala sobre uma transformação que começaria a tomar força nos processos de subjetivação contemporâneos e que pouco ou nada teria a ver com representação política. Por isso, pede que a devida atenção seja dada à “resignação múltipla que está se espalhando” pois, muito mais “interessante do que a consciência política é a

a existir entre a condição de empreendedor, a qual nos diz, *sejamos todos capitalistas*, e a ressignificação dos conceitos de ativismo através da rejeição de tal obrigação. Pois, “diante da morte, do pânico e da depressão, o dinheiro perde seu poder, talvez até mesmo seu valor. O dinheiro não pode reviver uma sociedade mergulhada na depressão [...] o dinheiro não vence uma resignação massiva”⁴⁴ (Berardi, 2022, n.p., tradução nossa).

Partindo desses elementos, entendemos o trabalho de Rooney como uma investigação da psicoesfera contemporânea desta sociedade mergulhada na depressão que tanto ilumina as reflexões de Berardi quanto por ela se deixa ver melhor. Assim, através de seus livros, *Conversas entre amigos* (2017), *Pessoas normais* (2018), *Belo mundo, onde você está* (2021) e *Intermezzo* (2024), argumentamos que Rooney elabora uma fenomenologia da depressão da geração do milênio⁴⁵. Uma geração delimitada por marcadores de identidade simbólicos “que se entrelaçam e os situam num estado permanente de liminaridade que engloba tensões e conflito”⁴⁶ (Barros-Del Rí, 2022, p. 182, tradução nossa).

Nesta conjuntura, a violência abstrata das instituições financeiras e da constante conectividade digital nos convidam a pensar sobre depressão, ansiedade e suicídio, ou, em termos berardianos, sobre *o lado sombrio da multidão*, não apenas em sua raiz fisiológica, localizando o problema no sujeito, mas também, como o resultado da experiência de mundo de um sujeito que confronta o esvaziamento de sua existência, reduzida apenas a juntar a dados e produzir valor (Berardi, 1998/2007, p. 64).

No romance que estamos tratando, a ascensão de modelos fundamentalistas de mercado neoliberal cria uma atmosfera repressiva que impossibilitaria novas formas de subjetivação. Então, ainda que sem voltarmos diretamente à cisão entre Berardi e Negri no pensamento compositcionista, encontramos neste cenário, exatamente, os problemas descritos e analisados previamente. A comodificação de toda a experiência humana, finalmente sacrifica o próprio significado da existência às funções do mercado. Assim, quando nada de novo pode ser criado, talvez, exatamente por isso, há uma sensação crescente de que a cultura perdeu a capacidade de compreender e

rejeição generalizada do trabalho, consumo e procriação” (2022, tradução nossa). Paralelamente, em seu livro *Gramática da multidão: para uma análise das formas de vida contemporâneas* (2013), Virno fala sobre não haver nada menos passivo que o ato de fugir, de se desligar.

⁴⁴ “in the face of death, panic, and depression, money loses its power, perhaps even its value. Money cannot revive a society steeped in depression [...] Money cannot win against massive resignation.”

⁴⁵ Em inglês, *millennials*, ou pessoas nascidas entre 1981 e 1996, de acordo com o Pew Research Center

⁴⁶ “that intertwine and situate them in a permanent state of liminality that encompasses tensions and conflict.”

articular o presente. Ou talvez como aponta Armstrong (2021), simplesmente, não haja mais presente para compreender e articular⁴⁷.

Como observado em dois momentos de *Belo mundo*,

I've been thinking lately about right-wing politics (haven't we all), and how it is that conservatism (the social force) came to be associated with rapacious market capitalism. The connection is not obvious, at least to me, since markets preserve nothing, but ingest all aspects of an existing social landscape and excrete them, shorn of meaning and memory, as transactions. What could be 'conservative' about such a process? But it also strikes me that the idea of 'conservatism' is in itself false, because nothing can be conserved, as such – time moves in one direction only, I mean⁴⁸ (Rooney, 2021, p. 21).

Nada pode ser preservado, o que chama nossa atenção, principalmente, em relação ao diálogo que ocorre algumas páginas depois,

People think that socialism is sustained by force – the forcible expropriation of property – but I wish they would just admit that capitalism is also sustained by exactly the same force in the opposite direction, the forcible protection of existing property arrangements. I know you know this. I hate having the same debates over and over again with the wrong first principles⁴⁹(Rooney, 2021, p. 40).

Desta vez, *nada pode ser criado*, em outras palavras, a dicotomia entre capitalismo e socialismo *ainda é* a tensão contra a qual os personagens de Rooney, em uma Irlanda já tomada pelas reformas neoliberais, formam suas identidades.

Em *Più cyber che punk* (1990), publicado três décadas antes do romance de Rooney, Berardi já problematizava esta tensão ao argumentar que ao longo do século XX, o conceito de identidade tendia a se sustentar sobre duas tensões principais em relação ao futuro: a promessa de desenvolvimento econômico ilimitado do capitalismo ou o futuro da igualdade comunista. Como este cenário deixa de existir ao fim da Guerra Fria, a identidade passaria a buscar sua sustentação, em “origens” sejam elas políticas, raciais ou de gênero. Este é um movimento retrógrado agravado

⁴⁷ Ver “Is It Me or Society? I Can't Tell:” Memphis Hip-Hop and the Slow Cancellation of the Future”. Disponível em <https://www.passionweiss.com/2021/07/28/memphis-hip-hop-slow-cancellation-of-the-future/>.

⁴⁸ “Ultimamente tenho pensado sobre a política de direita (não temos todos), e como é que o conservadorismo (a força social) passou a ser associado ao capitalismo de mercado voraz. A ligação não é óbvia, pelo menos para mim, uma vez que os mercados não preservam nada, mas ingerem todos os aspectos de uma paisagem social existente e os excretam, desprovidos de significado e memória, como transações. O que poderia haver de “conservador” em tal processo? Mas também me parece que a ideia de “conservadorismo” é em si falsa, porque nada pode ser conservado, como tal – quero dizer, o tempo move-se apenas numa direção” (tradução nossa).

⁴⁹ “As pessoas pensam que o socialismo é sustentado pela força – a expropriação forçada da propriedade – mas gostaria que admitissem que o capitalismo também é sustentado exatamente pela mesma força na direção oposta, a proteção forçada dos acordos de propriedade existentes. Eu sei que você sabe disso. Odeio ter os mesmos debates repetidamente com os primeiros princípios errados” (tradução nossa).

pelo avanço das tecnologias telecomunicativas através das quais, a memória do tempo vivido se retrai, ao mesmo tempo em que narrativas de pertencimento são superestimadas e intensificadas.

De volta a Rooney, em um e-mail trocado por Eileen e Alice, podemos encontrar uma “representação prática” do que acabamos de descrever ao lermos que “*There is no longer a neutral setting. There is only the timeline*”⁵⁰ (Rooney, 2021, p. 40). Isto é, na ininterrupta atualização da linha do tempo, encontramos unidades de tempo cada vez menores e em tão rápida sucessão que a “atividade mental tende a ser comprimida no presente, a profundidade da memória é reduzida e, portanto, a percepção histórica do passado e até a diacronia existencial do sujeito tende a desaparecer”⁵¹ (2009a, p. 88, tradução nossa). Como observado em:

*each day has now become a new and unique informational unit, interrupting and replacing the informational world of the day before. And I wonder (you might say irrelevantly) what all this means for culture and the arts. I mean, we're used to engaging with cultural works set 'in the present'. But this sense of the continuous present is no longer a feature of our lives. The present has become discontinuous. Each day, even each hour of each day, replaces and makes irrelevant the time before, and the events of our lives make sense only in relation to a perpetually updating timeline of news content. So, when we watch characters in films sit at dinner tables or drive around in cars, plotting to carry out murders or feeling sad about their love affairs, we naturally want to know at what exact point they are doing these things, relative to the cataclysmic historic events that structure our present sense of reality*⁵² (Rooney, 2021, p. 40).

Neste momento, a relação entre “pós-modernidade”⁵³ e temporalidade como teorizado por Fredric Jameson nos oferece uma nova e útil perspectiva. Pois, para Jameson, falar em pós-

⁵⁰ “Não há mais um espaço neutro. Só há a linha do tempo” (tradução nossa).

⁵¹ “*mental activity tends to be compressed into the present, the depth of memory is reduced and thus the perception of the historical past and even of existential diachrony tends to disappear.*”

⁵² “cada dia tornou-se agora uma unidade informacional nova e única, interrompendo e substituindo o mundo informativo do dia anterior. E eu pergunto (você pode dizer que de forma irrelevante) o que tudo isso significa para cultura e as artes. Quero dizer, estamos acostumados a interagir com obras culturais situadas “no presente”. Mas esse sentido do presente contínuo não é mais uma característica de nossas vidas. O presente tornou-se descontínuo. Cada dia, mesmo cada hora de cada dia, substitui e torna irrelevante o tempo antes, e os eventos de nossas vidas só fazem sentido em relação a uma linha do tempo em constante atualização do conteúdo de notícias. Então, quando assistimos personagens de filmes sentados à mesa de jantar ou dirigindo carros, planejando cometer assassinatos ou se sentindo tristes com seus casos amorosos, naturalmente queremos saber em que ponto exato eles estão fazendo essas coisas, em relação aos eventos históricos cataclísmicos que estruturam nosso sentido atual da realidade” (tradução nossa).

⁵³ Em seu livro *The Antinomies of Realism*, Fredric Jameson menciona a ideia de um “fim da temporalidade” que caracteriza a experiência da pós-modernidade, em que o presente se torna eterno, sem uma percepção clara de continuidade ou, mesmo, de passado e futuro. O livro retoma um debate iniciado com a publicação de seu ensaio “The end of temporality” (2003), através do qual Jameson já examinava a natureza mutável da temporalidade no contexto da cultura contemporânea e a sua relação com o materialismo histórico, o pós-modernismo e as condições do capitalismo tardio. O autor argumenta que na contemporaneidade há uma mudança considerável na maneira como experienciamos o tempo. Jameson sugere com isso que, o tempo histórico linear tradicional vem sendo substituído por uma experiência extremamente fragmentada e desconexa de tempo. Mudanças que contribuem para o que o autor postule uma perda da relação dialética significativa entre passado, presente e futuro que caracterizava, até então, nossa consciência histórica. Como parte dessa mudança, o autor americano observa o crescimento do domínio do que poderia

modernidade, dentre muitas coisas, referir-se-ia, também, ao “encolhimento da experiência contemporânea (burguesa) de tal forma que começamos a viver em um presente perpétuo com a sensação decrescente de continuidades temporais ou mesmo fenomenológicas”⁵⁴ (Jameson, 2015, p. 28).

Dentro de nossa argumentação, a descrição “*the events of our lives make sense only in relation to a perpetually updating timeline of news content*”, aparece como o ponto de convergência entre as diferentes perspectivas apresentadas até então. Seja a “perda da diacronia existencial” berardiana, “o perpétuo presente” de Jameson, ou “o presente descontínuo da linha do tempo” como imaginado por Rooney em *Belo mundo*, observa-se a dificuldade de estruturação e formulação do pensamento crítico em um contexto de aceleração contínua da infoesfera. Um mundo, nos termos de Jean Baudrillard⁵⁵, cada vez mais cheio de informação e em que, ao mesmo tempo, produz-se cada vez menos significado. À contemporaneidade, portanto, caberia existir entre vestígios do passado cada vez mais tênues e o assombro de um futuro que não chegou e tampouco parece possível. Atentemo-nos brevemente sobre este assombro.

O termo aqui é utilizado a partir de Mark Fisher⁵⁶ para pensar no cenário de desesperança e estagnação cultural-política do mundo pós-revolução neoliberal. Para Fisher, enquanto durante a segunda metade do século XX, muito impulsionada por projetos de reconstrução pós Segunda Guerra Mundial, durante o que ele se refere por “modernismo popular”, novas formas de subjetividade e manifestações culturais encontraram um terreno fértil para crescer. Com o fim deste período, ou o dito fim da história e consolidação das democracias neoliberais, essa situação se

ser chamado de “eterno presente”, termo que descreve o momento no qual o desenvolvimento histórico e as projeções futuras parecem perder seu significado. A “orientação” para o futuro que antes caracterizava a cultura modernista, impulsionado pela crença no progresso, revoluções tecnológicas e mudança histórica, foi substituída por um senso de *atemporalidade*. Podemos, nesse sentido, observar esse fenômeno através de produtos culturais, que se tornam cada vez mais a-históricos. Isto é, muitas vezes reciclando formas passadas em vez de se envolver com possibilidades futuras. Identificamos aqui um ponto de convergência teórica com a futurabilidade berardiana e a deflação de expectativas do sujeito em relação ao futuro que trabalhamos ao longo de nosso estudo. Em outras palavras, Jameson sugere que a mudança em direção a um presente “atemporal” é o resultado do foco do capitalismo tardio no consumo, na comunicação instantânea e na aceleração dos ciclos econômicos. Isso cria uma situação em que capacidade de atenção e percepção do sujeito para mudanças ou transformações históricas é afetada.

⁵⁴ “*shrinking of contemporary (bourgeois) experience such that we begin to live a perpetuai present with a diminishing sense of temporal or indeed phenomenological continuities.*”

⁵⁵ Ver *Simulacros e simulação* (1991). Ao descrever o cenário aqui imaginado por Baudrillard, Berardi usa a expressão *inflação semiótica*. O semiocapitalismo se caracterizaria, então, pela concomitância de inflação econômica, mais dinheiro produz menos valor, e inflação semiótica.

⁵⁶ Ver *Fantasmas da minha vida: escritos sobre depressão, assombrologia e futuros perdidos* (2022).

inverte. Esperança e criatividade dão lugar a incerteza, precarização e desespero. Situação que afeta diretamente a capacidade do indivíduo imaginar um futuro diferente de sua realidade atual.

Pois, o assombro⁵⁷ é, então, uma ausência que se faz presente. É uma existência simultânea do “não mais”, e “ainda não”⁵⁸. Em outras palavras, o que nos assombra não é o que estaria morto, mas o que era esperado de acontecer, a promessa de um futuro cancelado à medida que o passado ou sua percepção também se torna mais tênue (Rahimi, 2021)⁵⁹. Ideias diretamente influenciadas por Derrida, especificamente, por seu livro *Specters of Marx* (1993), através do qual se buscava entender como “as sociedades capitalistas [...] sempre podem dar um suspiro de alívio e dizer a si mesmas: o comunismo acabou, mas não aconteceu, foi apenas um fantasma. Elas não fazem mais do que negar o próprio inegável: um fantasma nunca morre; ele permanece sempre para vir e voltar.”⁶⁰ (p. 123, tradução nossa). Doloroso processo que em *Belo mundo* surge na descrição da percepção da passagem do tempo em um mundo pós pandemia de COVID-19,

[...] remember that is now almost December, eighteen months since that first visit last summer. Eighteen months!! Is this how it's going to be for the rest of our lives? Time dissolving into thick dark fog, things that happened last week seeming years ago, and things that happened last year feeling like yesterday. I hope this is a side effect of lockdown and not simply a consequence of growing older (Rooney, 2021, p. 245).⁶¹

Abordar o semiocapitalismo é, justamente, proceder uma análise das constantes reduções das experiências experimentadas pelo sujeito. Redução contra a qual, desprovido de seu próprio tempo, o sujeito não consegue se rebelar, pois a atual depressão, econômica e emocional, impede que o sujeito perceba que nenhuma previsão, ou projeção determinista em relação ao futuro, é verdadeira e absoluta (Berardi, 2017, p. 21). O autor busca então elaborar um projeto filosófico a

⁵⁷ Para uma leitura mais aprofundada sobre o conceito de assombrologia e os diálogos entre Fisher e Derrida, recomendamos a leitura do artigo, “A toast to the damned waiting for tomorrow: hauntology and mourning for a future that never comes” (COELHO NETO, 2022) publicado pela revista *Eutomia*. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/download/253727/42206>.

⁵⁸ Voltaremos a essa divisão ao lidarmos com o “virtual” nos próximos capítulos.

⁵⁹ Ver *The Hauntology of Everyday Life* (2021) de Sadeq Rahimi, professor do departamento de antropologia médica e psiquiatria da universidade de Saskatchewan, Canada.

⁶⁰ “*Capitalist societies [...] can always heave a sigh of relief and say to themselves: communism is finished, but it did not take place, it was only a ghost. They do no more than disavow the undeniable itself: a ghost never dies; it remains always to come and to come-back.*”

⁶¹ “[...] lembre-se de que já é quase dezembro, dezoito meses desde aquela primeira visita no verão passado. Dezoito meses!! É assim que vai ser pelo resto de nossas vidas? O tempo se dissolvendo em uma névoa escura e espessa, coisas que aconteceram na semana passada parecendo anos atrás, e coisas que aconteceram no ano passado parecendo ontem. Espero que isso seja um efeito colateral do *lockdown* e não simplesmente uma consequência do envelhecimento.”

partir deste caos e mesmo de sua irreversibilidade para responder à questão “o que fazer quando nada poderia ser feito?”⁶²

Em Berardi, diante das condições de isolamento e competição neoliberal, a única coerência existente no mundo residiria na projeção de significado, na cooperação entre os agentes de enunciação, através da amizade. Fenômeno traduzido por Rooney através da relação entre Alice e Eileen, central ao livro, e que simbolicamente é mantida através de e-mails e telefonemas,

You should know that our correspondence is my way of holding on to life, taking notes on it, and thereby preserving something of my otherwise almost worthless, or even entirely worthless – existence on this rapidly degenerating planet [...] I suppose you think this is all extremely rudimentary and maybe even that I’m un-dialectical. But these are just the abstract thoughts I had, which I needed to write down, and of which you find yourself the (willing or unwilling) recipient⁶³ (Rooney, 2021, p. 14).

Localizamos esta busca por cooperação e criação conjunta de significado, partindo do pressuposto da *irreversibilidade* da virtualização da vida e dos novos modelos de telecomunicação, como argumentado, em tom análogo, por Berardi (2020),

(a geração de 68, de certo modo a última geração moderna) continua a esperar a reconstrução da democracia, o retorno à solidariedade social e a reversão da ditadura financeira. Talvez essas expectativas sejam ilusórias, e nós precisemos expandir o espaço de nossa prefiguração da história de modo a nos tornarmos capazes de abandonar a estrutura conceitual do progresso histórico a fim de *imaginar o irreversível como algo factível*⁶⁴ [...] temos que repensar o conceito de autonomia desse ponto de vista (Asfixia, 2020, p. 14).

Tentamos, então, inserir nossa pesquisa na busca por uma crítica dos processos de subjetivação em mundo modificado pela internet e globalização do tempo, aceitando que não há a possibilidade de um futuro no qual regressaremos a um estado anterior a sua existência. Desta forma, nos perguntamos: como pensar na subjetivação, nas relações interpessoais, e mesmo na produção literária, a partir deste ponto, não contra ele.

⁶² Mais uma vez, ao ler Berardi, nos deparamos com uma tentativa de atualizar o questionamento Espinoziano em relação ao que poderia um corpo. Ao questionar o que poderia ser feito em condições de quase ou total impotência do sujeito, Berardi traz Espinoza para o ambiente virtual, em busca de uma resposta para o que poderia o corpo em sua atual situação de separação do cérebro automatizado (2017, p. 11).

⁶³ “Você deveria saber que nossa correspondência é minha maneira de me apegar à vida, tomando notas sobre ela e, assim, preservando algo da minha existência quase sem valor, ou mesmo totalmente sem valor, neste planeta em rápida degeneração [...] Suponho que você pense que tudo isso é extremamente rudimentar e talvez até que eu seja *antidialética*. Mas esses são apenas os pensamentos abstratos que tive, que precisei escrever, e dos quais você se encontra como o destinatário (voluntário ou não).”

⁶⁴ Ênfase dada.

Foquemos, agora, como programado, nos projetos de modernidade que servem como *contexto histórico* para o semiocapitalismo berardiano.

1.3 Echeverría e a modernidade capitalista

Bolívar Echeverría⁶⁵ formulou uma crítica da modernidade sob a perspectiva da resistência cultural latino-americana e de suas particularidades histórico-culturais, denominadas pelo filósofo como *ethos barroco*, em busca de delimitar uma modernidade potencial, que fosse outra em relação à modernidade capitalista e universalizante da Europa⁶⁶.

Echeverría (2006) elabora sua visão do mundo moderno, a partir de dois projetos de modernidade, um primeiro baseado na *Ética Protestante*, apoiado tanto na percepção da territorialidade das coisas mundanas, quanto nos feitos industriais; e um segundo, alimentado pela *Contrarreforma Católica*, e sensibilidade barroca, que teria sido negado e marginalizado durante a industrialização do ambiente humano que reduz o campo social a um processo de mecanização. Através desta bifurcação, o autor pensa na relação entre modernidade e capitalismo como uma relação de potencialidade, na qual a sua realização se dá pelo avanço da possibilidade do modelo capitalista e eventual inviabilização de outros caminhos. Neste cenário, possibilidades de modernidades alternativas surgiriam quando as diferentes sociedades confrontassem as contradições entre a aplicação da hegemonia capitalista do modelo europeu e suas próprias questões tradicionais locais. Em outras palavras, o que se entende por época moderna, estaria relacionado a exposição dos seres humanos a uma série de contradições relacionadas ao próprio sistema capitalista.

Contradições que nos ajudam a entender por que o semiocapital é, para Berardi, organizado em torno da comodificação de recursos tecnolinguísticos de natureza desterritorializada e semiótica (2015a); um processo de desterritorialização compreendido como acabamos de ver, a partir dos conflitos entre um projeto de modernidade territorial, protestante e um segundo, impulsionado pela sensibilidade barroca.

⁶⁵ Foi professor da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Sua pesquisa era centrada na leitura dos trabalhos de Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger, em um constante cotejamento dos temas trabalhados com a análise de fenômenos culturais latino-americanos.

⁶⁶ A esse respeito, ver também, *O espelho de Próspero* (1982), o brilhante estudo comparativo entre a Anglo-América e a Iberoamérica de Richard M. Morse.

Desta perspectiva, reforça-se a ideia de que os tempos modernos estão marcados pelo conflito entre a burguesia e a influência católica. A primeira, fortemente territorial e com seu poder oriundo da propriedade de bens físicos e do pertencimento a uma comunidade. A segunda, por outro lado, caracterizada pelo controle ideológico, visto como manifestação desterritorializada de poder. Por conseguinte, para Berardi, apesar do triunfo da forma de capitalismo do norte europeu, formas desterritorializadas foram mantidas e até mesmo reforçadas pelas mudanças sofridas pelo capitalismo, principalmente em seu modelo pós-fordista e consequente processo de financeirização, marcando um ressurgimento do espírito barroco (Berardi, 2011, p. 76), em um *sistema econômico de produção no qual a linguagem deixa de ser apenas uma ferramenta de representação da economia e se torna o próprio processo através do qual a acumulação ocorre*.

Avançando seu argumento, Echeverría busca entender possibilidades de existir dentro dessas contradições. E as encontra, graças a quatro formas fundamentais de se viver, organizadas em: i) ethos realista, que o permite ver o mundo capitalista como impossível de ser superado, como o próprio mundo natural (Echeverría, 2007-2011); ii) ethos romântico, dentro do qual como exemplo temos, a “constituição de Estados-nação, entidades construídas a partir de comunidades naturais existentes em um território delimitado, com a reconstituição dessas comunidades para adaptá-las às demandas da empresa estatal capitalista”⁶⁷ (Ramos, 2019, p. 184, tradução nossa); iii) ethos clássico, em referência a arte neoclássica, e por fim,; iv) um ethos barroco, que implica,

em certa medida, um momento de resistência que, ao que me parece, reside no fato de que defende o aspecto qualitativo, ou a forma natural de vida, inclusive dentro dos próprios processos nos quais ela está sendo atacada pela barbárie do capitalismo. Para continuar com a frase de Benjamim, o ethos barroco seria uma “cultura” que ao mesmo tempo é uma barbárie, porque o que faz é reafirmar a validade ou a vigência da forma natural de vida em meio a essa morte ou destruição da vida que está sendo causada pelo capitalismo. Creio que essa é a essência do ethos barroco (Echeverría, 2007-2011).

Em todo caso, os ethos de Echeverría parecem se sustentar em cima de uma bifurcação entre o *ethos barroco*, que em suas tensões, destaca o processo de naturalização da condição capitalista, para questioná-la e mostrá-la como uma possibilidade dentre muitas, e o *ethos realista* que seria condescende com a barbárie do capitalismo. O que o permitiria vislumbrar, um *ethos moderno*, ou a *forma barroca de se viver dentro do capitalismo* (Echeverría, 2007-2011).

⁶⁷ “la constitución de los Estados Nación, entidades construidas a partir de las comunidades naturales existentes en un territorio delimitado, reconstitución de estas comunidades para adecuarlas a las exigencias de la empresa estatal capitalista.”

Neste momento, para avançarmos em nosso estudo, devemos nos deter, ainda que de forma breve, nos movimentos de colonização do continente americano para visualizar as pistas que eles fornecem a Berardi com o intuito de complexificar o entendimento acerca da formulação teórica que envolve o semiocapitalismo.

1.3.1 Ethos moderno, espírito barroco e imaginação protestante

Berardi entende como crucial aquilo que chamou de ampliação possível da experiência de mundo com a descoberta do Novo Mundo, sua colonização e o aumento da velocidade com a qual os textos, agora impressos, podiam circular pela sociedade. Essas transformações constituem a fonte do espírito barroco, período histórico que para Echeverría (1998), começa com desespero e termina em vertigem.

O espírito barroco possui, nesta perspectiva, uma espécie de tarefa: levar “a consciência coletiva a espreitar para além dos muros da ordem antropocêntrica afirmada pela cultura renascentista”⁶⁸ (Berardi, 2020, p. 152). O Barroco trouxe consigo uma mudança tão grande na cosmovisão do mundo que abriu caminho para a experiência da modernidade e para uma ontologia de infinita proliferação (Berardi, 2020, p. 116).

A radicalidade do deslocamento imposto pelo Barroco pode ser melhor entendido, ao colocarmos o processo de colonização da América do Norte, e católico da América Latina, lado a lado. Para tanto, acompanhamos o argumento de Berardi.

Para o autor italiano, pensar sobre as duas formas de colonização, resulta na análise das diferentes respostas dadas à pergunta barroca “os nativos possuem alma e poderiam ser salvos?” (Berardi, 2015a) Assim, percebemos que a coexistência entre os projetos de colonização e evangelização, presentes no contexto latino-americano, não se manifestou durante a ocupação puritana no Norte. No espaço puritano, o nativo, visto como um obstáculo para o surgimento de uma comunidade pura deveria ser removido e não convertido. Na visão puritana, “o passado não era nada e a fronteira tudo: um futuro sem contaminação ou resistência. O puritanismo americano

⁶⁸ Berardi se refere ao livro *A Dobra: Leibniz e o Barroco* (2012), no qual a partir de Gottfried W. von Leibniz, Deleuze argumenta que o barroco “remete não a uma essência, mas sobretudo a uma função operatória, a um traço. (...) O traço do barroco é a dobra que vai ao infinito” (p. 13).

era antes de qualquer coisa, a pureza do horizonte do tempo”⁶⁹ (Berardi, p. 124, tradução nossa). Berardi descreve, neste contexto, uma concomitância entre este *rompimento histórico* com a mitologia de raízes, de origens profundas na história euroasiática e motivações *raciais* para uma limpeza étnica da América do Norte.

Ainda sobre a formação da identidade americana, Berardi (2015a) ressalta como a sua realização se dá através de um insidioso processo de inclusão. Diversos grupos étnicos e linguísticos chegavam ao Novo Mundo e, virtualmente, todos podiam se tornar americanos, desde que houvesse uma espécie de cancelamento das identidades passadas. Nesse sentido para Berardi, o puritanismo não é uma identidade, mas um processo de *cancelamento de identidades* em busca de pureza histórica,

Foi assim no século XVII, desde quando os puritanos ingleses deixaram a ilha britânica e o continente europeu para esquecer seu passado de pertencimento à impura Igreja de ascendência romana. O ato dos Pais Peregrinos foi antes de tudo um ato de abandono, esquecimento e apagamento de seu vínculo com a impureza do passado, depois foi um ato de fundação de uma nova pátria, que não era a continuação da história passada, mas o espaço vazio onde a Palavra de Deus poderia criar instituições e formas de vida. Uma espécie de dimensão neo-humana foi aberta dessa forma no espaço norte-americano⁷⁰ (Berardi, 2015a, p. 69, tradução nossa).

De certa forma, a história da América do Norte seria uma narrativa de sua própria expansão para o Oeste. Um radical mundo novo onde “purificadas da referência emocional ao corpo e à memória étnica, as esferas civil e religiosa⁷¹ tiveram que se fundir para que a razão perfeita pudesse reinar”⁷² (Berardi, 2015a, p. 124, tradução nossa). Em suma, Berardi vê no movimento puritano na América do Norte, uma *quebra* da continuidade da história humana (2015a), que poderia ser pensado como um projeto específico de modernidade, uma modernidade puritana.

⁶⁹ “*The past was nothing, and the frontier everything: a future without contamination or resistance. American Puritanism was first of all the purity of the horizon of time.*”

⁷⁰ “*It was so in the seventeenth century, since when English Puritans left the British island and the European continent in order to forget about their past belonging to the impure Church of Roman descent. The act of the Pilgrim Fathers was first of all an act of abandoning, forgetting and erasing their link to the impurity of the past, then it was an act of foundation of a new homeland, which was not the continuation of the past history, but the empty space where the Word of God could create institutions and forms of life. A sort of neo-human dimension was opened this way in the North-American space.*”

⁷¹ Carl Degler em *Out of Our Past* (1959) argumenta que, “*Always the mere emotion of religion was to be controlled by reason. Because of this, the university-trained Puritan clergy prided themselves on the lucidity and rationality of their sermons*” (p. 16 apud Berardi, 2015a, 124).

⁷² “*purified of the emotional reference to the body and to the ethnic memory, civil and religious spheres had to merge so that perfect reason could reign*”.

Atenhamo-nos, agora, brevemente na Figura 1 que se segue:

Figura 1: Man stands on top of enormous pile of buffalo skulls



Fonte: Burton Historical Collection at the Detroit Public Library⁷³

Acredita-se que em torno de 50 milhões de búfalos foram mortos por colonos ao longo dos séculos XVIII e XIX. Dentre os vários motivos listados para o massacre, destaca-se o intuito de privar os nativos de um importante recurso natural, induzindo a escassez alimentar. Como lemos em *And: Phenomenology of the End* (2015a), o genocídio indígena na América do Norte não deve ser visto como um acidente ou um momento de passagem na história puritana e do novo continente, mas sim, como “a condição para o estabelecimento de uma nova, melhorada

⁷³ Disponível em <https://digitalcollections.detroitpubliclibrary.org/islandora/object/islandora%3A151477>. No verso da foto lê-se: “C.D. 1892 Glueworks, office foot of 1st St., works at Rougeville, Mich.”

humanidade, cuja meta era a realização da palavra de Deus”⁷⁴ (Berardi, p. 123, tradução nossa). E em uma América purificada *étnica e historicamente*, o mito do homem que se constrói *ex nihilo* encontrava os meios de realizar-se enquanto projeto. O projeto de modernidade puritano supõe, portanto, um espaço cultural construído em função do rompimento de códigos de pertencimento. Onde a hierarquia social não era mais fixa, em um novo mundo no qual o valor não vinha mais de uma vontade inefável atrelada à transcendência divina, mas da simulação da concretude resultante do trabalho. De certa forma, para Berardi, *o que chamamos agora de capitalismo tardio e financeiro deslinda sua dimensão antropológica e sua base epistemológica neste espaço de indeterminação*.

Ora, foquemos, então, na rigidez da semiose verbal gótico-protestante como descrita por Berardi. Pois, ao considerar como ponto de partida para o semiocapitalismo a concepção do Novo Mundo como um “espaço vazio onde a palavra de Deus poderia criar instituições e formas de vida”, estabelecemos os índices que permitem localizar a centralidade os processos atuais de abstrações financeira, automação da linguagem e cultura digital nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, ao entendermos o Barroco como um modelo de ampliação da experiência de mundo, podemos, por expansão, pensar a internet e em sua amplificação dos limites do mundo e da velocidade de circulação de informação, como análogos ao Barroco.

Para continuar, será importante mapear os pontos de convergência entre Berardi e Echeverría em relação a colonização da América Latina, da mesma forma que fizemos com a colonização puritana.

1.3.2 Ethos moderno e a colonização da América Latina

Echeverría (2011) fala sobre um *mal-estar*⁷⁵, ou incômodo enfrentado pelo sujeito diante das contradições do modelo universalizante da modernidade europeia, que teria usado as transformações neotécnicas de forças produtivas, apenas para avançar o modelo capitalista. Sua análise parte do pressuposto que,

A modernidade foi descoberta pelo capitalismo, que a promoveu, formando-a à sua imagem e semelhança e criando assim, um tipo de ser humano até então desconhecido na história. Esta coincidência casual histórica entre uma potencialidade – a

⁷⁴ “condition for the establishment of a new, perfect humanity, whose goal was the realization of the word of God.”

⁷⁵ Ver *Definición de la cultura* (2010) e *La modernidad de lo barroco* (2013) de Echeverría.

modernidade – e um caminho realista para a sua realização – o capitalismo – é a razão pela qual a modernidade, em geral, parece condenada a ser sempre o que a modernidade realmente existente tem sido até agora, ou seja, uma modernidade capitalista (Echeverría, 2011, P. 234).

Novamente, possibilidades de modernidade alternativas poderiam ter surgido neste cenário, caso as diferentes sociedades confrontassem as contradições entre a aplicação da hegemonia do modelo europeu e suas próprias questões locais.

Para o filósofo, o mal-estar do ser humano vem destas contradições, pois tanto o seu comportamento, quanto sua personalidade existem e respondem a lógicas completamente opostas. Dentro desta chave mais ampla, interessa-nos a dicotomia entre um ethos realista, que afirma ser este o mundo, *esta é realidade e a possibilidade capitalista é algo impossível de ser superado*; e o ethos barroco, que convidaria o sujeito a ver o capitalismo como um caminho tomado, *uma possibilidade transformada em prescrição, mas ainda assim, uma possibilidade entre outras*.

Nesta bifurcação encontramos uma nova pergunta: o que o barroco pode nos oferecer para pensarmos o semiocapitalismo?

Echeverría, ao refletir sobre a colonização e mestiçagem do continente americano, aponto duas questões: o mito do “bom selvagem” e a utopia liberal de que é possível domar a besta do Capital e criar um capitalismo que seja, de fato mais humano.

Sobre o primeiro aspecto, para o autor, é necessário evitar buscar uma bondade natural e essencial nas culturas tradicionais. Para Echeverría, a possibilidade de emergência de uma nova forma de viver depende de não ignorarmos que tais culturas ancestrais traziam em si marcas de autoritarismo e dominação do mundo natural extremamente complexas e por isso não podem ser divididas entre dois polos morais: boas ou ruins, puras ou impuras. É necessário reconhecer que “eram culturas que se fundamentam também no sacrifício do indivíduo, tanto quanto a cultura cristã, que construíam seus mundos maravilhosos sobre a base de uma representação muito radical” (Echeverría, 2007-2011).

Dentro dessa estrutura complexa, Echeverría ressalta, também, que na América Latina teria ocorrido dois tipos de mestiçagem: a primeira, dos indígenas das cidades que, consumidos pelos conquistadores, modificaram seus conquistadores em retorno; a segunda, em um movimento oposto, diz respeito ao nativo que não foi consumido, mas acabou expulso das cidades, preso a pequenas áreas, em regiões inóspitas do novo continente. Um grupo que também não teria se mantido ‘puro’ e por isso deve ser olhado com mais atenção, pois, dentro do processo

de isolamento, há espaço, também, na visão de Echeverría, para uma absorção de elementos técnicos, formas de criação de animais, e até modelos de urbanização do colonizador. Em outras palavras, “um processo de mestiçagem ao inverso. Índios que, em lugar de se deixarem devorar, tentam devorar [...] são índios que se autorreconstroem, incluindo em si certos elementos da cultura europeia que não os aceitou” (Echeverría, 2007-2011).

Por fim, Echeverría fala em olhar para os povos originários não em busca de uma forma de viver, que em uma leitura fundamentalista, seria necessariamente harmônica e boa, em oposição a um homem moderno mergulhado em sua perversidade. Através do cotejamento das duas estruturas, o interessante seria buscar uma possibilidade de *construção de outros novos modos de vida*. Ou seja,

O fundamental, e aí sim voltaríamos a Marx, é a grande diferença que haveria e que estaria na alienação ou na liberação do sujeito, porque o sujeito nefasto da modernidade, o qual tantos criticaram, como Foucault, por exemplo, o sujeito devorador e destruidor da natureza, aniquilador de si mesmo, esse sujeito não é o sujeito humano simplesmente, mas sim o sujeito humano enquanto alienado sob a forma de “valor que se autovaloriza”, ou seja, sob a forma do capital [...] O fundamental seria isto: um processo de reprodução social no qual persista a autarquia do sujeito humano e não a entrega dessa autarquia, ou a rendição dessa autarquia, cedendo a capacidade política do sujeito às coisas, ou seja, ao capital (Echeverría, 2007-2011).

Eis o ponto de convergência entre Berardi e Echeverría que fundamente o que desenvolveremos à frente, acerca da automação da linguagem e seus efeitos sobre a literatura: como o movimento de hegemonização e padronização dos usos da linguagem através das novas tecnologias de comunicação e massificação da internet afeta diretamente a possibilidade de surgimento de novos modos de viver?

Entendemos, então, que “o capitalismo criou uma realidade fechada que não pode ser superada por técnicas políticas, governamentais ou de ação voluntária e consciente organizada” (2020, p. 202). De uma possibilidade entre outras, um modo específico de vida assume-se como a realidade “real” porque a própria linguagem tem sido completamente absorvida e separada de suas potências afetivas. O presente culmina como uma era de impotência, de impossibilidade de revelação devido a “*entrega da autarquia do sujeito humano*” como observado na citação acima.

Lewis Mumford, sociólogo americano, apontava este caminho, em seu “Authoritarian and Democratic Technics” (1963), ao associar o constante estado de crise dos regimes democráticos com a frenética evolução das tecnologias de telecomunicação, “devemos desafiar esse sistema autoritário que deu a uma ideologia e tecnologia subdimensionadas a autoridade que pertence à

personalidade humana. Repito: *a vida não pode ser delegada*⁷⁶ (Mumford, p. 7, tradução nossa). Para nossa pesquisa, isso implica em investigarmos a submissão da linguagem aos modelos de automação e sua separação de suas potências afetivas. Temas que abordaremos no próximo capítulo.

⁷⁶ “*We must challenge this authoritarian system that has given to an underdimensioned ideology and technology the authority that belong to the human personality. I repeat: life cannot be delegated.*”
Ênfase dada.

2 LINGUAGEM E AUTOMAÇÃO

Technopoly is a state of culture. It is also a state of mind. It consists in the deification of technology, which means that the culture seeks its authorization in technology, finds its satisfactions in technology, and takes its orders from technology. [It has served] to make people believe that technological innovation is synonymous with human progress. [...] Abetted by a form of education that in itself has been emptied of any coherent worldview, technopoly deprives us of the social, political, historical, metaphysical, logical or spiritual bases for knowing what is beyond belief.

— Neil Postman, *Technopoly: The Surrender of Culture to Technology*

The spread of a sterilized scientific intelligence over the planet would not, as Teilhard de Chardin so innocently imagined, be the happy consummation of divine purpose: it would rather ensure the final arrest of any further human development.

— Lewis Mumford, *Authoritarian and Democratic Technics*

Ao longo dos anos 80, a relação entre a subjetividade e as novas formas de tecnologia de telecomunicação já começava a ganhar destaque dentro da produção intelectual de Berardi, o que coincidia com o momento em que o autor atuava como correspondente de uma revista italiana em Nova York, onde escrevia sobre a cena pós-punk local, o movimento *no-wave*⁷⁷, e arte de rua, das quais destacamos os grafites de Keith Haring e as obras de Jean Michel Basquiat.

Inserido neste contexto, ele vivenciou agravamento da pandemia de AIDS (cujos primeiros casos já surgiam nos Estados Unidos ainda em 1982⁷⁸). E pode perceber a forma como o prazer foi se tornando algo arriscado, dissolvendo “a comunidade do erótico e da amizade igualitária” (Berardi, 2020, p. 179) que lutava para emergir desde os anos 1960. Assim, à medida que a década terminava, simultaneamente, confrontava-se uma crise sanitária de proporções globais, o fim da experiência soviética, a consolidação das democracias neoliberais e a possibilidade de aniquilação nuclear, além de a tecnologia digital iniciar sua invasão na esfera da comunicação humana.

Neste capítulo, apresentaremos uma leitura da correlação entre a massificação de tecnologias de telecomunicação, como a internet, e o aumento da precariedade da vida, a partir do que Berardi chama de *invasão tecnológica digital na esfera da comunicação humana* que se

⁷⁷ Movimento cultural de curta duração e centralizado na cidade de Nova York durante os anos oitenta. Culturalmente, o *no-wave* se destaca como gênero musical “caracterizado por uma rejeição à reciclagem da estética do rock tradicional, como estilos de blues e riffs de guitarra de Chuck Berry no punk. Os grupos de *no-wave* exploraram formas estilísticas tão díspares como minimalismo, arte conceitual, funk, jazz, blues, punk rock”. No cinema, incluía diretores como Amos Poe, Eric Mitchell, Charlie Ahearn, Vincent Gallo, James Nares, Jim Jarmusch, Vivienne Dick, Scott B and Beth B dentre outros. Para mais informações ver https://en.wikipedia.org/wiki/No_wave.

⁷⁸ Para mais informações sobre a cronologia da pandemia ver: www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html.

manifesta nas tecnologias de automação da linguagem e geração de textos através de modelos de inteligência artificial, objetos de nossa atuação.

2.1 Viver em um mundo conectado

Vamos criar um cenário discursivo para localizar alguns argumentos acerca da interação entre tecnologia e linguagem. Matt Tierney em *Dismantlings: Words against Machines in the American Long Seventies* (2019, p, 49-50), afirma que Albert Szent-Györgyi, bioquímico húngaro, vencedor do Nobel de fisiologia ou medicina em 1937, ao cunhar o termo *cosmothechnics*, notava a necessidade de uma nova abordagem ética em relação ao mundo, que respondesse, diretamente, aos desafios trazidos pela era da conectividade em escala global. Para Szent-Györgyi, conforme argumenta em *What's Next?!* (1971), viver em um mundo *cosmotécnico*, exigiria reconhecer que a constante aceleração da infoesfera, implica, também, na aceleração com a qual bombas poderiam chegar em qualquer lugar do mundo. Afirmação que mesmo soando datada para um leitor contemporâneo, afinal, Szent-Györgyi a postula durante a Guerra Fria, traz em si um grande acerto, pois indica claramente a intensidade com a qual as transformações na telecomunicação afetam nossa percepção temporal, geográfica e até mesmo sua organização.

Szent-Györgyi se voltava para a reestruturação dos debates sobre ética e coexistência em um mundo cujas distâncias teriam diminuído através do constante estado de conexão, destacamos, dentro do mesmo contexto, a leitura oposta feita por Alvin M. Weinberg⁷⁹ (1966) para o mesmo problema, postulado como *technological fix*, ou seja, a possibilidade de se reduzir os problemas sociais a problemas tecnológicos (p. 5). O que para Szent-Györgyi não passaria de um tratamento paliativo para os reais problemas, pois se “a nossa solução técnica para a violência é o gás lacrimogêneo e a Guarda Nacional”⁸⁰ (*What Next?!*, p. 42 apud Tierney, 2019, p. 50, tradução nossa) não se aborda em momento algum as raízes da violência inicial que levou a aplicação de força através da Guarda Nacional.

Tierney (2019) localiza a diferença entre Szent-Györgyi e seus contemporâneos na possibilidade de se aceitar, ou não, o *technological fix* como elaborado por Weinberg. O que

⁷⁹ Alvin Martin Weinberg foi um físico nuclear americano e administrador do Oak Ridge National Laboratory (fundado em 1943 e hoje financiado pelo departamento de energia dos Estados Unidos) durante e após as atividades do Projeto Manhattan.

⁸⁰ “our technical solution to violence is tear gas and the National Guard”

poderia ser encarado de forma análoga à própria divisão entre pensadores capitalistas e comunistas, sendo Szent-Györgyi abertamente comunista e seus ideais de solidariedade e coexistência influenciados por sua ideologia política. Uma espécie de comunitarismo romântico criticado por Berardi e visto pelo autor como uma crítica não apenas do capitalismo, mas de toda a modernidade, que encontrava sua realização em uma fobia da técnica, pois,

Na cultura daquela geração de rebeldes que leu Heidegger e Nietzsche, Burroughs e Philip K Dick, havia uma nova consciência de que o capitalismo é orgânico às formas antropológicas das quais a modernidade é feita. O problema da técnica é colocado na mesa pelo movimento de recusa do trabalho. A tecnologia não é vista como um mero sistema de ferramentas, mas é percebida como uma dimensão totalizante, abrindo infinitas bifurcações possíveis e, simultaneamente, impondo uma estrutura inescapável de restrições econômicas⁸¹ (2009, p. 28, tradução nossa).

Em *Exits to the Posthuman Future* (2014), Arthur Kroker, por sua vez, atenta ao caráter utópico do apelo a um espírito comunitário, tal como feito por Szent-Györgyi, uma vez que ignora as transformações do próprio sujeito em relação às novas tecnologias de comunicação. Desta perspectiva, rechaçar a redução dos problemas sociais a problemas meramente tecnológicos, não nos livraria da necessidade de entender que, a tecnologia, ao nos conectar com o mundo, é mais do que um simples instrumento, pois atua sobre os processos de subjetivação. Portanto,

É como se o futuro se apresentasse agora como um simulacro gigantesco dos restos reciclados de tudo o que foi deixado inacabado pelo surgimento do dínamo tecnológico – guerras religiosas inacabadas, lutas étnicas inacabadas, guerra de classes inacabada, violência sacrificial inacabada e espasmos de poder brutal, frequentemente motivados por uma psicologia de raiva por parte dos membros mais privilegiados da chamada *aldeia global*⁸². O apocalipse parece estar vindo em nossa direção como um espectro no horizonte, não uma grande epifania de eventos, mas por uma mensagem de texto solitária de cada vez⁸³ (p. 193, tradução nossa).

⁸¹ “In the culture of that generation of rebels who read Heidegger and Nietzsche, Burroughs and Philip K Dick, there was a new consciousness that capitalism is organic to the anthropological forms that modernity is made of. The problem of technics is put on the table by the movement of the refusal of work. Technology is not viewed as a mere system of tools, but is perceived as a totalizing dimension, opening infinite possible bifurcations, and simultaneously imposing an inescapable framework of economic constraints.”

⁸² Ênfase dada.

⁸³ “It’s as if the future presents itself now as a gigantic simulacrum of the recycled remnants of all that which was left unfinished by the coming-to-be of the technological dynamo – unfinished religious wars, unfinished ethnic struggles, unfinished class warfare, unfinished sacrificial violence and spasms of brutal power, often motivated by a psychology of anger on the part of the most privileged members of the so-called global village. The apocalypse seems to be coming our way like a specter on the horizon, not a grand epiphany of events but by one lonely text message at a time.”

Aldeia global⁸⁴, ou *global village*, aqui, pensado a partir de uma frase de Wyndham Lewis⁸⁵ e elaborado por Marshall McLuhan e Edmund Carpenter em *Explorations in communications* (1960), merece nossa atenção por agora, pois reforça a centralidade dos debates, sobre o estado de constante conectividade e como ele afetaria as formas de subjetivação.

Enquadramento no qual destacamos a crítica de Raymond Williams, que não via um mundo mais tecnológico como uma aldeia global, mas como uma redução da experiência do próprio mundo, devido a virtualidade de tal conexão. Este argumento antecipa em alguma medida, o estado de homogeneização da subjetividade denunciada por Berardi. Para Williams, o conceito de “aldeia global” esconderia que os diversos desenvolvimentos tecnológicos e econômicos trazem, como consequência, um movimento que faria com que um mundo diverso, formado por diferentes povos e fenômenos históricos parecesse progressivamente mais similar.

Em *The Gutenberg Elegies: The Fate of Reading in an Electronic Age* (1994), o crítico literário americano Sven Birkerts defende que a mudança da centralidade da comunicação impressa para a digital tem um impacto tão grande na sociedade quanto a própria invenção de Gutemberg. Sua argumentação prognosticou, como o conceito de “entrar na internet” seria substituído gradualmente, por um constante estado de conexão do qual o indivíduo teria dificuldade de se manter afastado. Fenômeno que para Birkerts estaria mais perceptível através da nossa relação com a literatura, pois, ao fim e ao cabo, quem entre nós “pode gerar a quietude, a concentração e a vontade de ler Henry James, ou Joseph Conrad, ou James Joyce, ou Virginia Woolf como eles foram feitos para serem lidos?”⁸⁶ (p. 191, tradução nossa). Conforme destacado por Adam Hammon em *Literature in the digital age: An Introduction* (2016), esta pergunta aparente obtusa, contém em si uma afirmação mais interessante e talvez urgente: a tela é, para Birkerts, antitética à interioridade, e por isso, na era eletrônica, “o indivíduo humano enfrenta a perspectiva do apagamento da identidade individual”⁸⁷ (Birkerts, 1994, pg. 208 apud Hammon, 2016, p. 9, tradução nossa).

⁸⁴ Termo popularizado por Marshall McLuhan em seu livro *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man and Understanding Media* (1962), para se referir ao aumento de conexão entre diferentes partes do mundo através do desenvolvimento das tecnologias telecomunicativas.

⁸⁵ Escritor e pintor britânico.

⁸⁶ “*can generate the stillness and concentration and will to read Henry James, or Joseph Conrad, or James Joyce, or Virginia Woolf as they were meant to be read?*”

⁸⁷ “*the human individual fac[es] the prospect of the erasure of individual selfhood.*”

Esta ameaça de apagamento das identidades é elaborada por Berardi como o aumento da porosidade entre os conceitos de indivíduo e coletivo, uma vez que “grupos de pessoas e multidões estão envolvidos em uma cadeia de comportamentos automatizados, impulsionados por dispositivos tecnolinguísticos”⁸⁸ (2015a, p. 29, tradução nossa). O que resulta na criação de um efeito de “enxame”⁸⁹, em direta oposição a “multidão” de Negri como abordamos no capítulo anterior. O enxame não se caracteriza como um grupo de seres conscientes que compartilham interesses comuns, mas sim como uma série de comportamentos automatizados entrelaçados em quadros comunicativos dentro dos quais a consciência individual se tornaria incapaz de exercer alguma divergência concreta. Nessa circunstância, o exame tende a ser governado por alternativas binárias, tornando desnecessárias estratégias de controle a longo prazo. Em Berardi e Birkerts, emerge a tematização crítica do ambiente digital, e por meio dela podemos compreender sua ininterrupta expansão e porque isso se torna uma força antagônica à capacidade questionadora e no limite ao espírito democrático.

Birkerts ainda argumenta que um dos principais efeitos destes processos foi “transformar nossa noção de sociedade composta de indivíduos isolados [...] em uma de cidadãos em busca de informações, interconectados por uma rede digital que os mantém perpetuamente no momento presente”⁹⁰ (DAWSON, 2013, p. 5-6). Para Birkerts, a atual configuração da sociedade desencoraja qualquer manifestação de interioridade, por exigir que nos mantenhamos sempre conectados no circuito virtual cujo tempo é sempre o agora. Neste sentido, e de volta a sua anedota sobre quem teria tempo para ler, o que colocaria a literatura em perigo na contemporaneidade, seria, justamente, o fato de que a literatura requer *uma experiência interior cada vez menos possível*, visto que,

A literatura mantém o significado não como um conteúdo que pode ser abstraído e resumido, mas como experiência. É uma arena participativa. Por meio do processo de leitura, escapamos de nossa orientação temporal habitual, marcada pela distração e superficialidade, para o reino da duração. Somente no estado de duração a experiência está presente como significado⁹¹ (Birkerts, 1996, p. 32, tradução nossa).

⁸⁸ “Crowds and multitudes are involved in automatic chains of behaviour and driven by techno-linguistic dispositives.”

⁸⁹ Há uma clara convergência com o conceito popular de “comportamento de manada”.

⁹⁰ “to transform our sense of society being composed of isolated individuals [...] to one of information-seeking citizens interconnected by a digital grid which keeps them perpetually in the present moment.”

⁹¹ “Literature holds meaning not as a content that can be abstracted and summarised, but as experience. It is a participatory arena. Through the process of reading we slip out of our customary time orientation, marked by distractedness and surficiality, into the realm of duration. Only in the duration state is experience present as meaning.”

De volta a Tierney (2019), este autor argumenta que, ainda que Jean-François Lyotard e seu *A Condição Pós-Moderna* (1979) tenham ganho notoriedade, principalmente, pela formulação “fim das grandes narrativas”, há uma parte do texto crucial e, comumente ignorada. Ela diz respeito à compreensão do aparato tecnológico e a inversão de seu papel como instrumento diante da chegada da computação. O que culminaria em uma realidade na qual o relacionamento entre ciência e tecnologia é invertido. Lyotard percebeu claramente que, neste cenário, a tecnologia já não serve mais a ciência, tanto quanto a ciência serve à tecnologia.

Crítica que já aparecia em Adorno, que questiona a mitificação das novas tecnologias e aponta como isso dificulta ou mesmo impossibilita uma análise crítica sobre o tema. A mitificação faz com que as análises críticas sobre a tecnologia orbitem entre dois polos opostos, mas igualmente conservadores: *tecnofilia* ou *tecnofobia*. Ignorando que por tecnologia, deve-se entender “menos uma condição ontológica precisa e mais um conjunto de máquinas e um leque cada vez maior de imperativos políticos e culturais” (Tierney, 2019, p. 2, tradução nossa)⁹². Nesse sentido, continua o autor, “há algo exagerado, irracional, patológico na atual relação com a tecnologia [...] as pessoas estão inclinadas a encararem a tecnologia como autônoma, que justifica a si mesma, e esquecem que ela é um produto da destreza humana” (Adorno, 1998, p. 200 apud Tierney, 2019, p. 19, tradução nossa)⁹³.

Para o presente estudo, a interação entre tecnologia e linguagem assume papel central e será analisada através da possibilidade de produção automatizada de literatura por meio de através de programas de inteligência artificial, o que permitirá pensarmos nos efeitos de padronização dos processos de subjetivação contemporâneos.

2.2 Inteligência artificial, automação da linguagem e semiocapitalismo

Observemos, primeiramente, o trecho que se segue,

Toda produção capitalista, por ser não apenas processo de trabalho, mas, ao mesmo tempo, processo de valorização do capital, tem em comum o fato de que não é o trabalhador quem emprega as condições de trabalho, mas, ao contrário, são estas últimas que empregam o trabalhador; porém, apenas com a maquinaria essa inversão adquire uma realidade

⁹² “less a precise ontological condition, and more a loose collection of machines and an increasingly coherent set of political and cultural imperatives”.

⁹³ “there is something exaggerated, irrational, pathogenic in the present-day relationship to technology... People are inclined to take technology to be the thing itself, as an end in itself, a force of its own, and they forget that it is an extension of human dexterity.”

tecnicamente tangível. Transformado num autômato, o próprio meio de trabalho se confronta, durante o processo de trabalho, com o trabalhador como capital, como trabalho morto a dominar e sugar a força de trabalho viva. A cisão entre as potências intelectuais do processo de produção e o trabalho manual, assim como a transformação daquelas em potências do capital sobre o trabalho, consoma-se, como já indicado anteriormente, na grande indústria, erguida sobre a base da maquinaria (Marx, *O Capital* vol. 1, p. 607).

Em seguida, o comentário feito por Alfred Sohn-Rethel em seu livro *Intellectual and Manual Labor - A Critique of Epistemology* (1970) sobre o trecho de Marx dado anteriormente,

A julgar por nossa experiência com a indústria contemporânea, a “transformação em autômato” não diz respeito apenas dos instrumentos de trabalho, mas afeta toda a fábrica como um grande complexo maquinário. Para reiterar o ponto principal, a tendência descrita como “postulado do automatismo” apresenta-se como uma característica da tecnologia, mas não nasce da tecnologia e sim das relações de produção capitalista, e é inerente ao controle do capital sobre a produção. É, por assim dizer, a condição que controla esse controle.”⁹⁴ (Sohn-Rethel, p. 121, tradução nossa).

Sohn-Rethel (1970) nos ajuda a historicizar as inteligências artificiais, posicionando-as em relação às primeiras formas de automação do modelo de produção do capitalismo industrial, chamando atenção para o fato de que o avanço das não responde, impreterivelmente, a uma necessidade da sociedade, mas às demandas do próprio capital. Este argumento causa um impacto inquietante se o colocarmos lado a lado com a tese de Günther Anders⁹⁵ que insidiosamente afirma existir por trás da obsessão tecnológica, um desejo latente de construir um mundo no qual os humanos se tornariam obsoletos.

Luhmann (2000), nos oferece uma boa ilustração deste problema, ao se referir ao gênio do artista como o seu próprio corpo⁹⁶. Isso é, a tradicional separação do capitalismo entre conhecimento e o corpo que produz não se aplicaria à arte, ou em outras ramificações do trabalho imaterial, como a pesquisa científica. Luhmann mostra que atividades altamente especializadas nos colocam diante da impossibilidade de separarmos o know how e o sujeito produtor – o que o torna um certo tipo de trabalhador insubstituível e retoma o intelecto geral marxista, como visto no capítulo anterior, de forma semelhante ao semiocapitalismo berardiano, ou a produção biopolítica de Negri.

⁹⁴ “Judging from our experience with contemporary industry the 'conversion into an automaton' not only seizes upon the single instruments of labour but affects entire factories as integrated complexes of machinery and labour. To reiterate the chief point: the tendency which I described as the 'postulate of automatism' presents itself as a feature of technology. But it does not spring from technology but arises from the capitalist production relations and is inherent in the capital control over production. It is, as it were, the condition controlling this control.”

⁹⁵ Ver Günther Anders, *The obsolescence of man* (1956).

⁹⁶ Ver Niklas Luhmann, *Art as a Social System* (2020) e Paolo Virno, *Virtuosismo e revolução* (2008).

Por conseguinte, à luz do semiocapitalismo berardiano, levantamos a hipótese de que a automação e o uso de inteligência artificial por diferentes indústrias contemporâneas, acaba funcionando como uma tentativa de se contornar esta situação, ou seja, os comandos de IA transformam o estilo pessoal de pensamento e de ação em commodities, o que soluciona o problema da valorização do trabalho imaterial.

Estamos diante da configuração através da qual, a convergência entre modelos de inteligência artificial e automação afeta a criatividade e submete à subjetividade a novos modos de padronização. O que para Baudrillard (1990), justifica o sucesso destes movimentos de automação, uma vez que ao hipertrofiar o pensamento em um processo operacional, nos libertaria de suas ambiguidades e de sua complexa relação com o mundo (p. 58). Consequentemente, através do virtual e da automação,

Você não é mais sujeito ou objeto, não é mais livre ou alienado - e não é mais nem um nem outro: você é o mesmo, e arrebatado pelas comutações dessa mesmice. Nós deixamos o inferno de outras pessoas para o êxtase do mesmo, o purgatório da alteridade para os paraísos artificiais da identidade. Alguns podem chamar isso de uma servidão ainda pior, mas o Homem Telemático, não tendo vontade própria, não sabe nada sobre servidão. A alienação do homem pelo homem é uma coisa do passado: agora o homem está mergulhado na homeostase pelas máquinas (1990, p. 58-59, tradução nossa)⁹⁷.

Assim, a questão da inteligência artificial é concebida como a realização de uma fantasia neoliberal de total padronização e redução a um valor de troca daquilo que compreendemos como experiência humana. Este tipo de transformação social pode ser entendido como comodificação, processo de transformar bens, serviços ou ideias em mercadorias que podem ser compradas e vendidas no mercado. Palavra que deriva de “commodity” (mercadoria) e está em alta em um mundo reduzido a dados e por estes dados governado.

Recorremos, então, a um exercício empírico: solicitamos a três diferentes modelos de inteligência artificial generativa – ChatGPT 4^o-mini da OpenAI, Copilot da Microsoft e Gemini do Google – que respondessem aos seguintes comandos:

- Prompt 1: Quais as principais características da poesia de Arthur Rimbaud?
- Prompt 2: Quais os temas e palavras mais recorrentes em sua obra?

⁹⁷ “You are no longer either subject or object, no longer either free or alienated - and no longer either one or the other: you are the same, and enraptured by the commutations of that sameness. We have left the hell of other people for the ecstasy of the same, the purgatory of otherness for the artificial paradises of identity. Some might call this an even worse servitude, but Telecomputer Man, having no will of his own, knows nothing of serfdom. Alienation of man by man is a thing of the past: now man is plunged into homeostasis by machines.”

E por fim,

- Prompt 3: Escreva um poema como se fosse Rimbaud.

Observemos os poemas gerados (Os resultados, input e output, estão disponibilizados em sua totalidade na forma de “Anexo B”, “Anexo C” e “Anexo D”).

a) Prompt e resultado de criação a partir do uso do Gemini – Google AI.

O Gemini destaca Rimbaud como um dos poetas mais revolucionários e influentes da história da literatura. Destacando a busca pelo “eu” do poeta, a exploração dos limites da linguagem e da consciência e a valorização da intuição e do inconsciente como características centrais de sua obra. Como resposta ao “Prompt 3”, gera o poema “Desatino”

“Desatino”

Eu sou a noite, a noite em meu interior,
 Um caos estrelado, um mar sem farol.
 Vagando em sonhos, em névoa e em furor,
 Busco a verdade, a dor, o amor.
 Corpos retorcidos em frenética dança,
 Sons dissonantes, uma estranha trança.
 A razão se esvai, a loucura avança,
 Em um turbilhão, em uma dança espantosa.
 As cores se misturam, os sentidos se embotam,
 Em um delírio febril, a alma se debate.
 A vida é um sonho, um pesadelo incômodo,
 Um labirinto sem fim, um destino incerto.

b) Prompt e resultado de criação a partir do uso do Copilot – Microsoft.

O Copilot destaca a rebeldia e revolta do poeta francês contra as normas sociais vigentes na sua época. Outros pontos de destaque são: experiências alucinatórias frequentes, representação do sobrenatural e onírico, desconstrução do conceito de identidade, amor e desejo como temáticas

recorrentes e não menos importante, a exploração da vida urbana. Como resultado ao “Prompt 3”, gera o poema “Vagabundos do Crepúsculo”

“Vagabundos do Crepúsculo”

No azul ferido, um reflexo de sonhos naufragados,
 Pássaros mecânicos, e cidades de espectros,
 Onde vagamos, bêbados de luz e sombras,
 Amantes das ruínas, filhos da aurora.
 A noite mastiga o horizonte com dentes de jade,
 Enquanto flores de névoa se abrem nas avenidas.
 Sussurros metálicos de segredos profanos,
 Desfilam em nossa pele como mapas rasgados.
 Caminhamos entre astros e destroços,
 Com olhos que devoram estrelas cintilantes.
 Não mais homens, mas deuses e demônios,
 Misturando o tempo com nossos cânticos errantes.
 Oh, navegantes perdidos nos mares da cidade,
 Nossas almas são tempestades de desejo.
 Louvamos o caos e a liberdade,
 Na eterna fuga do sonho traidor.

c) Prompt e resultado de criação a partir do uso do ChatGPT 4^o-mini da OpenAI.

Oferecendo uma análise, ainda que superficial, consideravelmente mais completa que os exemplos anteriores, o ChatGPT destaca a revolução poética causada pelos textos de Rimbaud. Chamando atenção para o uso de linguagem experimental e visionária e a busca do poeta da libertação das “amarras da sociedade”. Como resultado, gera o poema “O Grito da Carne e do Vento”.

“O Grito da Carne e do Vento”

Eu sou a carne que sangra no vento quente,

os olhos cegos que se abrem no nada.
Escuto o som das estrelas quebrando,
cada suspiro é um universo em fogo.
As ruas choram, o ouro se dissolve,
as mãos se perdem em águas de sal e cristal.
Eu corro pela dor, minhas pernas são rios,
meu corpo é um barco que afunda em um mar de aço.
Lá no horizonte, a lua é uma lâmina,
despedaça o rosto das cidades em pedaços de vidro.
E eu vejo os espectros dançando,
são sombras de gente que nunca foi,
rostos sem nome, sem carne, sem sangue.
Ah! Como o silêncio é profundo!
Escuto o vento rasgando as cortinas do tempo,
enquanto o céu vomita seus últimos raios de sol,
e eu me perco, me dissolvo, me tornei apenas eco.
O sexo do mundo me arranha a pele,
seu corpo é uma chama,
seu prazer é o sangue das estrelas.
Eu sou o grito, sou a fúria do ser,
o vento que arrebenta os portões da realidade,
e vou, sem saber onde,
fugindo do infinito,
desprendido de tudo,
enquanto o fogo consome o mundo.

Dentro deste contexto, é relevante analisar algumas das definições de texto poético presentes em diversos estudos sobre a composição automática de poesia a partir de modelos de *Large Language Models* (LLMs). Para isso, utilizamos o repositório digital "Arxiv", que armazena mais de dois milhões de artigos acadêmicos nas áreas de *física, matemática e ciências da computação*. Em seu bando de dados, buscamos, especificamente, artigos que, *dentro dessas áreas*,

tivessem sido submetidos a algum processo de revisão por pares e que abordassem, diretamente, a viabilidade de programar um modelo de inteligência artificial para a criação de textos poéticos. O levantamento em questão foi feito a partir dos cem primeiros resultados que atendiam aos critérios estabelecidos, e as tentativas mais relevantes de definição do que constitui um texto poético foram organizadas, no formato de um "Anexo E".

A partir dessa análise, destaca-se como Chan et al. (2024) concebe a poesia como um texto altamente estilizado, imbuído de conotações históricas e culturais. Por sua vez, Young et al. (2024) enfatiza a necessidade de preparar o modelo de LLM para reproduzir as características rítmicas e métricas do texto poético. Deng et al. (2023) destaca a capacidade da poesia em evocar sentimentos e permitir uma reflexão sobre a condição humana. Já Agirrezabal et al. (2023), de maneira semelhante à maioria dos estudos analisados, além de reiterar as exigências quanto ao ritmo, à linguagem sofisticada e à descrição de emoções, argumenta que a dificuldade em gerar poemas de “qualidade” reside, fundamentalmente, na subjetividade intrínseca à avaliação desses textos.

Conforme observa D'Alte (2020), um argumento recorrente na literatura sobre a geração automática de poesia é a capacidade das máquinas de simular os processos mentais humanos, incluindo as faculdades criativas. Tais discussões tendem a centrar-se, ainda que superficialmente, na teoria da recepção literária, uma vez que *o objetivo do aprimoramento dos modelos de LLM é produzir um texto que seja percebido como se fosse escrito por um ser humano*. Assim, a autoridade para determinar o que é ou não literário é atribuída a um "leitor virtual", cuja avaliação se baseia em suas próprias preferências e hábitos de leitura. Esse processo, no entanto, ignora todo um arcabouço teórico literário. Contudo, cabe frisar que o objetivo deste estudo não é analisar a possibilidade de um poema gerado por IA ser interpretado como humano ou literário, pois tal discussão reduz o debate à questão da *passabilidade* do texto gerado, o que não constitui o foco principal desta análise. Nosso interesse central reside, portanto, em nos aprofundarmos nos problemas conceituais envolvidos nas categorizações de poesia e de literariedade de um texto com as quais os programas de IA lidam.

Por ora, foquemos, primeiramente, na definição do conceito de inteligência artificial, suas ramificações e seu uso no presente estudo.

Por Inteligência Artificial (IA), devemos entender o termo cunhado em 1956 por John McCarthy, cientista da computação americano que, a partir dos estudos de Alan Turing, teoriza sobre a capacidade de se treinar uma máquina para executar tarefas que até então precisavam do

ser humano para serem realizadas. O conceito de IA se bifurca em a) “aprendizado de máquina”, ou *machine learning* e, b) “aprendizagem profunda” ou *deep learning*. Então, entendemos que,

- a. Diz respeito a um tipo de IA capaz de reconhecer padrões em informações previamente analisadas para simular o aprendizado humano. Em termos gerais, a máquina consegue, através de uma análise de dados, inferir uma informação nova e logicamente sequencial aos dados com os quais ela foi inicialmente alimentada.
- b. Aqui temos, na verdade, uma subdivisão do primeiro, que busca através da organização de seus algoritmos em forma de camadas, imitar uma rede neural e agir como se fosse um cérebro humano. De certa maneira, é uma das mais profundas formas de automação disponíveis.

Ao avançarmos nesta bifurcação, chegamos por fim, ao processamento de linguagem natural ou *natural language processing* (NLP), uma união das ciências da computação com os estudos linguísticos e ramo de IA de maior interesse para o presente estudo.

Com a NLP observamos um processo de automação da linguagem natural e redução da linguagem a suas propriedades matemáticas. Este processo ocorre através de um pré-processamento de dados no qual se busca, em primeiro lugar, a determinação de um padrão, seja ele, em relação a pontuação, estilo, fonte, ou qualquer outro tópico que possa ser a origem de uma ambiguidade para a máquina. Nesta etapa, determinam-se as *stop words*, que decidem os termos menos importantes para o processamento do texto. Como veremos, estes termos serão excluídos durante o processamento. É importante destacar que não há uma lista única, variando de acordo com o idioma do texto processado e a linguagem de programação usada para o seu processamento. Observemos a Figura 2 a seguir:

Figura 2: Tabela de stop words no processamento de um poema em Python⁹⁸

⁹⁸ Python é apenas uma das várias linguagem de programação disponíveis. Comumente utilizada para a construção de websites e programas relacionados a análise de dados.

	poem	cleaned	filtered
0	Deep in the shady sadness of a vale	[deep, in, the, shady, sadness, of, a, vale]	[deep, shady, sadness, vale]
1	Far sunken from the healthy breath of morn	[far, sunken, from, the, healthy, breath, of, ...]	[far, sunken, healthy, breath, morn]
2	Far from the fiery noon, and eve's one star	[far, from, the, fiery, noon,, and, eve's, one...]	[far, fiery, noon,, eve's, one, star]
3	Sat gray-hair'd Saturn, quiet as a stone	[sat, gray-hair'd, saturn,, quiet, as, a, stone]	[sat, gray-hair'd, saturn,, quiet, stone]
4	Still as the silence round about his lair	[still, as, the, silence, round, about, his, l...]	[still, silence, round, lair]
5	Forest on forest hung about his head	[forest, on, forest, hung, about, his, head]	[forest, forest, hung, head]
6	Like cloud on cloud. No stir of air was there	[like, cloud, on, cloud., no, stir, of, air, w...]	[like, cloud, cloud., stir, air]
7	Not so much life as on a summer's day	[not, so, much, life, as, on, a, summer's, day]	[much, life, summer's, day]
8	Robs not one light seed from the feather'd grass	[robs, not, one, light, seed, from, the, feath...]	[robs, one, light, seed, feather'd, grass]
9	But where the dead leaf fell, there did it rest	[but, where, the, dead, leaf, fell., there, di...]	[dead, leaf, fell., rest]
10	A stream went voiceless by, still deadened more	[a, stream, went, voiceless, by., still, deade...]	[stream, went, voiceless, by., still, deadened]
11	By reason of his fallen divinity	[by, reason, of, his, fallen, divinity]	[reason, fallen, divinity]
12	Spreading a shade: the Naiad 'mid her reeds	[spreading, a, shade:, the, naiad, 'mid, her, ...]	[spreading, shade:, naiad, 'mid, reeds]
13	Press'd her cold finger closer to her lips	[press'd, her, cold, finger, closer, to, her, ...]	[press'd, cold, finger, closer, lips]

Fonte: “Remove Stop Words – Python”, *Stack Overflow*⁹⁹

Como explicado anteriormente, o texto é primeiramente “limpo” de quaisquer marcações que possam ser percebidas como ambiguidade, neste caso, a remoção das letras maiúsculas e separação por espaço. Então, através de um filtro, as *stop words* são determinadas e removidas. O que reduz o texto original a blocos de informações menores que são submetidos a análises morfológica, sintática e semântica. Permitindo, então, um melhor e mais rápido funcionamento dos modelos de LLMs, ou *Large language model*. A partir destes modelos que são, na verdade, uma forma de geração automática de textos, grandes blocos de informações são analisados para a determinação da probabilidade de uma sequência de palavras em detrimento de outras, assim como o seu contexto de uso. Logo, as LLMs são o tipo de IA que nos interessa e as tomamos como um campo de prova para descrever e analisar os efeitos de padronização da linguagem, como já especificado, pois tais modelos propoem uma linguagem sem um sujeito que, ao mesmo tempo, fala e a investe de intenção e contexto. Estamos ante uma linguagem utilitária e sem vínculos sociais e emotivos.

2.2.1 Linguagem utilitária e sem vínculos sociais e emotivos

⁹⁹ Disponível em: <https://stackoverflow.com/questions/52940753/remove-stop-words-python>

Em “The Computers are Getting Better at Writing”, Stephen Marche (2021) faz uma afirmação que pode, a princípio, parecer curiosa. Segundo o autor, a separação entre ciências da computação e literatura se torna tão tênue com o advento das IAs generativas, que teria se tornado impossível para uma área ignorar a outra. Entretanto, ao centralizar seu texto na possibilidade da IA criar literatura porque o próprio conceito de “estilo literário” poderia ser repensado como uma estrutura algorítmica, o autor não apenas ignora completamente as questões relacionadas ao intelecto geral e produção imaterial, trabalhados extensivamente por nosso estudo, como reproduz o que Elam (2023) chama de colonização retórica.

Como demonstrado através da fala de Amita Gupta, fundadora do *Sudowrite*, uma IA para escrita focada na produção de ficção, “O artista quer fazer algo com a linguagem. As máquinas vão realizar isso. A intenção será a arte, o ofício da linguagem, uma reflexão tardia.”¹⁰⁰ (Gupta apud Elam, 2023, p. 282, tradução nossa). Chega a ser escandalosa, para àqueles que como nós (ainda) depositam esperanças em algum traço de singularidade humano, a redução do trabalho artístico a uma intenção que pode ser traduzida em uma sequência de parâmetros pré-estabelecidos que serão traduzidos e recombinaados pelo programa utilizado. Apesar do tom crítico às falas extremas como as de Gupta, Elam não descarta a produção automática de textos e associa o desconforto diante de tais ferramentas a uma reação similar a experiência de *uncanny valley* ou vale da estranheza. Para nós, esta posição não se sustenta e demanda uma análise mais atenta.

Criado pelo professor japonês de robótica Masahiro Mori, o *uncanny valley* remete a intensidade da reação de repulsa de seres humanos em relação às réplicas robóticas que se comportam de forma muito parecida aos humanos, mas persistindo um resto de inverossímil perceptível que as mantém presas ao estatuto de cópias. Para Mori atribuir características humanas a robôs, como a estrutura do rosto, locomoção bípede, proporcionalidade, entre outros traços humanoides, tornaria nossa adaptação aos robôs mais fácil, pois geraria uma resposta empática da parte dos seres humanos. Entretanto, o que foi percebido – e neste ponto lembramo-nos do umheimlich freudiano- quando essa semelhança se torna muito próxima do real, a empatia daria lugar para uma súbita onda de repulsa e abjeção. Podemos pensar, sem exagero retórico, que o estranhamento descrito por Mori também se justifica pela sensação de autonomia transmitida pela

¹⁰⁰ “The artist wants to do something with language. The machines will enact it. The intention will be the art, the craft of language an afterthought.”

réplica. O que não existe na inteligência artificial que mesmo em suas manifestações mais avançadas, não produz, de fato, inteligência ou autonomia.

O clima conflitivo se acirra quando pensamos a respeito da organização dos modelos de processamento de linguagem natural, pois como visto na Figura 2, a eliminação do excesso de informação, responsável por acelerar o processamento de dados, elimina, também, estruturas linguísticas cruciais à comunicação. Não obstante, os modelos generativos poderiam ser vistos como uma *estrutura desistoricizada*, ainda que possam ser treinadas para responder a contextualização histórica, pois,

o desafio está no que é contado como dados utilizáveis em primeiro lugar: as informações históricas para conjuntos de treinamento são necessariamente tratadas como um conjunto de pontos estáticos — informações já reduzidas e tornadas interpretáveis como dados utilizáveis. Pode-se adicionar dados novos ou diferentes, mas os dados em si são tratados como a-históricos para fins de programação. Pode parecer contra intuitivo sugerir que a a-historicidade está por trás dos algoritmos usados para prever um futuro, mas isso é, na verdade, o que ocorre quando um algoritmo informado por dados — ou, especificamente, os “tokens” que compreendem os dados — prevê e gera, por exemplo, sentenças judiciais, ou elegibilidade para empréstimos bancários, ou um conjunto antecipado de palavras¹⁰¹ (Elam, p. 286, tradução nossa).

Tendo isso em vista, nos parece particularmente elucidativo tomar a IA como um tipo de estruturalismo automatizado, à medida que a principal função destes modelos parece ser tentar criar uma linguagem que contorne o problema do sujeito ou, em outras palavras, a produção de enunciação sem um enunciador que a investe de valor cultural, histórico e mesmo afetivo.

Por fim, encontramos a realização dos problemas descritos em um simples exercício feito Michele Elam (2023), que a partir da leitura dos quatro versos iniciais do poema “Still I Rise” (1978) de Maya Angelou, “*You may write me down in history; / With your bitter, twisted lies; / You may trod me in the very dirt; / But still, like dust, I’ll rise*”¹⁰², solicitou ao GPT-3 que continuasse o texto. Obervemos, agora, a comparação entre as duas versões:

Quadro 1: Comparação entre as duas versões

¹⁰¹ “*the challenge lies with what gets counted as usable data in the first place: the historical information for training sets is necessarily treated as a set of static points—information already reduced and rendered interpretable as usable data. One can add new or different data but data itself are treated as ahistorical for the purposes of programming. It may seem counterintuitive to suggest that a-historicity lies beneath algorithms used to predict a future, but this is, in effect, what occurs when an algorithm informed by data—or, specifically, the “tokens” comprising data—predicts and generates, for instance, judicial sentences, or bank loan eligibility, or an anticipated cluster of words.*”

¹⁰² “Você pode me inscrever na história; / Com as mentiras amargas que contar; / Você pode me arrastar no pó; / Mas ainda assim, como o pó, eu vou me levantar.”

Maya Angelou – “Still I Rise”	GPT-3 “Still I Rise” (ELAM, 2023, p.287)
<p>Does my sassiness upset you? Why are you beset with gloom? ‘Cause I walk like I've got oil wells Pumping in my living room.</p> <p>Just like moons and like suns, With the certainty of tides, Just like hopes springing high, Still I'll rise.</p> <p>Did you want to see me broken? Bowed head and lowered eyes? Shoulders falling down like teardrops, Weakened by my soulful cries? [...]</p>	<p>If you want me to know what you're puttin' me through, If you want me to share your agony, If you want me to be a part of it, All I need is the truth.</p> <p>When you know why I'm singin' About the hard times I've had, When you know why I'm singin' About ole Jim Crow</p> <p>When you really know why I'm singin' That will be the day. You are a black dam in the river of my freedom Too many people, you're towin'. [...]</p>

Fonte: Elam (2023), “Poetry Will Not Optimize, or What Is Literature to AI? ”.

Para Elam, o principal problema evidenciado é a redução da linguagem do poema de Angelou a uma série de clichês e o esvaziamento da riqueza do vernáculo negro americano, devido a insensibilidade histórica da IA generativa. Estes problemas não se resolvem por meio do treinamento do programa e aumento de sua sensibilidade para, por exemplo, questões regionais e étnicas. A nebulosa enfrentada não encontra seu horizonte de tematização como um problema histórico. No nosso ponto de vista, a questão se formula como um problema de teoria da literatura, em seu sentido mais elementar: a IA não dará conta de questões como a representação poética enquanto os programas generativos de linguagem, retomarem e automatizarem a linguagem poética a partir da tradição estruturalista. A IA, nesse sentido, não faz mais que amplificar

exponencialmente uma tradição teórica que tende a considerar a experiência do sujeito como ruído. Um excesso que deve ser desconsiderado.

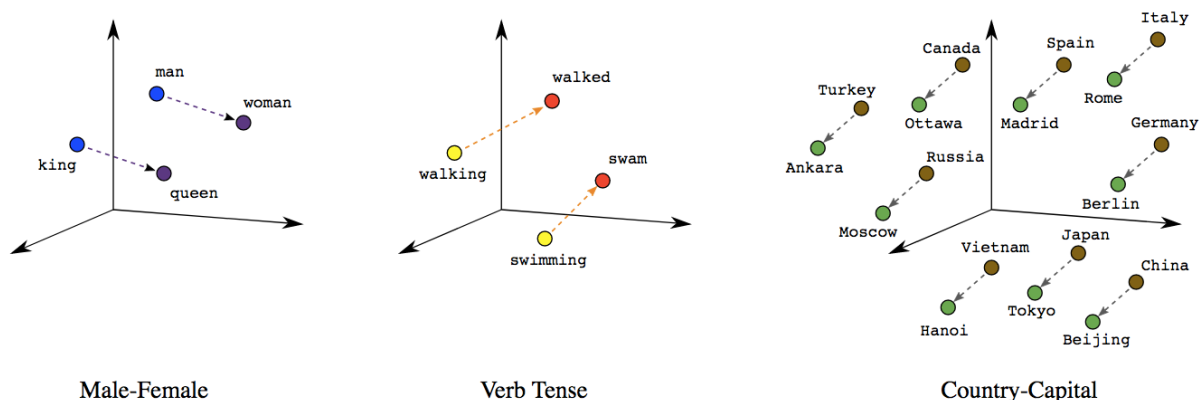
De maneira clara, Jameson (1972) já havia proposto que tal modelo era impossível, apresentando-se como uma abstração dentro do estruturalismo. Ao revisitar a traição estruturalista, os LLMs oferecem uma manifestação concreta desse sistema. Embora seja tangível, essa concretude se torna extremamente problemática quando comparada ao que Eagleton (1986) afirma sobre a natureza paradoxal da linguagem, que é ao mesmo tempo geral e irredutivelmente particular. Os modelos de linguagem avançados não conseguem reproduzir integralmente o uso social da linguagem exatamente porque descartam a experiência de mundo do sujeito como ruído.

Vejamos alguns pontos importantes em nosso exemplo: a menção, na versão da IA, do termo “Jim Crow” é intrigante. Ele faz referência às leis estaduais que impunham a segregação racial, no sul dos Estados Unidos e que estiveram em vigor até 1964, chegando ao seu fim após a assinatura da lei dos direitos civis pelo então presidente Lyndon B. Johnson. O termo não aparece no poema de Angelou e ainda que sua obra lide diretamente com os efeitos do racismo e segregação racial, observamos, novamente, a organização da IA em torno de resultados quantitativos e não qualitativos porque é evidente que a IA se guiou pela quantidade e diversidade da produção científica e cultural envolvendo a Segregação Americana. Além disso, chamamos atenção para a repetição do verbo “singin” (cantar), que não ocorre no texto original. Provavelmente, a IA recorreu à referência a autobiografia de Angelou, intitulada *I Know Why the Caged Bird Sings* (1969).

Programas como o ChatGPT processam a linguagem como um vetor multidimensional, em um processo conhecido como “*word embedding*”, através do qual, de forma resumida, palavras são agrupadas em um espaço vetorial de acordo com a proximidade de seu significado, capturando relações semânticas que facilitam o processamento do texto e sem o qual a capacidade da IA prever o próximo termo em uma sequência lógica de palavras seria impossível. Entretanto, observamos nestes sistemas desde dificuldade em lidar com polissemia- afinal de contas, as palavras são separadas de seu contexto durante o processo de separação e agrupamento- à manutenção de vieses estereotipados e discriminatórios presentes nos dados com os quais a IA é alimentada. Novamente, o código é produto da *escrita* do código, uma atividade, como todas as atividades humanas, afetadas

por processos sociais, políticos, culturais e, até mesmo, emocionais (Berardi, 2012, p. X)¹⁰³
 Observemos o modelo descrito na Figura 3:

Figura 3: Modelo de word embedding



Fonte: “A Guide to Word Embedding” de Shraddha Anala (2020), publicado pela *Towards Data Science*¹⁰⁴.

Como vemos, o processo de *word embedding* permite a IA generativa quantificar e organizar as palavras em um campo semântico vetorial que torna a relação entre elas mais clara para a máquina, tornando o processamento mais rápido e eficiente, ao menos, em uma análise quantitativa.

Em virtude do visto até o momento, relembremos a natureza paradoxal da linguagem, comum e irreduzivelmente particular e, por consequência, “a linguagem é sempre esta ou aquela declaração nesta ou naquela situação. O paradoxo, então, é que a fala ou escrita real subverte a própria generalidade da estrutura que a traz à existência”¹⁰⁵ (p. 37, tradução nossa). Como articulado por Eagleton (1986), a linguagem se constitui como um *evento* específico que não pode simplesmente ser retirado das próprias estruturas que a tornam possível. Este argumento nos ajuda a localizar o problema com a linguagem dos modelos generativos, em um nível linguístico. Isto porque afirmamos, *Computadores processam símbolos de forma sintática, e precisam de ajuda*

¹⁰³ Ver também “Why can’t computers understand natural language” (2021) de Juan Luís Gastaldi.

¹⁰⁴ Disponível em: <https://towardsdatascience.com/a-guide-to-word-embeddings-8a23817ab60f>.

¹⁰⁵ “Language is always this or that utterance in this or that situation. The paradox, then, is that actual speech or writing subverts the very generality of the structure which brings it into being.”

com as questões semânticas. Em outras palavras, “eles podem processar formas lógicas, mas não significado substantivo”¹⁰⁶ (Cramer 2008 apud Bajohr, 2022, p.46, tradução nossa).

Com isso estabelecido, analisemos agora o uso desses modelos na produção acadêmica.

2.3 A LLM e a produção intelectual

Nosso estudo organiza a literatura existente sobre IA, modelos LLM e a produção acadêmica em três grandes correntes principais, uma primeira de tom especulativo e até mesmo positivo sobre as possibilidades e avanços da área¹⁰⁷. Uma segunda, com enfoque na precisão¹⁰⁸ e calibragem dos modelos de geração de textos e, por fim, uma terceira abordagem que se organiza em torno dos debates éticos sobre IA, como a questão de direitos autorais, criação de dados falsos e outros problemas metodológicos¹⁰⁹. Paralelamente, tentamos, através de nossa pesquisa, pensar em uma quarta abordagem diretamente relacionada aos fenômenos de padronização da linguagem e seus efeitos sobre a subjetividade. Para isso, ponderemos sobre o gráfico a seguir retratado na Figura 4:

Figura 4: Delving into CHATGPT usage in academic writing through excess vocabulary

¹⁰⁶ “*they can process logical forms but not substantive meaning.*”

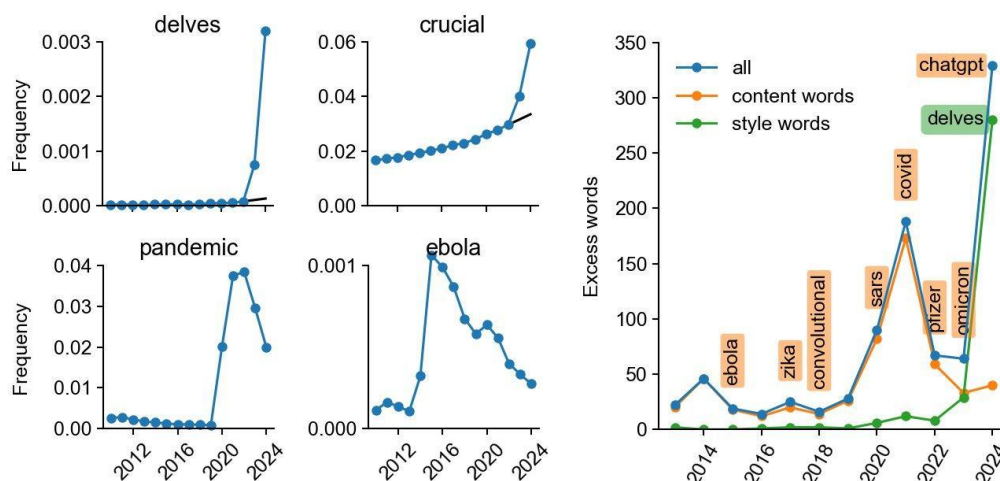
¹⁰⁷ Ver Ahmed et al., (2023); Berdejo-Espinola, Amano, (2023); Van Noorden, Perkel, (2023); Stokel-Walker, (2023).

¹⁰⁸ Ver Akram (2024); Cheng et al., (2024); K. Shu et al., (2020); Liu and Bu, (2024); Picazo-Sanchez, Ortiz-Martin, (2024); S. Baki et al., (2017).

¹⁰⁹ Ver H. Stiff, F. Johansson (2020); Mittelstadt et al., (2023); N. Dehouche, (2021); Walters and Wilder, (2023).

Delving into ChatGPT usage in academic writing through excess vocabulary

Dmitry Kobak, Rita González Márquez, Emőke-Ágnes Horvát, Jan Lause



Fonte: “Uncovering chatgpt usage in academic papers through excess vocabulary”, (2024, n.p.)¹¹⁰

Retirado do artigo, “Delving into ChatGPT usage in academic writing through excess vocabulary” (Kobak et al., 2024), o gráfico acima mostra o resultado da análise de 14 milhões de resumos de artigos publicados pelo portal *PubMed*¹¹¹. Entre 2010 e 2024, conforme a pesquisa revela, houve um súbito aumento no uso de termos específicos em trabalhos acadêmicos da área, sem que haja necessariamente alguma explicação orgânica para o fato. O trabalho chama atenção para o pico no uso das palavras “delves” (aprofunda[r]) e “crucial” (crucial) cuja frequência em artigos acadêmicos ocorre de forma concomitante ao aumento e consolidação do uso de ferramentas de IA generativas como o ChatGPT¹¹². A informação se torna inquietante em comparação com os usos de “pandemic” (pandemia), e “ebola”, cujos picos de uso correspondem às respectivas crises sanitárias. Dentro do corpus da análise, as consequências do uso de modelos como o ChatGPT, na escrita acadêmica é sem precedentes e *supera* as mudanças de vocabulário relacionadas a pandemia de COVID-19 (Kobak, 2024, p. 6). Além do mais, os autores também notam uma redução na diversidade das pesquisas, uma vez que, “todas as introduções geradas por

¹¹⁰ Disponível em: <https://hackaday.com/2024/06/22/uncovering-chatgpt-usage-in-academic-papers-through-excess-vocabulary/>. O estudo completo, incluindo resultados, código e algoritmo de busca e demais referências bibliográficas, podem ser encontrados em <https://arxiv.org/abs/2406.07016>.

¹¹¹ Portal de consulta para artigos e demais publicações acadêmicas da biomedicina.

¹¹² Criado pela empresa OpenAI, o modelo “generative pre-trained transformer” ou “transformador pré-treinado generativo”, conhecido como GPT/CHATGPT ainda que não tenha sido a primeira ferramenta generativa de seu tipo, certamente foi a primeira a ser usada de forma massificada.

LLM sobre um determinado tópico podem soar iguais e conter o mesmo conjunto de ideias e referências, perdendo assim a inovação” (Kobak, 2024, p.5-6, tradução nossa)¹¹³.

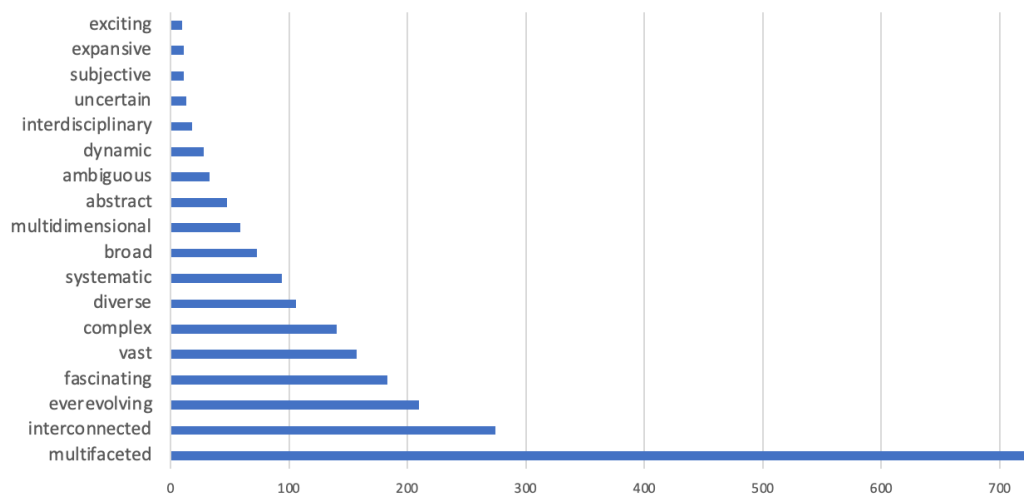
Salientamos que identificar essas tendências não é uma tarefa simples, uma vez que o uso de IA na produção textual não é necessariamente claro e as ferramentas com as quais o identificamos, também são, em sua forma mais básica, modelos de IA. Rao (2023) assevera essa constatação apontando que modelos de IA generativa tem se alimentado de dados produzidos por IA e não mais apenas dados humanos, de tal forma que as ferramentas existentes já podem ser consideradas saturadas por textos sintéticos. O que é agravado pelo fato de que o uso de tecnologias generativas está mais difundido do que de fato percebemos, pois, programas de tradução online, revisores de textos, corretores ortográficos, *todos*, em alguma medida, dependem de um modelo de IA. Lidamos, então, com diferentes formas de contaminação que ocorrem simultaneamente. Além disso, de acordo com Stokel-Walker (2024) os modelos LLM são designados para produzir texto, e irão realizar esta tarefa de qualquer maneira, mesmo que tenham que inventar referências, o que agrava a crise de retroalimentação da IA, uma vez que mesmo que um pesquisador produza através de LLM um texto baseado em um corpus concreto, não há garantias que os resultados não apresentem informações falsas. A este fenômeno podemos chamar de canibalismo digital e a tendência é que ele assuma o controle dos modelos de produção generativa.

Mas isso não é tudo, James Padolsey, em “Multifaceted: the linguistic echo chambers of LLMs”¹¹⁴ (2023), analisa a padronização forçada de artigos científicos devido ao uso de IA. Ele parte da recorrência dos termos “complex and multifaceted” (complexo e multifacetado) para mostrar porque a IA vai sempre escolher termos genéricos cuja amplitude formal permita adoção em diferentes cenários. Usando o ChatGPT-3.5 como ferramenta, ele inicialmente solicita que o programa localize referências que atendam a seguinte especificação: “complete a frase, complex and...”. Encontrando, em seguida, resultados que compravam a discrepância inicialmente observada (Figura 5) e que pedem um olhar mais atento ao motivo pelo qual a IA prefere estes termos em detrimento de outros.

Figura 5: Linguistic echo chambers of LLMs

¹¹³ “All LLM-generated introductions on a certain topic might sound the same and would contain the same set of ideas and references, thereby missing out on innovation.”

¹¹⁴ Disponível em: https://blog.j11y.io/2023-11-22_multifaceted/.



Fonte: Multifaceted: the linguistic echo chambers of LLMs (2023, s.p.)

Em busca através do *Google Books' N-gram*¹¹⁵ não se observa uma tendência natural que justifique a prevalência da combinação entre “complexo” e “multifacetado”, entretanto, ao cruzar os dados iniciais com os bancos de dados do *Internet Archive*¹¹⁶, Padolsey identifica que, a partir de 2021, “na mesma época em que o GPT e outros LLMs começaram a conquistar o mundo, a prevalência da nossa palavra "multifacetado" aumentou significativamente, de apenas 0,05% dos PDFs para 0,23%” (2023, s.p., tradução nossa)¹¹⁷. E, através de critérios ainda mais específicos (Figura 6), o autor é capaz de localizar o uso das palavras em relação ao local onde sua publicação inicial ocorre.

Figura 6: Linguistic echo chambers of LLMs 2

¹¹⁵ O Google Books' N-gram View é uma ferramenta que permite ao pesquisador investigar tendências no uso da língua durante qualquer período através de uma coleção vasta de livros, jornais, revistas, artigos, monografias e outras fontes textuais disponíveis no banco de dados do Google.

¹¹⁶ Popularmente conhecido como o “backup da internet”, o Internet Archive há quase três décadas armazena mais de 100 petabytes de dados que incluem páginas da internet, livros, músicas, filmes, pesquisa científica, entre outros.

¹¹⁷ “Around the time when GPT and other LLMs started to take the world by storm, the prevalence of our word 'multifaceted' increased significantly, from being in only 0.05% of PDFs to 0.23%.”

Quora.com:	48,000
LinkedIn.com:	30,700
Facebook.com:	9,500
Instagram.com:	7,330
Medium.com:	6,250
Reddit.com:	1,370
CourseHero.com:	7,340
jstor.org:	1,320
wikipedia.org:	400
twitter.com:	798
classace.io:	842 (*notably an essay bank*)
chegg.com:	930 (*notably an essay bank*)

Fonte: Multifaceted: the linguistic echo chambers of LLMs (2023, s.p.)

O pesquisador verifica que está nas publicações do site *Quora*, a origem da preferência dos modelos generativos pelos termos mencionados. Este site, fundado em 2009, na Califórnia, pode ser definido como uma espécie de rede social apenas para perguntas e respostas e que se encontra, atualmente, tomada por bots (programa que executa tarefas repetidas e pré-determinadas) que respondem as perguntas dos usuários. Estas respostas, em muitos casos, eliminam o caráter discursivo e interativo que a plataforma poderia ter. Entretanto, a informação mais importante que podemos retirar desta investigação é *a certeza da valorização do critério quantitativo em detrimento de valores qualitativos por esses programas*. Por isso, o treinamento de IA através de dados sintéticos é um problema considerável e cujas proporções ainda não são claras.

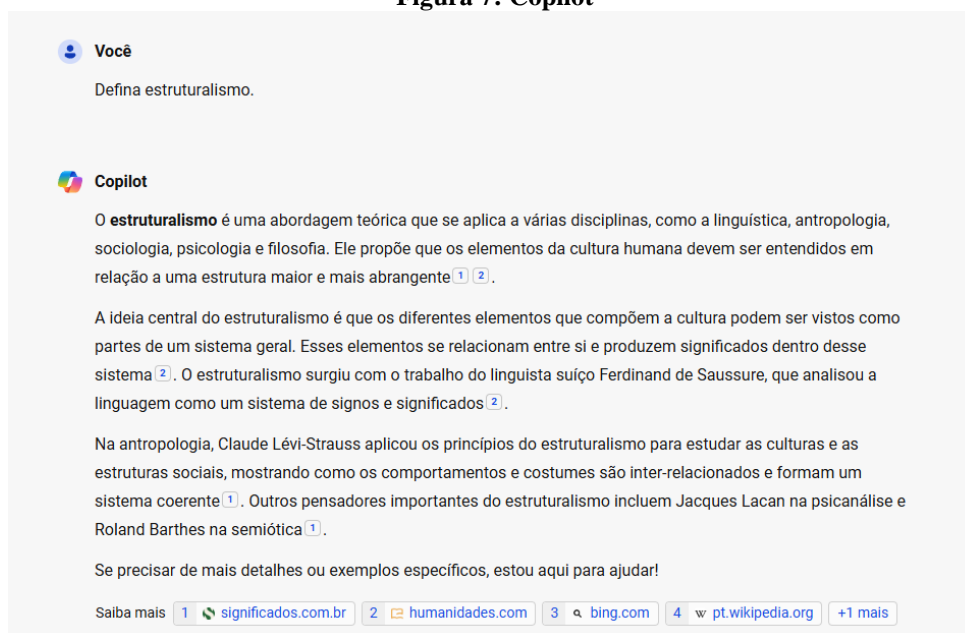
Avançando com o debate, Liang et al. (2024) identifica um aumento de 17.5% no uso de LLM em artigos científicos da área de Ciências da Computação, campo com a maior porcentagem de uso, seguido por Matemática com 6.3%. Adicionalmente, Buchanan et al. (2023) através da análise de textos gerados pelo GPT-3.5 e GPT-4, executada no banco de dados do *Journal of Economic Literature*, demonstra que 30% das referências dos resultados analisados eram falsas ou imprecisas. Enquanto Martin-Boyle et al. (2024) analisa comparativamente referências escritas por seres humanos e produzidas por IA e encontra uma discrepância na qualidade da informação sintética mesmo quando seus dados estão corretos. O que nos leva ao questionamento do motivo pelo qual o uso desses programas continua em ascensão no campo científico.

Na contramão de todos os estudos apresentados até agora, a MLA¹¹⁸ (Modern language Association), considerado o conjunto de regras para padronização de trabalhos acadêmicos mais popular nos Estados Unidos, para as áreas de linguística e literatura, apresentou uma norma para a formatação e citação de textos e imagens gerados por IA. Esta normatização determina se especifique o nome do programa utilizado, da empresa por ele responsável, a data de geração e o prompt¹¹⁹ dado pelo pesquisador.

Como observado na Figura 7, para exemplificar a formatação adotada pela MLA, pesquisamos através da I.A *Copilot* da Microsoft, “o que é estruturalismo”. De acordo com as normas em vigência, deveríamos com o uso de paráfrase ou citação direta inserir a resposta encontrada e informar o uso de I.A da seguinte forma:

“Defina estruturalismo” prompt. Copilot, Microsoft, setembro, 2024.
[https://copilot.microsoft.com.](https://copilot.microsoft.com)”

Figura 7: Copilot



Fonte: Consulta conduzida pela própria pesquisa.

¹¹⁸ Durante os primeiros estágios desta pesquisa, focamos, inicialmente, apenas na MLA. Entretanto, em 2024 APA e Chicago Style nos EUA, assim como a ABNT no Brasil, já apresentavam normas para o uso de I.A.

¹¹⁹ Prompt é o conjunto de palavras que determina o conteúdo gerado por programas de inteligência artificial generativa.

No Brasil, por sua vez, a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), através da Norma ABNT NBR ISO/IEC 42001:2024, em vigor desde abril de 2024, determina que o uso de textos e imagens gerados por IA deva ser especificado como se segue: para textos, apresenta-se o nome da ferramenta utilizada e da empresa responsável por ela, o prompt, link para acesso a IA e data de uso pelo pesquisador. E, para imagens, a referência deve conter a menção da ferramenta adotada, através da expressão “gerada por”, e a data de criação. Como visto na Figura 8.

Figura 8: Franco “Bifo” Berardi e Antonio Negri debatem a leitura de Espinoza feita por Deleuze



Fonte: Gerada por Stable Diffusion em 10 de outubro de 2024¹²⁰

Vejamos que curioso, estas “referências” não permitem criar um link que localize o resultado utilizado e que permitiria consultá-lo posteriormente. Ao considerarmos inevitável que o uso dessas ferramentas generativas se tornará amplamente massificadas, destacamos que as formatações descritas parecem responder apenas a interesses econômicos e não aos fins intelectuais e acadêmicos. Pois, notoriamente, programas de IA tendem a gerar resultados diferentes mesmo diante da repetição de um prompt específico, o que obstrui um controle sobre a informação referenciada. Estas referências, da maneira como proposta, isto é, com um link para o programa utilizado, está mais próximo de uma divulgação de um produto, do que com uma preocupação ética ou rigor científico em relação as fontes utilizadas. Como visto no primeiro capítulo, voltamos a Lazzarato (2003) e ao entendimento do marketing, não mais como simplesmente uma ferramenta

¹²⁰ Imagem gerada através da I.A Stable Diffusion através do prompt: “Franco “Bifo” Berardi e Antonio Negri debatem a leitura de Espinoza feita por Deleuze.

de venda. Dentro da atual configuração do capitalismo, a propaganda se consolida como “um mecanismo constituinte das relações sociais”¹²¹ (“Struggle, Event, Media”).

Propomos, então, encarar o cenário descrito ao longo deste capítulo como inserido na lógica do semiocapitalismo berardiano – filosofia central ao presente estudo.

Berardi parte do que Beaudrillard identificou como um movimento de irreversibilidade do aparato tecnológico, isto é, a certeza de que não voltaremos a um ponto da história antes de sua “exacerbação na perfeição técnica das notícias: nunca mais saberemos o que era algo antes de desaparecer no cumprimento do seu modelo”¹²² (1994, p. 6, tradução nossa). Ideia ecoada por Berardi ao abordar a necessidade de se repensar o conceito de progresso histórico, algo ainda muito forte entre os pensadores de sua geração. Assim,

Na esfera do atual totalitarismo bioeconômico, a incorporação de automatismos tecnolinguísticos produzidos pelo semiocapital produziu uma forma que não se manifesta pela dominação externa dos atos do corpo, mas pela mutação do próprio organismo social. É por essa razão que a dialética histórica já não funciona no que se refere ao entendimento do processo e das perspectivas possíveis: a perspectiva da irreversibilidade está substituindo a perspectiva da subversão, e por isso temos que repensar o conceito de autonomia desse ponto de vista (Berardi, 2020, p. 11).

Berardi assume um tom pessimista, mas lógico, dentro de sua leitura da infoesfera atual e dos efeitos dos algoritmos e tecnologias digitais sobre nossas vidas. Deste ponto de vista, o computador e a automatização cognitiva podem ser encarados como a completa e total realização da razão humana, ou ainda, “como a realização final do projeto do Iluminismo”, submetendo, assim, a realidade do sujeito à regra da racionalidade”¹²³ (2023, p.3, tradução nossa).

Em *Asfixia* (2020), Berardi compõe um sombrio cenário da pesquisa científica nas universidades da Europa¹²⁴, para o autor, este lugar institucional tão admirado se tornou uma esfera em que o cinismo predomina. Segundo ele, “a Paris de hoje é uma cidade em que o pensamento foi transformado em jornalismo, em repetição contínua dessa espécie de ilusão e arrogância europeia” (p.39) em reflexo da automação do pensamento e da existência pelos algoritmos econômicos e linguísticos. Para o autor, especificamente, os pensadores conhecidos como *nouveaux*

¹²¹ “a mechanism that is constitutive of social relations.” Disponível em: <https://transversal.at/transversal/1003/lazzarato/en>. Tradução do italiano para o inglês feita por Aileen Derieg.

¹²² “exacerbation into the technical perfection of news: we shall never again know what anything was before disappearing into the fulfilment of its model.”

¹²³ “as the final realization of the Enlightenment project.”

¹²⁴ Argumento que facilmente podemos aplicar ao contexto das universidades brasileiras.

*philosophes*¹²⁵, são responsáveis por pavimentar “as estradas para o dogmatismo, para a violência, para o racismo, para o empobrecimento e para a ditadura financeira” (p. 39).

Mark Fisher (2011) não está distante de Berardi. O autor inglês em seu artigo “The Privatization of Stress” aborda a atual perversidade da inflação de currículos no meio acadêmico e observa que à medida que as oportunidades de carreira atingem números kafkianos de improbabilidade, os pesquisadores são obrigados a produzir vertiginosamente para se manterem vivos em uma competição na qual não há vencedores.

Justapondo os argumentos de Berardi e Fisher, não parece absurdo pensar que uma das explicações para o crescimento do uso dos modelos de IA na pesquisa científica, apesar de todos os seus problemas e inseguranças, ser, exatamente, a cultura acadêmica de “publique ou morra”. Uma vez que há uma espécie de necropolítica que envolve o trabalho universitário-acadêmico no século XXI.

Certamente, esse é um caminho que deverá ser bastante explorado em futuro próximo. Por hora, avançamos, finalmente, para os eleitos a padronização da linguagem sobre a literatura e criatividade humana.

¹²⁵ Grupo de jovens intelectuais franceses durante os anos 70 que teve como seus principais representantes, André Glucksmann, Christian Jambet, Guy Lardreau, Bernard-Henri Lévy e Jean-Paul Dollé. Inicialmente um grupo da esquerda radical maoísta eventualmente aderem ao liberalismo conservador. Intelectualmente, o grupo é notório tanto pelo seu rompimento com o marxismo clássico, quando pelas críticas a Jean-Paul Sartre, o pós-estruturalismo, Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger. Foram publicamente criticados por Franco “Bifo” Berardi, Gilles Deleuze, Pierre Vidal-Naquet, Pierre Bourdieu, Alain Badiou, Jean-François Lyotard e Cornelius Castoriadis.

3 LITERATURA NA ERA DIGITAL

Literature holds meaning not as a content that can be abstracted and summarized, but as experience. It is a participatory arena. Through the process of reading, we slip out of our customary time orientation, marked by distractedness and surficiality, into the realm of duration. Only in the duration state is experience present as meaning.

— Sven Birkerts, *The Gutenberg Elegies. The Fate of Reading in an Electronic Age*

What is a poem then? [...] I see a poem as a multicolored strip behind peeling plaster, in separate shining segments. I try to connect hands and horizons, glances and the objects imprisoned in them. That's how it is in daylight. At night [...] poems are like spiraling curves that grow to completeness by themselves. The hardest thing is to hold onto them through waking into consciousness.

— Stanisław Lem, *Hospital of the Transfiguration*

Durante o “Capítulo 2”, trabalhamos com a afirmação feita por Terry Eagleton de que “a linguagem é um evento específico”, para pensarmos a possibilidade de encarar os modelos de IA generativos como uma retomada do estruturalismo, na forma de um estruturalismo automatizado. Este argumento, ainda que parte de uma visão de estruturalismo bastante específica, tem como vantagem a oportunidade de oferecer uma visão clara acerca do central problema com tais modelos: seus efeitos sobre a subjetividade, desde a padronização da linguagem até a (im)possibilidade de produção literária (ou arte em termos gerais).

Como observamos, o sistema vetorial de organização semântica das palavras, adotado pelos modelos de LLM, é determinado, exclusivamente, por critérios de diferenciação e isso ocorre, de forma análoga ao que encontramos no estruturalismo linguístico. Isto posto, “em vez de se referir a qualquer coisa fora da linguagem, o significado do signo é simplesmente pensado como diferença de outros signos e correlações de signos”¹²⁶ (Bajohr, 2022, s.p., tradução nossa).

Por isso, como argumenta Eagleton (1986),

Há, em outras palavras, algo sobre a linguagem que sempre ‘vai além’: todo discurso revela um tipo de dinâmica auto superadora, como se fosse parte de sua própria natureza ser e fazer mais do que o dicionário pode formular. Isso é talvez mais evidente em um poema, que emprega palavras geralmente encontradas no léxico, mas ao combiná-las e condensá-las gera uma especificidade irreduzível de força e significado. Um texto literário

¹²⁶ “Instead of referring to anything outside language, sign meaning is simply thought of as difference from other signs and sign correlations.”

é, em certo sentido, *limitado pelos princípios formais da langue, mas a qualquer momento também pode colocar esses princípios em questão*¹²⁷ (Eagleton, p. 35-36, tradução nossa).

O que justifica nosso interesse na relação entre a literatura e os modelos de LLM com os quais temos trabalhado até aqui.

3.1 Um engajamento filosófico com o texto literário

O contexto em que nos encontramos foi perfeitamente estruturado por Baudrillard, em *O Crime Perfeito* (1995), em que alertava para o fato de que “os dois juntos – cérebros e tecnologias humanas – estão conspirando em um esforço para maximizar o capital-tempo, capital-vida, no qual todas as margens, todas as zonas livres, estão sendo eliminadas” (p.49, tradução nossa)¹²⁸. Não há mais, neste cenário, espaço para o que o autor postula como reservas de inutilidade. A pergunta que se coloca é: Qual a função da literatura ficcional neste mundo?

Em *Dismantlings: words Against machines in the American long seventies* (2019), Matt Tierney defende a ideia de que se faça procedimentos de análise da linguagem tecnológica através de um cotejamento com o texto literário. Para ele, o próprio conceito de “tecnologia”, independentemente de sua aplicação, tende a eclipsar outras áreas em análises comparativas contemporâneas, durante o que chamamos de era digital. Então, a literatura ficcional ao recursar sancionar uma definição única e universalizante de tecnologia, seria capaz de resistir à atração tecnológica e enriqueceria o debate.

Em tom similar, Kristie Dotson (2012) defende que literatura e poesia poderiam contar como fontes viáveis para um engajamento filosófico uma vez que contribuem para evitar “a universalizabilidade de definições da filosofia e suas normas justificativas resultantes”¹²⁹ (p. 17, tradução nossa).

Práticas interdisciplinares que em Berardi, no contexto de seu semiocapitalismo, surgem a partir da possibilidade de se livrar dos automatismos tecnolinguísticos característicos da era digital,

¹²⁷ “There is, in other words, something about language which always ‘goes beyond’: all discourse reveals a kind of self-surpassing dynamic, as though it were part of its very nature to be and do more than the dictionary can formulate. This is perhaps most evident in a poem, which deploys words usually to be found in the lexicon, but by combining and condensing them generates an irreducible specificity of force and meaning. A literary text is in one sense constrained by the formal principles of langue, but at any moment it can also put these principles into question. Ênfase dada.

¹²⁸ “The two together -- brains and human technologies -- are colluding in an effort to maximize time-capital, life-capital, in which all margins, all free zones, are being wiped out.”

¹²⁹ “the universalizability of definitions of philosophy and their resulting justifying norms.”

através de atos de “excesso” de linguagem, notadamente, na forma de poesia. Em um processo de ressemiotização do mundo estabelecido em diálogo com a caosmose de Deleuze e Guattari. A filosofia berardiana, toma o poético como *aquilo que na linguagem não pode ser reduzido a informação*. De forma que através do “excesso” a poesia permite ao sujeito se engajar em um processo de experimentação dos limites semióticos. Há na abordagem escolhida pelo italiano, uma recusa a automação da linguagem pela economia e tecnologias de telecomunicação. Isto é, *ressemiotizar aparece, então, como uma recusa à leitura utilitarista do mundo e nesta recusa a poesia ocupa uma posição central*.

Assim, em nossa pesquisa, buscamos investigar o processo de ressemiotização do mundo e sua viabilidade diante dos problemas tecnológicos que levamos em consideração até o momento. Focando na função que a literatura ficcional pode desempenhar neste contexto. Compreendemos, então, que o entendimento sobre os modelos generativos de inteligência artificial implica uma maior interação entre as ciências da computação e as ciências humanas. Torna-se vital que as ciências humanas, para nós a Teoria da Literatura, lidem com a cada vez mais incontornável centralidade das tecnologias digitais nos processos de subjetivação contemporâneos e na produção cultural. Com isso, a desmistificação do aparato tecnológico que pode ser empreendida pela perspectiva proveniente do ficcional, traria ganhos tanto à ciência da computação quanto às humanidades em geral.

Consideremos agora, *primeiramente*, momentos de convergência entre os discursos literário e econômico, que antecipam às questões tecnológicas com as quais temos trabalhado, para ponderarmos sobre a oscilação entre crítica e legitimação de modelos econômicos pela literatura. Posteriormente, em um *segundo* momento dentro deste capítulo, abordarmos o texto literário na era digital.

3.1.1 Literatura e economia

Para compreendermos a profundidade do que está em jogo, será importante resgatar a convergência entre os discursos literário e econômico, mostrando como essa convergência antecipa as questões tecnológicas com as quais temos trabalhado, ao mesmo tempo em que refletimos a respeito do texto literário na era digital.

Sarah Comyn, aponta em seu livro *Political Economy and the Novel: A Literary History of "Homo Economicus"* (2018) que um provável ponto de convergência entre os discursos econômico e literário, a *tensão*, ou *ansiedade* compartilhado por ambos em relação à complexidade de conceito de valor, independente, de valor se referir à estética, cultura ou finanças. Além disso, ela resgata a notável simultaneidade que envolve o romance e a política econômica moderna. Eles compartilham do mesmo contexto histórico, quando analisamos suas respectivas emergências e seria exatamente essa proximidade que possibilitaria o surgimento da nova crítica econômica¹³⁰, ou de uma leitura do contexto econômico no qual a obra foi produzida, paralelamente, às tradicionais análises de conteúdo e forma.

Mary Poovey (2008), através do entendimento da dinâmica histórica entre a economia e a literatura, chama atenção para este ponto como relação de *mútua influência*, contra a qual os dois discursos lidariam com eventuais crises na representação do valor. Em outras palavras, Poovey localiza na distância do texto literário da função explicativa de textos econômicos sobre dinheiro e finanças, a causa paradoxal que possibilita a escritores criativos não apenas explorar os eventos financeiros, como também, mesmo que não intencionalmente, contribuir para sua naturalização.

Não é à toa que a autora localiza no dinheiro *uma primeira e crucial distinção entre fato e ficção*. Em seu livro *Genres of the credit economy: mediating value in eighteenth and nineteenth-century Britain*, lemos,

Um sistema de representação só é experimentado como problemático quando deixa de funcionar – isto é, quando algo no contexto social chama a atenção para o adiamento ou ofuscação do seu terreno de autenticação. Assim, por exemplo, quando em 1720 a Bolha dos Mares do Sul subitamente cresceu e depois entrou em colapso de forma igualmente dramática, a base do valor das suas ações primeiro pareceu mágica, depois inexistente, e os homens e mulheres ingleses ficaram a torcer as mãos coletivamente sobre as ficções inerente à economia moderna de crédito. Da mesma forma, quando em 1797 o Banco de Inglaterra suspendeu a sua promessa de resgatar as suas notas de papel com ouro, a base de autenticação do crédito em papel pareceu desaparecer subitamente e o bem-estar da nação parecia estar ameaçado por uma ficção cujos efeitos tinham sido contidos durante a maior parte do século XVIII. Quando a problemática da representação se torna visível – como aconteceu nos episódios que acabamos de descrever – isto pode ter graves implicações para a estabilidade econômica e política de uma sociedade, pois pode pôr em risco o modelo de valor prevalecente, as convenções que facilitam a confiança e os sinais que transmitem qualidade de crédito –

¹³⁰ Sobre a Nova Crítica Econômica, além dos textos previamente mencionados por nossa pesquisa, recomendamos a leitura de *The Economy of Literature* (1978), *Money, Language, and Thought: Literary and Philosophical Economies from the Medieval to the Modern Era* (1982) e *Art and Money* (1995) de Marc Shell. *Économie et symbolique* (1973), *Frivolité de la valeur, essai sur l'imaginaire du capitalisme*, (2000) e *L'Art et l'argent* (2011) de Jean-Joseph Goux. *E The New Economic Criticism: Studies at the Interface of Literature and Economics* (1999) de Martha Woodmansee.

monetária, social, jurídica e política. Os tipos de escrita que eventualmente se tornaram escrita econômica e financeira, por um lado, e escrita imaginativa – então literária –, por outro, estiveram *intimamente*¹³¹ envolvidos na gestão destes efeitos perturbadores. É por isso que examinar estes gêneros em conjunto, e em relação uns aos outros, é tão revelador, pois as diferentes estratégias através das quais cada conjunto de gêneros geriu a problemática da representação ajudaram a dar às disciplinas modernas as suas formas distintas¹³² (Poovey, p. 5- 6, tradução nossa).

Para o discurso econômico, isto é visto através de novas formas de análise que buscavam descrever as transações de mercado e as vertiginosas mudanças dos modelos econômicos como harmônicas com a natureza. Distanciando-se das suspeitas comuns à literatura do século XVII que frequentemente retratou os assuntos financeiros como misteriosos (Poovey, 2008, p. 60). Com efeito, a literatura é retomada na forma de um espaço seguro para a exploração da nova narrativa econômica.

Tamara S. Wagner em seu livro *Financial speculation in Victorian fiction* (2010) ilustra o que temos abordado até então, exemplificando como a “Lei de Responsabilidade Limitada”¹³³, aprovada pelo parlamento britânico em 1855, além dos *Companies Acts*¹³⁴ de 1856 e 1862, que contribuíram “para uma atmosfera de grande instabilidade, bem como de grande oportunidade”¹³⁵ (p. 14, tradução nossa). Para Wagner, os escritores, rapidamente, começaram a sugerir em seus romances que a medida limitava a responsabilidade fiscal. Ao que se segue, com o processo que hoje entendemos como financeirização do capitalismo, Wagner (2010) observa uma inicial

¹³¹ Ênfase dada.

¹³² “*a system of representation is experienced as problematic only when it ceases to work— that is, when something in the social context calls attention to the deferral or obfuscation of its authenticating ground. Thus, for example, when in 1720 the South Sea Bubble suddenly swelled up, then just as dramatically collapsed, the ground of its shares’ value first seemed magical, then nonexistent, and English men and women were left wringing their collective hands over the fictions inherent in the modern credit economy. By the same token, when in 1797 the Bank of England suspended its promise to redeem its paper notes with gold, the authenticating ground of paper credit seemed suddenly to disappear, and the nation’s welfare seemed to be imperiled by a fiction whose effects had been contained for most of the eighteenth century. When the problematic of representation becomes visible—as it did in the episodes just described—this can have grave implications for a society’s economic and political stability, for it can jeopardize the prevailing model of value, the conventions that facilitate trust, and the signs that convey creditworthiness—monetary, social, legal, and political. The kinds of writing that eventually became economic and financial writing, on the one hand, and imaginative—then Literary—writing, on the other, were intimately involved in managing these troubling effects. This is why examining these genres together, and in relation to one another, is so revealing, for the different strategies by which each set of genres managed the problematic of representation helped give the modern disciplines their distinctive forms.*”

¹³³ Limited Liability Acts of 1855. Lei que regulamentava a separação da responsabilidade corporativa e da pessoa jurídica do acionista de empresas constituídas como “sociedade de responsabilidade limitada”, garantindo que seus investimentos ativos (patrimônio dos acionistas) não fossem afetados por eventuais problemas da empresa.

¹³⁴ O *Company Act* de 1856, aprovado pelo parlamento britânico, simplificava a criação de empresas de regime LLM (reponsabilidade limitada). Grupos de no mínimo sete pessoas poderiam mais facilmente iniciar uma LLM. Já em 1862, regula-se a administração e diretoria de tais empresas.

¹³⁵ “*to an atmosphere of great instability as well as of great opportunity.*”

prevalência da desconfiança e pânico gerados pela constante transformação da economia, através de recorrentes sátiras e apenas após a metade do século XIX que “que os custos culturais e emocionais das crises financeiras foram articulados como romances completos sobre o mercado de ações”¹³⁶ (p. 15, tradução nossa), o que torna uma recorrente estrutura narrativa na virada do século.

Comyn reforça que em um contexto no qual o indivíduo, promovido e introduzido na sociedade pelo liberalismo do século XVIII, a intersecção entre literatura, economia “levanta questões interessantes sobre suas interconexões e as (forçada) divisões da escrita econômica e ficcional que ocorrem durante sua história”¹³⁷, ao mesmo tempo em que são “cruciais para a formação deste indivíduo autodeterminado do século XVIII”¹³⁸ (2018, p. 9, tradução nossa). Por fim, ao avançarmos para o final do século XX e início do século XXI, observaremos que o problema da representação e sua adaptabilidade histórica, como visto em Comyn (2018), Poovey (2008) e Wagner (2020), aparece em Baudrillard (1995, 2003) e Virilio (2022). Cada um a seu modo, identificando e associando essa crise representacional como parte (ou efeito) da contínua e em constante expansão da virtualização e aceleração das trocas de informações.

De forma que como visto em *Our modern times: the new nature of capitalism in the informational age* (2009) de Daniel Cohen, a concomitância entre a revolução nas formas de telecomunicação e a ideologia neoliberal, deve ser encarada como um fenômeno esperado, pois em ambos se observa a transferência do “peso da construção social para indivíduos que estão cada vez mais dissociados da sociedade”¹³⁹ (2009, p. 51 apud Comyn, 2017, p. 27, tradução nossa).

Em *Asfixia* (2020), Berardi dissecou o papel do texto poético dentro de seu projeto intelectual e, seguindo a tradição de confronto entre os discursos literário e econômico previamente discutida, propõe que a poesia pode contribuir consideravelmente para nosso entendimento do regime de desterritorialização da economia através das finanças. Sobre isso, observa-se que,

A poesia abre as portas da percepção para a singularidade. A poesia é o excesso de linguagem: ela é aquilo que a linguagem não consegue reduzir a informação e que não é negociável, mas dá lugar a um novo território comum de entendimento, de sentido compartilhado – à criação de um novo mundo. A poesia é uma vibração singular da voz. Essa vibração pode criar ressonâncias e, ressonâncias podem produzir espaços comuns. (Berardi, p. 116).

¹³⁶ “that the cultural and emotional costs of financial crises were articulated as fully fledged stock-market novels.”

¹³⁷ “raises interesting questions about their interconnections and the (forced) divisions of economic and fictional writing that occur during their history.”

¹³⁸ “crucial to the formation of this eighteenth century, [...], self-determining.”

¹³⁹ “the weight of social construction to individuals who are more and more dissociated from society.”

Em outros termos, ao lidar com a realidade imposta pela competição capitalista, que diz ao sujeito “seja empreendedor”, “faça!”, “corra atrás”, lida-se, também, com a aceleração tecnológica que possibilita a construção desse cenário e, atua diretamente no apagamento das singularidades. O que submete a linguagem e, por conseguinte, o sujeito, a um violento processo de homogeneização. Ainda que em uma afirmação bastante sintética, para o autor italiano, assim como as finanças permitem uma circulação mais rápida do dinheiro – em comparação com o tradicional sistema de produção de bens físicos – a aceleração da infoesfera e, submissão da linguagem a dispositivos tecnolinguísticos, possibilitam, também, uma aceleração na circulação de informação. O problema com este cenário reside no fato de que, dentro deste sistema, a qualidade de uma informação é inversamente proporcional a velocidade com a qual ela pode circular. Assim, sentido e velocidade surgem como forças antagônicas.

Neste contexto, tanto o dinheiro quanto a linguagem são lidos a partir uma semelhança essencial: ambos são entidades intangíveis que, ao mesmo tempo, têm o poder de mobilizar e estruturar o funcionamento da sociedade. São símbolos, convenções, *flatus vocis*, que conseguem persuadir o sujeito a agir, a trabalhar e a produzir. Seguindo o argumento de Berardi, a despersonalização e a desterritorialização devem ser compreendidas tanto como os principais efeitos de um regime semiocapitalista, quanto o ponto de convergência entre literatura e economia dentro de sua análise. Ponto que exploraremos adiante em diálogo com as novas tecnologias telecomunicativas. Para o autor,

As finanças são a função transversal da imaterialização e a ação performativa da indexação. Estatística, números, índices, medos e expectativas não são representações linguísticas de algum referente econômico que possa ser encontrado em algum lugar do mundo físico, significantes que se referem a um significado. Elas estão produzindo indexicais, atos discursivos que produzem efeitos imediatos no instante mesmo de sua enunciação. É por isso que, quando se olha para a classe financeirizada, não se consegue localizar alguém com quem se possa falar ou negociar, um inimigo contra o qual lutar. Não há inimigos ou pessoas com quem se relacionar, apenas implicações matemáticas, concatenações sociais automáticas que não se podem desmontar ou evitar. As finanças parecem desumanas e impiedosas porque não são um ser humano e, portanto, não têm piedade. Elas podem ser definidas como um tumor matemático que perpassa uma parte grande da sociedade (Berardi, 2020, p. 68-69).

De forma complementar, Berardi (2015a) postula o poder evocativo da palavra como um elemento central para sua reflexão e, encontramos neste movimento teórico, uma analogia crucial elaborada entre o simbolismo, como um laboratório semântico, e a economia moderna. Para o autor, o simbolismo é capaz de antecipar os movimentos de virtualização técnica que ocorre nas

telecomunicações, ao mesmo tempo em que falava sobre a reativação da singularidade corporal da linguagem. “Para que serve”, questiona Mallarmé, “a maravilha de transpor um fato de natureza, em seu quase-desaparecimento vibratório segundo o jogo da palavra, todavia, se não para que dele emane, sem o embaraço de um próximo ou concreto lembrete, a noção pura?” (apud BLANCHOT, 2011, p. 37). Com isso, o simbolismo teria criado um espaço para a práxis poética que, chama a atenção de Berardi. Levando-o a compreender a poesia como excesso e, portanto, capaz de nos auxiliar na reativação da dimensão sensorial da linguagem.

Além disso, podemos observar a influência de Baudrillard sobre o pensamento de Berardi durante este cotejamento interdisciplinar. Como aponta o autor italiano, “o início da história comum da poesia e das finanças pode ser encontrado no conceito de hiper-realidade de valores flutuantes” (Berardi, 2020, p. 34). Cria-se, desta forma, o cenário que leva o sistema econômico a mergulhar em uma série de indeterminações, devido à ausência de garantia de correspondência entre signo e referente, simulação e evento, tempo, valor e trabalho.

Ora, ao retomarmos o conceito de poesia como o excesso da linguagem, a ausência de correspondência entre signo e referente, anteriormente mencionada, adquire uma relevância ainda maior. Isto é, para Berardi a poesia é o que a linguagem não consegue reduzir a uma simples troca de informações, logo, ela é aquilo que não pode também, em termos econômicos, ser reduzida a categorias transacionais. Diante dos modelos tecnolinguísticos de padronização da subjetividade, Berardi invoca o conceito de caosmose de Guattari, encontrando no uso não utilitário da linguagem — exemplificado aqui pelo texto poético — uma possível rota de fuga.

A caosmose ou, um processo de ressemiotização do mundo, possibilita que, através de uma redefinição dos seus limites semióticos, a experiência de mundo do sujeito também se expanda, em um efeito de *morfogênese autpoiética*. A poesia é para Berardi, neste contexto, um tipo de dispêndio e por isso uma chave para questionarmos as automações do semiocapitalismo. Nesse sentido, a poesia “é essa experiência incomunicável, esse simulacro, no sentido klossowskiano/batailleano. A poesia abre caminho para a comunidade, talvez não no sentido batailleano de fusão ontológica (e a explosão subsequente), mas pelo menos no modo como Acéphale era uma comunidade” (Jack, 2021, s.p., tradução nossa). Em outras palavras, um processo de reabertura do indefinido, um esforço para romper com os limites impostos pelo semiocapitalismo e pela padronização da linguagem.

Para avançarmos sobre tais revoluções nas formas de telecomunicação, precisamos antes focar no que entendemos por virtualidade no presente estudo.

3.1.2 Sobre o virtual

Em *Precarious Rhapsody* (2009), Berardi teoriza que, o *info-trabalho*, que envolve a alocação de tempo para a criação e a recombinação de segmentos de *info-mercadorias*, representa o estágio final do processo de abstração das atividades concretas. Fenômeno que Marx identificou como uma tendência inerente à relação entre capital e trabalho.

Ou seja, a *virtualização da experiência do sujeito* e a *financeirização da economia* são como duas novas formas de abstração que se unem às abstrações do trabalho e do valor como pensado por Marx. Entretanto, como abordado previamente, elas não apenas expandem as possibilidades teóricas do conceito de “abstração”, como também subvertem a sua estrutura clássica, uma vez que “a acumulação não passa mais pela produção de mercadorias, vai direto para seu objetivo monetário, para a extração de valor a partir da mera circulação de dinheiro, da virtualização da vida e da inteligência” (Berardi, 2020, p. 20).

Retomamos a teoria do semiocapitalismo berardiano, para reiterar a concomitância entre os processos de financeirização da economia e a completa subsunção da linguagem a máquina digital-financeira. Esta simultaneidade permite a Berardi problematizar uma relação entre finanças e poesias, ao que retornaremos posteriormente. Por ora, nos interessa notar como as revoluções tecnológicas na telecomunicação podem ser entendidas como o motivo pelo qual, “a relação entre tempo e valor foi desregulamentada. Paralelamente, vamos pensar também em como a relação entre signo e coisa se tornou opaca à medida que a garantia ontológica do sentido baseado no status referencial do significante foi rompida” (2020, p. 20).

Além disso, será importante refletir acerca da crescente padronização da subjetividade por meio da conectividade ininterrupta e da hegemonização da linguagem através de seu uso virtual e automatizado. Isto é, à medida que os modelos generativos se tornam mais constantes em nosso cotidiano, nota-se, paralelamente, um empobrecimento das funções emotivas da linguagem, além da hegemonização de suas possibilidades de uso. Uma vez que o código escreve o sujeito que o usa, tanto quando o sujeito escreve o código que permite o funcionamento desses modelos.

A subjetividade se vê transformada, alimentada e promovida pela máquina digital, impulsionando um novo sujeito, em tons neoliberais que crê na possibilidade de autocriação ex nihilo. Parece que estamos a viver uma recontextualização da doutrina do destino manifesto para a era digital¹⁴⁰. Berardi fala sobre um eventual efeito de “tornar-se americano” que afetaria o mundo. Com a ressalva de que por “americano”, obviamente, não se refere a jurisdição e cidadania dos Estados Unidos da América, mas sim de um princípio antropológico que define o modo de autopercepção do sujeito constantemente conectado no circuito da economia global (2015a).

“Tornar-se americano” implica em fazer parte da circulação global de informações e na mesma medida, “implica perder o contato com a experiência concreta da singularidade afetiva, purificando a existência social de tudo o que possa obstruir a perfeita integração no ciclo produtivo”¹⁴¹ (Berardi, 2015a, p. 58). Isto quer dizer que viver em um regime de instantaneidade de troca de informações é viver em um regime virtual que não pode substituir a materialidade e mesmo a afetividade do mundo concreto que nos rodeia (Petruccia da Nóbrega, 2010, p. 28). O virtual não deve ser, então, entendido por “imaterial” ou oposto ao concreto, ao mundo físico e sim como *potencial*. O virtual diz respeito a uma experiência de telepresença, envolvendo o “desprendimento do aqui e agora [...] uma espécie de não-presença que nos coloca ao mesmo tempo aqui e lá” (Petruccia da Nóbrega, 2010, p. 24).

Sem estar assentada e garantida pela presença do corpo físico, nossa relação com o mundo é afetada e se torna mais funcional, porém, proporcionalmente, mais precária. Ao mesmo tempo, os modelos de IA não se configuram apenas como tecnologia, mas como epistemologia e governabilidade política e econômica (Raley, Rhee, 2023).

Precariedade que, segundo Pierre Lévy, emerge da utilização crescente de recursos de comunicação e transmissão simultânea de dados que se manifesta em um mundo no qual uma parcela considerável da população ainda carece de acesso contínuo e de qualidade à internet. Mesmo que uma série de programas sociais já dependam de recursos como apps e cadastros eletrônicos. No entanto, ao contrário do tom pessimista adotado por Berardi e Baudrillard, que, cada um a seu modo, interpretava a expansão da comunicação virtual como um processo de implosão social, Lévy propõe uma visão alternativa, na qual o ciberespaço se configura como uma

¹⁴⁰ Novamente, ver *Our modern times: the new nature of capitalism in the informational age* (2009) de Daniel Cohen.

¹⁴¹ “it implies losing contact with the concrete experience of affective singularity, purifying the social existence of everything that may obstruct the perfect integration in the productive cycle.”

condição essencial para um eventual movimento de emancipação. Para o autor, o virtual representa um novo espaço comunicativo, sem paralelos na história.

3.2 Literatura, automação e estranhamento

Em seu artigo, “AI, Automation, Creativity, Cognitive Labor”¹⁴² (2024), Jens Schröter localiza o início da conflituosa relação entre criatividade e automação já no final do século XIX, quando o mundo confrontava as possibilidades da fotografia como arte. Problema que pode ser atualizado para o atual debate sobre arte digital e produção automatizada através de modelos de IA. Por isso, em busca de historicizar o cotejamento entre arte e automação, vamos à obra do formalista russo Viktor Chklovski, porque sua interpretação do problema da automação na produção artística traz consigo, uma abordagem sobre a necessidade de se desautomatizar o cotidiano.

Dois tópicos desenvolvidos por Viktor Chklovski são de nosso particular interesse. Em primeiro lugar, destacamos a forma com a qual Chklovski compreende a literatura e a linguagem poética. Ele as percebe como uma organização de linguagem necessariamente diferente da prosa cotidiana cuja principal característica é sua praticidade e economia (Berlina, 2017). À luz desta informação, podemos refletir sobre o que acontece quando modelos de IA generativos tentam produzir literatura, cuja marca central seria ser um *excesso* de linguagem. Temos aqui uma espécie de curto-circuito.

Em segundo lugar temos a *остранение*, (ostranenie) ou um processo de “desfamiliarização”, ou “estranhamento”. Por *остранение* entendemos o processo de estranhamento que pode ser traçado de volta até Aristóteles, mas por Chklovski é revisitado e revivido para abordar *a percepção subjetiva do trabalho artístico em relação a automação do cotidiano, e da própria arte* (Chklovsky, 1929).

Chklovski, curiosamente, publica *Arte como Artifício* apenas quatro anos depois Ford inaugurar a primeira linha de montagem, o que inicia uma série de transformações no capitalismo de produção. Podemos pensar que a reprodutibilidade e eficiência implicadas no fordismo tenha reforçado, para o autor russo, a importância da necessidade de se romper com os automatismos do cotidiano, o que para ele passava diretamente pela forma com a qual apreciamos e interpretamos

¹⁴² Presente na coletânea *Artificial intelligence/intelligent art: human-machine and creative practice* (2024) publicado pela Digital Society.

um objeto artístico, que traria em sua natureza, dispositivos que garantiam que eles fossem interpretados tão artisticamente tanto quanto possível (1929, p. 2).

Notamos como Chklovski chama a atenção para a maneira com a qual a automação e consequente diminuição da atenção dada às atividades cotidianas afeta diretamente o tempo de memorização de informações e reduz a profundidade da memória do sujeito. O que um século depois, reaparece tematizado por Berardi para abordar *a perda da diacronia existencial do sujeito* e tendencia contemporânea de compressão da atividade mental no tempo presente. Através da automação, a vida é esvaziada de significado em uma relação proporcional a sua automatização.

Assim, enquanto pertencente ao domínio do excesso e do inútil, a arte pode intervir no cotidiano e quebrar as automações que tendem a ser percebidas pelo sujeito como naturais. O estranhamento, então, é o que torna a percepção *longa e trabalhosa* (Chklovski, 1929, p. 6) e assim sendo, poderia reativar a mente para a beleza e para os horrores do mundo. Visto como um procedimento de estranhamento, o engajamento do sujeito com o objeto artístico, deveria atuar como um convite para que este encontro seja longo, para que o sujeito habite no texto, na pintura, na fotografia, no filme; em outras palavras, lidar com arte, é trabalhar com a capacidade de atenção e auto-observar como ela, a atenção consciente se transforma durante o tempo de exposição à obra em questão.

Apostamos que, em termos berardianos, há uma analogia entre essa forma de observação atenta e a noção de recusa; a recusa da obrigação capitalista de produzir e ou commodificar todas as experiências humanas. Noção central ao pensamento do autor e do movimento composicionista italiano que traz consigo de forma implícita, aquilo que o termo “autonomia”, para esta corrente do marxismo italiano, faz referência: *a tentativa de se resgatar a capacidade de autorregulação do corpo social em relação ao tempo do capital*¹⁴³. Desta forma, através dos exercícios de estranhamento, a sensibilidade ganha destaque na atividade interpretativa e é o instrumento com o qual o sujeito combateria uma eficiência competitiva da interpretação, para Chklovski, característica da modernidade.

¹⁴³ Em tom semelhante, como visto em uma entrevista dada pelo escritor americano Richard Powers ao *The Paris Review*, “A leitura é o último ato de oração secular. Mesmo que você esteja lendo em um aeroporto, você está criando um útero para si mesmo – você está bloqueando os resultados da informação e da comunicação por tempo suficiente para ficar em uma espécie de aspecto estacionário e meditativo. Um livro é um negócio fechado e nada que você faça irá alterar o conteúdo, e isso é a antítese da ideia que impulsiona nossa sociedade agora, que é sobre mudar o futuro, ser um agente, assumir o controle de seu destino e alterar isto¹⁴³. O destino de uma narrativa escrita está fora do domínio da época. Enquanto você estiver lendo, você também estará fora do reino do tempo.” (tradução nossa). Disponível em: <https://www.theparisreview.org/interviews/298/the-art-of-fiction-no-175-richard-powers>.

3.2.1 Literatura na era digital e criação automatizada

Começamos nossa reflexão recorrendo a um expediente empírico: utilizando o programa ChatGPT-4o-mini, da *OpenAI*, pedimos que o programa, continuasse um parágrafo específico de *Belo mundo, onde você está*, de Sally Rooney. Para sermos mais precisos, o prompt inserido foi: “*Read the following paragraph¹⁴⁴ taken from Sally Rooney's Beautiful World, Where Are you, and then, expand the paragraph telling what happened after Mary left the room.*”¹⁴⁵. No parágrafo escolhido lemos¹⁴⁶,

*"On Eileen's visits home, her father Pat was sullen and restless, pacing around the house at strange hours, switching things off and on. At dinner he barely spoke, and often left the table before the others had finished eating. In the living room one night when they were alone, her mother Mary told her that something would have to change. It can't go on like this, she said. With a concerned expression, Eileen asked whether she meant the financial situation or her marriage. Mary turned her hands palm up, looking exhausted, looking older than she really was. Everything, she said. I don't know. You come home complaining about your job, complaining about your life. What about my life? Who's taking care of me? Eileen was twenty-three then and her mother was fifty-one. Eileen held her fingertips lightly against one of her eyelids for a moment, and said: Aren't you complaining to me about your life right now? Mary started crying then. Eileen watched her uneasily, and said: I really care that you're unhappy, I just don't know what you want me to do. Her mother was covering her face, sobbing. What did I do wrong? she said. How did I raise such selfish children? Eileen sat back against the sofa as if she was giving the question serious thought. What outcome do you want here? she asked. I can't give you money. I can't go back in time and make you marry a different man. You want me to listen to you complaining about it? I'll listen. I am listening. But I'm not sure why you think your unhappiness is more important than mine. Mary left the room."*¹⁴⁷ (Rooney, p. 24).

¹⁴⁴ O parágrafo e o resultado do prompt estão disponibilizados integralmente no “Anexo A”.

¹⁴⁵ Como ao longo desta pesquisa, temos trabalhado com a versão original do livro de Rooney, o prompt inserido e parágrafo escolhido para o exercício estão em inglês. Como especificado no “Capítulo 2”, todas as traduções presentes são nossas.

¹⁴⁶ O resultado completo está disponibilizado na forma de “Anexo A”.

¹⁴⁷ “Nas visitas de Eileen à casa, seu pai Pat estava mal-humorado e inquieto, andando pela casa em horários estranhos, ligando e desligando coisas. No jantar, ele mal falava e frequentemente saía da mesa antes que os outros terminassem de comer. Na sala de estar, uma noite, quando estavam sozinhos, sua mãe Mary disse a ela que algo teria que mudar. Não pode continuar assim, ela disse. Com uma expressão preocupada, Eileen perguntou se ela se referia à situação financeira ou ao seu casamento. Mary virou as mãos com as palmas para cima, parecendo exausta, parecendo mais velha do que realmente era. Tudo, ela disse. Eu não sei. Você chega em casa reclamando do seu trabalho, reclamando da sua vida. E a minha vida? Quem está cuidando de mim? Eileen tinha vinte e três anos na época e sua mãe tinha cinquenta e um. Eileen segurou as pontas dos dedos levemente contra uma das pálpebras por um momento e disse: Você não está reclamando comigo sobre sua vida agora? Mary começou a chorar então. Eileen a observou inquieta e disse: Eu realmente me importo com isso você está infeliz, eu só não sei o que você quer que eu faça. Sua mãe estava cobrindo o rosto, soluçando. O que eu fiz de errado? ela disse. Como eu criei filhos tão egoístas? Eileen recostou-se no sofá como se estivesse pensando seriamente na questão. Que resultado você quer aqui? ela perguntou. Eu não posso te dar dinheiro. Eu não posso voltar no tempo e fazer você se casar com um homem diferente. Você quer que eu ouça você reclamando sobre isso? Eu vou ouvir. Eu estou ouvindo. Mas não tenho certeza do porquê você acha que sua infelicidade é mais importante do que a minha. Mary saiu da sala.” (tradução nossa).

Vamos destacar alguns pontos na extensão do trecho escolhido como feito pelo modelo usado, e identificar alguns problemas com a possibilidade (ou não) de se realizar exercícios imaginativos a partir do processamento de textos por IA.

Ainda que o prompt especificamente solicite que a IA continue o texto e descreva o que poderia ter acontecido após a mãe de Eileen, Mary, ter saído da sala, todo o texto gerado é construído em cima da expansão e repetição dos elementos já presentes no trecho com o qual alimentamos a IA. O modelo generativo não formulou, de fato, uma continuação da cena. Como resultado, “Eileen sentou-se na penumbra da sala de estar”, apenas atribui um cômodo específico a uma cena que originalmente é descrita como, "*On Eileen's visits home, her father Pat was sullen and restless, pacing around the house at strange hours, switching things off and on.*". Ou ainda, o trecho “Eileen se perguntou se Mary percebeu quantas vezes ela se refugiou no papel de vítima” que pode ser interpretado como uma recombinação de outros dois momentos específicos: i) Mary questionar sobre a insensibilidade da filha em relação aos seus problemas e, ii) Eileen confrontar a mãe sobre o que ela espera que ela faça.

Outro ponto relevante já debatido em nossa análise sobre o uso de LLM na produção acadêmica, é a constante adjetivação dos substantivos. Em função desse fato, nos perguntamos se o programa entende a abundância de adjetivos e advérbios como uma característica da própria linguagem literária¹⁴⁸. No momento, atentemo-nos a como este processo ocorre em nosso experimento através dos exemplos:

- “Fissuras profundas de queixas não articuladas”;
- “Eileen foi até a cozinha, onde a luz fluorescente zumbia fracamente, iluminando as bancadas desorganizadas e os restos do jantar que tinham esfriado”;
- “o vento farfalhava através das árvores, um lembrete sussurrante de que a vida continuava além dos muros de sua casa”;
- “O futuro se aproximava, incerto e vasto, e pela primeira vez, Eileen sentiu uma pontada de algo como esperança — um desejo de traçar seu próprio curso, não importa o quão assustador parecesse”

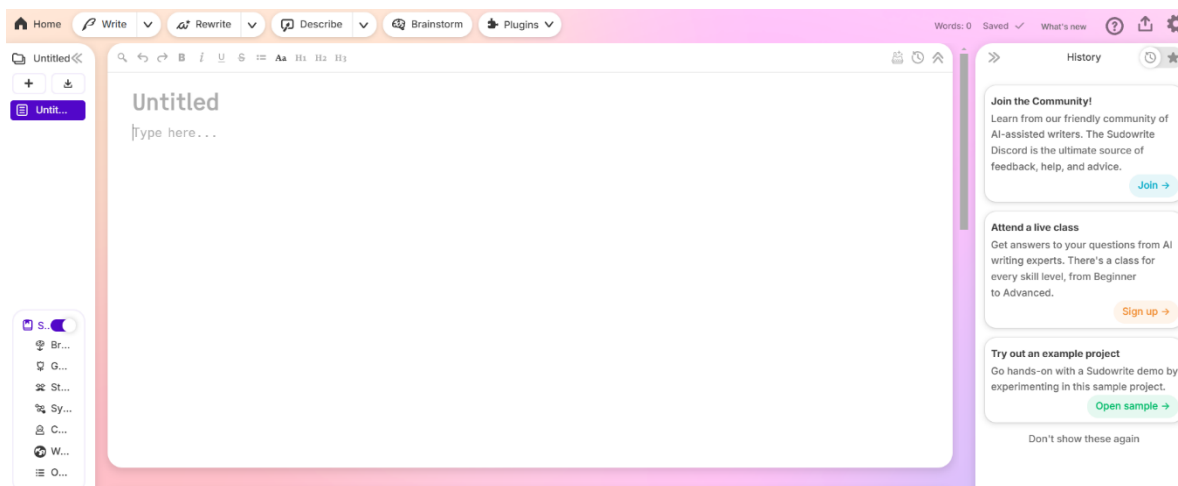
¹⁴⁸ O que justifica a relevância de nossa pesquisa e a necessidade de sua continuação em estudos futuros.

Como visto em “Literature in the age of artificial intelligence” (2023) de Yan Hu, modelos de LLM geram dados através do processamento de textos, identificando os padrões, estruturas e com isso, simulando um processo de aprendizagem e capacidade criativa. Este é o ponto central dos debates sobre a capacidade da LLM produzir conhecimento e arte que de fato sejam vistos como iguais ao que é produzido por seres humanos. E, em relação a ele, entendemos que a produção por predição, ou seja, através da antecipação do próximo elemento de uma sequência lógica, não é aprendizagem, e tampouco, produção de conhecimento. Deleuze nos oferece um ponto de vista extremamente interessante e fecundo a este respeito: o filósofo francês afirma que “aprender é penetrar no universal das relações que constituem a Ideia e nas singularidades que lhes correspondem”, ou em outras palavras, "aprender passa sempre pelo inconsciente, passa-se sempre no inconsciente, estabelecendo, entre a natureza e o espírito, o liame de uma cumplicidade profunda” (1968, pg. 159). A máquina tem dificuldade em lidar com a dicotomia universal/singular. Em virtude disso, “no ciclo contínuo de “produção” e “compreensão”, os modelos de IA *simulam* as características linguísticas e a lógica narrativa dos materiais textuais humanos existentes para finalmente produzir alguns textos que estejam de acordo com os hábitos de expressão humana”¹⁴⁹ (Hu, 2023, p. 1782, tradução nossa) e que por isso *pareçam* corretos.

Proseguimos com nossa análise por meio de um novo experimento empírico. Desta vez, entretanto, nosso exercício de reescrita e expansão da cena escolhida e retirada do livro *Belo Mundo*, será conduzido com o auxílio da IA especializada em escrita ficcional, *Sudowrite* cuja interface pode ser observada em “Figura 9”:

Figura 9: Interface *Sudowrite*

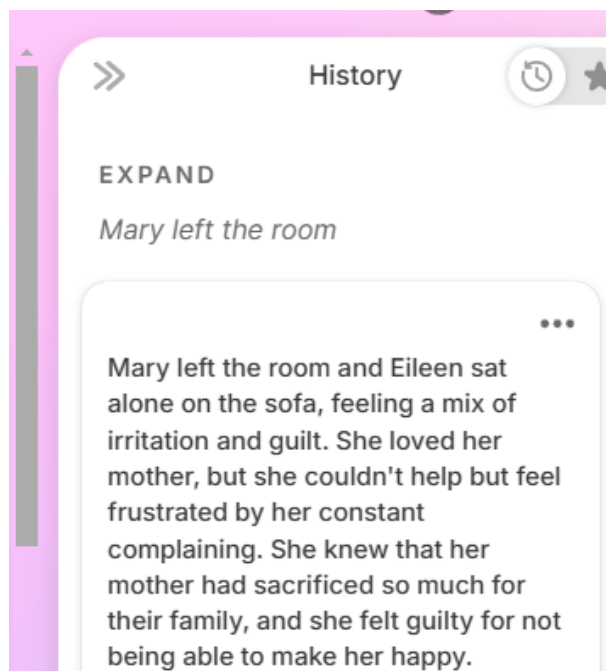
¹⁴⁹ “In the continuous cycle of “production” and “understanding”, they simulate the linguistic characteristics and narrative logic of existing human text materials, so as to finally output some texts that conform to human expression habits.”



Fonte: Pesquisa conduzida para nosso estudo. < <https://www.sudowrite.com/>>.

Após inserirmos os dados necessários, é possível escolher por continuar o trecho com o acréscimo de mais descrições complementares, ou com uma expansão geral dos tópicos presentes, dando, assim, continuidade a história. A seguir, observa-se o resultado gerado para a continuação do texto: Notemos, a seguir, a interface com o resultado gerado para continuação do texto na “Figura 10”.

Figura 10: interface com o resultado gerado para continuação do texto



Fonte: Pesquisa conduzida para nosso estudo. < <https://www.sudowrite.com/>>.

A partir destas interações iniciais, o usuário pode calibrar a IA de forma mais flexível e, adequar o texto de acordo com suas necessidades específicas. Como destacamos anteriormente, o *Sudowrite*, ao contrário de outros modelos generativos como o CHATGPT, Google Gemini e Microsoft Copilot, é uma IA *projetada para a produção de escrita criativa*. Nesse sentido, notamos uma interface que busca emular não apenas o processo de escrita e criatividade humana, mas, sobretudo, proporcionar ao seu usuário uma sensação de participação ativa e controle sobre o processo criativo. Aspecto, comumente, omitido em outros modelos. O quadro 2¹⁵⁰ a seguir exemplifica esse processo de reescrita a partir do primeiro resultado visto na “Figura 10”:

Quadro 2: Processo de criação da IA

Opção A	Opção B
<p>“Mary left the room and Eileen sat alone on the sofa, feeling a mix of irritation and guilt. She loved her mother, but she couldn't help but feel frustrated by her constant complaining. She knew that her mother had sacrificed so much for their family, and she felt guilty for not being able to make her happy.”</p>	<p>“As Mary left the room, Eileen couldn't help but feel a mix of irritation and guilt wash over her. She loved her mother, but she couldn't stand her constant complaining and reliance on their family for financial support. But at the same time, she knew that her mother had sacrificed so much for them and she felt guilty for not being able to make her happy.”</p>

Fonte: elaboração própria.

É verdade que existem pesquisadores como Moretti (2014) que, ao explorar o potencial da IA para coleta e análise de dados de textos literários, afirma que a inteligência artificial poderia ser eventualmente desenvolvida para capacidade de “escrita” ainda que na forma de textos simples, por meio do processamento de dados que, para a autora, mais cedo ou tarde, culminaria em melhores análises literárias e criações originais maiores. Entretanto, discordamos dessa posição e através de nosso estudo, argumentamos que mesmo que haja mérito no uso dessas ferramentas como um instrumento para agilizar, por exemplo, o processamento de dados, revisão ortográfica, adequação estilística e tradução, consideramos que o que se busca com a melhoria e evolução destes

¹⁵⁰ Os resultados completos estão apresentados na forma de “Anexo B”.

programas aparenta ser *a capacidade de transformar arte em conteúdo*. Isso é, busca-se atender literalmente os desejos da audiência em um cenário no qual a produção de literatura, música, cinema, vídeo games, e outros, é reduzida à dados que, por sua vez, são traduzidos em tendências. Cria-se um mundo no qual arte e conteúdo se tornam equivalentes e passam a ser moldados, de forma cada vez mais homogênea, por um algoritmo que responda a um sujeito que o treina ao mesmo tempo que por ele é afetado.

O que pode ser exemplificado com o exercício empírico¹⁵¹ realizado pelos pesquisadores Adam Hammond e Julian Brooke, em direta colaboração com o escritor Stephen Marche. Utilizando-se de um software para análise de banco de textos – focado em escrita criativa – desenvolvido por Hammond e Brooke, Marche deveria alimentar o programa com uma lista de livros e autores que guiarão o tom dentro do qual a história deveria ser escrita, de forma que quando uma palavra ou frase digitada pelo escritor, soasse diferente do que o programa SciFiQ tinha em mente, sua interface acendia em vermelho ou roxo. Para que as devidas adequações estilísticas fossem feitas.

Hammond é um dos pesquisadores responsáveis pelo Project Dialogism Novel Corpus (PDNC)¹⁵², um conjunto de dados para a análise computacional de romances, cujo banco de dados consiste em mais de 20 romances (textos de domínio público encontrados na plataforma do *Project Gutenberg*) nos quais todas as citações são identificadas, separadas, e classificadas em “falante”, “destinatário(s)” e “personagens mencionados”. Isto é, busca-se contornar o problema que modelos de NLP frequentemente apresentam com “resolução de correferência, agrupamento de personagem, detecção de eventos e identificação de locutores”¹⁵³ (2022, s.p., tradução nossa). Como observamos no Quadro 3¹⁵⁴ a seguir:

Quadro 3: Comparação entre citação e marcações

Citação	Marcações
“ <u>You</u> must not be too severe upon <u>yourself</u> ”, replied Elizabeth .	Falante: Elizabeth Bennet Destinatário: (Mr. Bennet, Kitty)

¹⁵¹ O conto e o prompt completo podem ser encontrados em <<https://www.wired.com/2017/12/when-an-algorithm-helps-write-science-fiction/>>.

¹⁵² O banco de dados do PDNC pode ser encontrado em <<https://github.com/Priya22/project-dialogism-novel-corpus>>.

¹⁵³ “*coreference resolution, character clustering, event detection, and speaker identification.*”

¹⁵⁴ Ver “The Project Dialogism Novel Corpus: A Dataset for Quotation Attribution in Literary Texts”, Hammond et al., (2022). <<https://arxiv.org/pdf/2204.05836>>.

	<p>Tipo de citação: direta</p> <p>Expressão de referência: replied Elizabeth</p> <p>Menções: (‘you’, Mr. Bennet), (‘yourself’, Mr. Bennet).</p>
--	--

Fonte: The Project Dialogism Novel Corpus: A Dataset for Quotation Attribution in Literary Texts”

Para lidar com essa problemática, Berardi, a partir de Warren Weidich, debate a noção de *statisticon*, que diz respeito a capacidade dos automatismos tecno-informacionais absorverem e filtrarem enormes quantidades de dados para emular uma capacidade preditiva. Esta capacidade é responsável pela transformação de *possível* em *prescrição*. O que resulta no esvaziamento da percepção das possibilidades em relação ao futuro para o sujeito que usa essas tecnologias. De tal maneira que, “a preempção estatística implica duas ações complementares: uma é o registro de sequências massivas de dados; a segunda é a adaptação da máquina ao ambiente vivo e a adaptação recíproca do organismo vivo e consciente à máquina”¹⁵⁵ (2017, p. 19, tradução nossa).

Entretanto, o mesmo sujeito que troca o inferno dos outros, pelo êxtase do mesmo (Baudrillard, 1990, p. 58-59) é absorvido pela automação e regurgitado como consumidor. Um consumidor que trabalha ativamente na produção do que consome, mas ainda assim, apenas consumidor. Como Lazzarato demonstra, em “Struggle, Event, Media”, consumir se torna *tanto* uma manifestação do trabalho imaterial *quanto* a possibilidade de pertencimento a um mundo. Curiosamente, Charlie Warzel, em tom similar a nossa leitura dos modelos de IA generativos argumenta em seu artigo “OpenAI Just Gave Away the Entire Game”, que,

Arrogância e prepotência são inerentes ao desenvolvimento de qualquer tecnologia transformadora. Um pequeno grupo de pessoas precisa se sentir confiante o suficiente em sua visão para trazê-la ao mundo e pedir ao resto de nós para nos adaptarmos. Mas a IA generativa estende essa dinâmica ao ponto do absurdo. É uma tecnologia que requer uma mentalidade de *destino manifesto*, de domínio e conquista. Não é roubo construir o futuro se você acredita que ele pertenceu a você o tempo todo¹⁵⁶ (Warzel, 2024, s.p. tradução nossa).

¹⁵⁵ “the statistical preemption implies two complementary actions: one is the recording of massive follows of data; the second is the adaptation of the machine to the living environment and the reciprocal adaptation of the living, conscious organism to the machine.”

¹⁵⁶ “Hubris and entitlement are inherent in the development of any transformative technology. A small group of people needs to feel confident enough in its vision to bring it into the world and ask the rest of us to adapt. But generative AI stretches this dynamic to the point of absurdity. It is a technology that requires a mindset of manifest destiny, of dominion and conquest. It’s not stealing to build the future if you believe it has belonged to you all along.” Ênfase dada. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2024/05/openai-scarlett-johansson->

Ao pensarmos nos modelos de IA generativos como uma manifestação automatizada da mentalidade do destino manifesto, central à mentalidade puritana, compreendemos a função central do envolvimento entre capital, linguagem e tecnologia e sua localização geográfica nos Estados Unidos. Tudo isso compõe o que Berardi define como o complexo e violento pelo qual o mundo inteiro parece estar fadado a tornar-se americano.

4 ENTRE O ANÁLOGO E O DIGITAL¹⁵⁷

The neoliberal era — the time when, we were repeatedly told, there was no alternative — has been characterized by a massive deterioration of social imagination, an incapacity to even conceive of different ways to work, produce and consume. It's now clear that, from the start (and with good reason) neoliberalism declared war on this alternative mode of time. It remains tireless in its propagation of resentment against those few fugitives who can still escape the treadmill of debt and endless work, promising to ensure that soon, they too will be condemned to performing interminable, meaningless labour — as if the solution to the current stagnation lay in more work, rather than an escape from the cult of work. If there is to be any kind of future, it will depend on our winning back the uses of time that neoliberalism has sought to close off and make us forget.

— Mark Fisher, *K-punk: The Collected and Unpublished Writings of Mark Fisher*

Em *The will to technology and the culture of nihilism: Heidegger, Nietzsche, and Marx* (2004), Arthur Kroker argumenta que, apesar do século XX ter sido dominado pelo espetáculo da imagem, o século XXI se caracteriza pelo seu desaparecimento graças a sua virtualização. Isso se dá, em primeiro lugar, em virtude de as imagens analógicas representarem uma história escrita com luz e produtos químicos necessários para sua revelação, mas acima de tudo, porque precisam de tempo, desde a sua composição até sua revelação. Imagens digitais, em contrapartida, são imagens instantâneas que são produzidas e reproduzidas em uma circulação tão rápida que tendem a não deixar rastros. Este tipo de relação com o tempo está em profunda conexão com o que leva Berardi a elaborar o fenômeno que entende como perda da diacronia existencial do sujeito.

Para o autor italiano, vivemos em um momento contraditório, no qual a infoesfera se expande incomensuravelmente, ao mesmo tempo em que nossa capacidade de atenção é atacada e o tempo dado à cada informação diminuiu. Como visto anteriormente, neste cenário, “a atividade mental tende a ser comprimida no presente, a profundidade da memória é reduzida e, assim, a percepção do passado histórico e até mesmo da diacronia existencial tende a desaparecer”¹⁵⁸ (Berardi, 2009, p. 88, tradução nossa). Berardi associa a identidade como uma construção, em maior parte, ligada à memória pessoal do sujeito, o que é atacado pela constante aceleração que descrevemos, e levaria à sociedade, para o autor, a caminhar em direção a um movimento de

¹⁵⁷ Retomamos e ampliamos uma reflexão anteriormente publicada através do artigo “A toast to the damned waiting for tomorrow: hauntology and mourning for a future that never comes” (2022) publicado pela revista *Eutomia*. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/download/253727/42206>.

¹⁵⁸ “*mental activity tends to be compressed into the present, the depth of memory is reduced and thus the perception of the historical past and even of existential diachrony tends to disappear.*”

contínua desidentificação, através do qual não apenas a velocidade de crescimento da infoesfera aumenta, mas nossa relação empática com o mundo também é diretamente afetada.

Ainda nos anos 1990, Berardi já problematizou esta tensão, mesmo antes de pensar sobre a diacronia existencial nos termos descritos acima. Naquele momento, sua intensão era afirmar que, ao longo do século XX, o conceito de identidade tendia a se sustentar sobre duas tensões principais em relação ao futuro: a promessa de desenvolvimento econômico ilimitado do capitalismo ou o futuro da igualdade comunista. Bifurcação que deixa de existir ao fim da Guerra Fria, e o mundo se transforma num espaço confrontado por diferentes e simultâneas ameaças, uma crise sanitária de proporções globais em relação a um vírus sexualmente transmissível, o medo da aniquilação nuclear, o dito fim da história e a consolidação das democracias neoliberais. O corpo e o sujeito passam a encontrar na fria superfície das telas a possibilidade de se livrar das impurezas de se ter um corpo, fonte de dor contínua e inevitável, uma punição pela culpa de existir¹⁵⁹ (Berardi, 2015a).

Para Berardi, “a estética anestésica da virtualidade é o último avatar de um processo de sublimação do corpo”¹⁶⁰ (2015a, p. 70, tradução nossa), a culminação de um movimento histórico, que retoma a sublimação do corpo feminino pelo Cristianismo, de Quevedo, passando por *Des Esseintes, até Bataille*. Massificado, agora, pela virtualização de *toda* a experiência humana. Neste cenário observa-se a retração da memória do tempo vivido, ao mesmo tempo que narrativas de pertencimento seriam superestimadas e intensificadas. O diagnóstico da situação conformada na passagem do século XX para o século XXI é o de uma humanidade percebida como residual, tornando-se um corpo humilhado e marginalizado pela digitalização da vida (Berardi, 1998; Kroker, 1994).

Retomando Kroker (2004), o autor ainda observa que a velocidade de circulação das imagens, demanda uma atenção especial à sua redução “ao piscar constante do código cibernético”¹⁶¹ (2004, p. 161, tradução nossa), uma estrutura sanitizada, livre das impurezas do toque do corpo humano e até mesmo não contaminada pela imaginação. Afinal de contas, faz parte da própria natureza do código limpar tudo que possa ser percebido como ruído e eliminar quaisquer

¹⁵⁹ Ainda que fora do escopo de nossa análise, destacamos que no mesmo texto, Berardi aborda especificamente a literatura e cultura cyberpunk. Para o autor, na literatura cyberpunk, encontra-se um sujeito que se dissolve na fusão do corpo com a máquina, em um processo no qual, busca-se na rede conectiva a possibilidade de se escapar do tempo histórico. O que o diferenciaria do herói romântico e sua ânsia por pertencimento a um espaço histórico e à sua realização.

¹⁶⁰ “*The anaesthetic aesthetics of virtuality is the last avatar of a process of sublimation of the body.*”

¹⁶¹ “*to the steady flicker of the cybernetic code.*”

marcas de oposição. Em tom próximo, Joseph Weizenbaum¹⁶² afirmou serem os computadores necessariamente uma força conservadora, que “tornou possível salvar instituições praticamente como elas eram, que de outra forma teriam que ser mudadas. Superficialmente, parece que [as coisas] foram revolucionadas pelo computador. Mas apenas muito superficialmente.”¹⁶³ (1976, s.p., tradução nossa).

Mudanças superficiais que parecem corroborar o fim da história como o fim da lixeira da história, pensado por Baudrillard em *A Ilusão do fim ou a greve dos acontecimentos* (1992). Para o filósofo francês, velhos regimes, ideologias e tradições já não podem mais ser descartados porque não há onde realizar o seu descarte. Não há mais um momento da existência ausente de comunicação. A crise do mundo moderno, eleva à enésima potência a inflação semiótica barroca. Poderíamos, através disso, evocar a imagem da cegueira branca imaginada por José Saramago em seu romance *Ensaio sobre a cegueira. Não mais enxergamos porque vemos tudo ao mesmo tempo*. Kroker fala sobre o século XXI ser o século do desaparecimento, enquanto Berardi escreve sobre a implosão da infoesfera. Duas leituras que trazem em si um desenvolvimento, cada uma a seu modo, da conclusão feita por Baudrillard, “se não há mais lixeiras da história, é porque a História em si, tornou-se uma. A sua própria lixeira”¹⁶⁴ (1992, p. 2, tradução nossa).

Com isso estabelecido, buscaremos, neste capítulo, tecer algumas considerações críticas acerca do questionamento de Arthur Kroker, sobre o futuro das imagens na era digital, com o qual iniciamos este capítulo, para refletir sobre as possibilidades de futuro da *literatura* dentro do mesmo contexto. Para isso, primeiramente, retomaremos e desenvolveremos a virtualidade dos modelos econômicos trabalhados no “Capítulo 1” para pensarmos no surgimento de uma “classe social virtual”, colocando lado a lado textos de Franco “Bifo” Berardi e Arthur Kroker, o que nos levará a debater sobre a natureza fundamentalista do código, e seus efeitos sobre a subjetividade. E em um segundo momento, lidaremos mais detalhadamente com a impossibilidade de descarte de tradições, como visto em *A Ilusão do fim* (1992).

¹⁶² “Cientista da computação americano e criador de ELIZA, o primeiro programa de processamento de linguagem natural da história, na década de 1960.

¹⁶³ “*I think the computer has from the beginning been a fundamentally conservative force. It has made possible the saving of institutions pretty much as they were, which otherwise might have had to be changed. Superficially, it looks as if [things have] been revolutionised by the computer. But only very superficially.*”
Disponível em: <https://berjon.com/user-agency/#:~:text=As%20Weizenbaum%20noted%20in%201976,been%20revolutionised%20by%20the%20computer.>

¹⁶⁴ “*If there no more dustbin of history, this is because History itself has become a dustbin. It has become its own dustbin.*”

4.1 Semiocapitalismo e a classe virtual

Em *Panic Encyclopedia* (1989), Arthur Kroker escreve que, “as economias capitalistas avançadas agora enfrentam a mais severa crise de liquidez de todos os tempos, [...] O capital começa a desaparecer. Em nenhum lugar essa crise é mais aparente do que na destruição de seu principal ícone - o dinheiro”¹⁶⁵ (p. 146, tradução nossa). Destruição também abordada por Mark Shell, em *Money, language, and Thought* (1982)¹⁶⁶, onde encontramos uma explicação importante para os processos de desmaterialização e desreferencialização como tratados até aqui.

Shell, ao traçar um panorama histórico entre o Eletro da Lídia antiga¹⁶⁷ e o dinheiro que usamos, observa que “o valor de troca das primeiras moedas derivava completamente da substância material (o eletro) dos lingotes a partir dos quais eram cunhadas, e não das inscrições gravadas nesses lingotes” (1982, p. 1). Entretanto, o desenvolvimento esperado de inscrições, política e economicamente autorizadas e que não mantinham relação com a pureza dos lingotes, dá início a uma transformação social em função da complexidade da relação entre “valor nominal (moeda intelectual) e valor substancial (moeda material)”. Bem, esta história é conhecida: à medida que o tempo passa, começa-se a produzir papel moeda e a substância material não mais mantém alguma relação com o *valor* da moeda. Por fim, com “o advento das transferências eletrônicas de fundos, o elo entre a inscrição e a substância foi quebrado. Ninguém está nem aí se o dinheiro eletrônico não está de fato aqui (Shell, 1982 apud Berardi, 2020, p. 107).

Dois pontos são relevantes a partir do panorama histórico proposto por Shell; o primeiro é o entendimento da virtualização da economia como um movimento esperado dentro da evolução histórica do dinheiro, o que nos leva ao segundo ponto, as finanças se beneficiam dessa virtualidade porque ela se relaciona diretamente com a velocidade de circulação do dinheiro pela sociedade. Retomando o argumento de Kroker e Weinstein sobre a velocidade com a qual a transmissão de informações ocorre no ambiente virtual para pensar que, com a abstração financeira, o dinheiro passa a circular mais livremente e de forma mais rápida. Em uma “economia nómada que já é pós-

¹⁶⁵ “Advanced capitalist economies now face the severest liquidity crisis ever [...] Capital begins to disappear. Nowhere is this crisis more apparent than in the shattering of its chief icon - money.”

¹⁶⁶ Crítico literário canadense.

¹⁶⁷ Aos lídios, civilização formada na região da Anatólia, é atribuído a invenção das primeiras moedas em circulação da história, feitas de prata e ouro, por volta do ano 630 AEC.

econômica: onde o capitalismo é preservado como uma *mise-en-scène* que distrai o olhar da liquidez das relações materiais reais de produção e o triunfo da forma virtualizada da comodidade”¹⁶⁸ (Kroker e Weinstein, 1994, p. 71, tradução nossa).

Historicamente, para Kroker, o dinheiro físico podia ser percebido como uma externalização do sujeito do século XIX, pois ele podia fazer coisas que o corpo não conseguia, e atravessava a sociedade como um todo na forma do fetichismo de consumo. Mas, “os corpos no século XX foram invadidos e explodidos. Os fetiches cresceram. O consumo recuperou o ritual primitivo da troca simbólica em sua abolição do moderno”¹⁶⁹ (p. 146, tradução nossa). Além disso, Kroker postula que “diante do ataque do cancelamento do referente, o dinheiro se vê circulando mais rápido, e mais violentamente, para se manter como o clinâmen¹⁷⁰ universal”¹⁷¹ (p. 146, tradução nossa), cuja consequência é o surgimento de uma classe pós-burguesa e virtual sem nenhuma relação com o seu território ou comunidade local. Uma classe que não mais se ocupa do futuro de uma comunidade específica, uma vez que, no dia seguinte, seus negócios podem ser levados para outro lugar.

A burguesia, classe social revolucionária, morreu, nisso não há novidade; entretanto, de seus restos mortais, nasceu uma classe virtual, como argumenta Berardi. Em suas palavras,

A burguesia moderna era uma classe altamente territorializada, ligada a ativos físicos; ela tinha uma consciência aguçada de sua relação com o território e com a comunidade. Sua riqueza e prosperidade eram baseadas na propriedade de bens concretos: fábricas, casas, mercadorias armazenadas em depósitos. O bem-estar dos trabalhadores era essencial para a criação de um mercado de massas e para a prosperidade do capitalismo burguês. A burguesia industrial explorou os trabalhadores com a meta de desenvolver a sociedade, e o desenvolvimento da sociedade tinha como objetivo a extração da mais-valia dos trabalhadores. Os rendimentos da classe financeira, por outro lado, não estão ligados ao efetivo enriquecimento do território, da cidade, do burgo. Quando o burgo se torna global, a burguesia desaparece e a moralidade burguesa se dissolve. O inconsciente burguês tinha como base a separação entre trabalho e desejo, a repressão da pulsão sexual e o adiamento

¹⁶⁸ “*A nomadic economy that is already post-economic: where capitalism is preserved as a mise-en-scène distracting the eye from the liquidation of the real material relations of production, and the triumph of the virtualized commodity-form.*”

¹⁶⁹ “*But the bodies in the twentieth-century have been invaded, and blown apart. The fetishes have grown up. Consumption has regained the primitive ritual of symbolic exchange in its abolition of the modern.*”

¹⁷⁰ Do grego Παρέγκλισις, é “definição dada por Lucrécio no poema *De rerum natura* ou “Da natureza das coisas” (Tito Lucrécio Caro, 98-55 a.C.) a partir da doutrina atomista de Epicuro (341-270 a.C.), doutrina esta desenvolvida a partir do atomismo de Demócrito (cerca de 460-370 a.C.); sendo Lucrécio quem nomeou de “clinâmen” ao desvio imprevisível dos átomos, causado por um pequeno movimento através do vazio na trajetória retilínea, pelo seu próprio peso, de modo espontâneo e lateral, cujo encontro desses átomos de diferentes pesos produziriam a matéria. (Lucrecio apud Deleuze, 2015)” (França, 2010, p. 552)

¹⁷¹ “*Facing the onslaught of the cancellation of the referent, money finds itself circulating faster, and more violently, to maintain itself as the universal clinamen.*”

do prazer. Nos anos finais da era burguesa, no rescaldo do triunfo do capitalismo financeirizado, o desejo invade o espaço do mercado, e o mercado invade o espaço do desejo. *Na nova visão econômica, trabalho e realização pessoal devem se fundir: indivíduos devem se tornar agentes livres. Não há mais distinção entre tempo de lazer e tempo de trabalho: todo o seu tempo deve ser devotado a ganhar dinheiro, e o dinheiro tomou o lugar do desejo*¹⁷² (Berardi, 2020, p. 63).

Sucedese que, para Kroker, *essa nova classe, como resultado dos movimentos históricos, culturais e econômicos descritos, é politicamente fascista, culturalmente cínica, com problemas para desenvolver qualquer relação empática com o Outro, e por fim sexualmente frustrada* (1994).

A classe virtual é, então, global, constantemente conectada em uma espécie de sistema nervoso digital. Ou seja, ela “colhe o mundo para o futuro digital”¹⁷³ (2004, p. 128, tradução nossa). Neste futuro digital, cada vez mais presente, uma economia virtual se constitui como uma economia de desaparecimentos. Desaparecem, primeiro, os modelos tradicionais de produção industrial e, depois, como consequência, desaparecem os elementos chave do sistema de relação de classes do capitalismo clássico.¹⁷⁴ Como lemos em *Data Trash* (1994), na era da virtualidade apenas a velocidade da circulação importa. Seja a circulação de informações ou a circulação de dinheiro.

4.1.1 Cyberespaço e cybertempo

Em diálogo direto com Kroker e sua classe virtual, Berardi vê a necessidade de lidarmos com a fisicalidade do corpo desse sujeito virtual. Todavia, para o filósofo italiano, o sistema de Kroker falha ao ignorar que a virtualidade do trabalhador virtual não é absoluta, ou melhor, ela não elimina a fisicalidade do seu corpo (*After the Future*, 2011). Isto é, as condições que tornam a imaterialidade da economia possível, são materiais. Por isso, podemos entender o semiocapitalismo e a conceitualização do cognitariado, ou proletariado cognitivo, como uma extrapolação teórica a partir da noção da classe virtual de Kroker. Para melhor compreendermos este argumento, voltemos brevemente ao ethos moderno como pensado por Bolívar Echeverría.

De forma resumida, Echeverría elabora quatro modos de se viver ou existir dentro das contradições inerentes à modernidade: um ethos realista, um ethos romântico, ethos clássico e ethos barroco. Porém, como observado no “Capítulo 1”, podemos dividi-los em dois grupos distintos, um primeiro de estrutura barroca, que questiona o processo de naturalização da condição capitalista,

¹⁷² Ênfase dada.

¹⁷³ “*harvests the world for the digital future.*”

¹⁷⁴ Ver “Capítulo 1”.

mostrando-o como uma possibilidade e não um caminho único e natural. Enquanto o segundo grupo corresponderia a uma estrutura realista, que nos diz “este é o mundo” e o capitalismo é a sua realidade. O que o permite, por derivação, imaginar que esta tensão dá lugar a uma nova organização, um *ethos moderno*, ou *a forma barroca de se viver dentro do capitalismo* (Echeverría, 2007/2011).

Logo, o que Echeverría chama de forma barroca de se viver no capitalismo, é deslocada por Berardi para o interior da dicotomia entre cyberspaço e cybertempo. O semiocapitalismo berardiano entende que as energias mentais do sujeito trabalham através de sua absorção pelos mecanismos tecnolinguísticos. Entretanto, dentro deste mesmo sistema, o espaço virtual oferece uma possibilidade de expansão infinita que se choca diretamente com as limitações do tempo virtual, mas que ainda responde à faculdade humana de atenção e tempo disponível. Se tentarmos conceitualizar a diferença entre os pensamentos de Kroker e Berardi, podemos localizar, no primeiro, a ênfase dada apenas ao espaço virtual, enquanto Berardi busca analisar como a subjetividade é afetada por esse ambiente de extrema velocidade, pois “a criação acelerada de mais-valia depende da aceleração da infoesfera. A digitalização da infoesfera abre caminho para esse tipo de aceleração”¹⁷⁵ (Berardi, 2011, p. 73, tradução nossa). Aceleração sem a qual o modelo de capitalismo semiótico não se sustenta e que constitui o motivo pelo qual viveríamos em tempos impotentes. Nestes tempos, a mente, submetida a um constante estado de aceleração e ininterruptos estímulos, reage com pânico, depressão, dessensibilização e violência. Somos, neste contexto, “testemunhas do desenvolvimento de uma geração de seres humanos sem competência em sensibilidade, a habilidade de entender empaticamente o outro e decodificar sinais que não são codificados em um sistema binário”¹⁷⁶ (Berardi, 2009, p. 124, tradução nossa).

Miguel Benasayag e Gérard Schmit em seu estudo sobre a depressão e exaustão da juventude parisiense, *Les Passions Tristes (2004)*¹⁷⁷, observam traços importantes dessa temporalidade impotente e notam formas de vida cada vez mais precárias, devido tanto à percepção da necessidade de que os membros mais velhos de suas famílias trabalhem mais, quanto à improbabilidade de seguirem o caminho tradicional entre escola, universidade, trabalho e

¹⁷⁵ “The accelerated creation of surplus value depends on the acceleration of the info-sphere. The digitalization of the info-sphere opens the way for this kind of acceleration.”

¹⁷⁶ “witness to the development of a generation of human beings lacking competence in sensibility, the ability to empathically understand the other and decode signs that are not codified in a binary system.”

¹⁷⁷ Como a obra entra em nosso estudo através de Berardi, os trechos utilizados foram retirados da tradução para o italiano.

aposentadoria. O sujeito existe, neste cenário, simultaneamente exausto e hiperestimulado, sendo este estado de tensão, ou *mal-estar*, para recuperarmos o termo usado por Echeverría, a principal característica da subjetividade contemporânea, configurada a partir deste sistema de capitalismo absoluto.

Quando a vida não é nada além de violência, catástrofes ambientais e sucessivas crises econômicas, a virtualização do cotidiano age como o golpe final contra a possibilidade de surgimento de qualquer futuro comunitário. A era digital é marcada por “uma tristeza generalizada [...], permeada por um sentimento permanente de insegurança e precariedade”¹⁷⁸. Esta é a situação em que o sujeito forçado a existir como empreendedor, em uma estrutura que nos diz, *sejamos todos capitalistas*, de forma que “melhor sentir-se bem e se gratificar hoje se o amanhã não tiver perspectivas”¹⁷⁹ (Benasayag, Schmit, 2004, s.p., tradução nossa). Existência descrita por Berardi como a solidão física e psíquica do sujeito dentro da infoesfera (Berardi, 2011). Ou em outras palavras, “nenhuma forma de solidariedade é percebida positivamente, pois, nesta visão utilitarista do mundo, a humanidade parece ser composta por uma série de indivíduos isolados que mantêm os relacionamentos entre si, em primeiro lugar, de forma contratual e competitiva”¹⁸⁰ (Benasayag; Schmit, 2004, s.p., tradução nossa).

4.2 Vontade de virtualidade e futurabilidade

Apesar da proximidade intelectual dos trabalhos de Arthur Kroker e Franco “Bifo” Berardi, o semicapitalismo berardiano é em si uma estrapolação da “classe virtual” de Kroker, como acabamos de ver. A principal razão para isto é que a filosofia de Berardi não abandona a fisicalidade do corpo do sujeito. Pelo contrário, sua teoria tem como ponto de partida este mesmo corpo – muito claramente vemos aqui todo o peso da herança deleuziana. Conquanto tenhamos em vista o que separa as posições de Kroker e Berardi, manteremos o diálogo entre os dois autores como maneira de esclarecer o determinismo tecnológico da classe virtual e seu contraponto, o semicapitalismo.

¹⁷⁸ “una tristezza diffusa [...], percorsa da un sentimento permanente di insicurezza e di precarietà. Meglio star bene e gratificarsi oggi se il domani è senza prospettiva.”

¹⁷⁹ “Meglio star bene e gratificarsi oggi se il domani è senza prospettiva.”

¹⁸⁰ “nessuna forma di solidarietà viene percepita positivamente perché, in questa visione utilitaristica del mondo, l'umanità appare costituita da una serie di individui isolati che intrattengono tra loro innanzitutto delle relazioni contrattuali e competitive.”

Kroker (1994) divide a história da classe virtual em dois momentos diretamente afetados pela relação do sujeito com as constantes transformações tecnológicas contra as quais ele é forçado a existir. Desta maneira, para ele, o corpo orgânico se dissolve em um Outro virtual dentro de um sistema econômico moral¹⁸¹ que força a subjetividade a uma existência cibernética que se caracteriza como (a)- expansionista, que engloba a *vontade de virtualidade* que iremos abordar a seguir; mas também (b)- deflacionária, marcada por ações (retro) fascistas¹⁸².

Em um regime definido pela aceleração, a tecnologia, para Kroker, engoliu o capitalismo e com isso, a classe virtual se consolida no lugar social ocupado pela burguesia tradicional.

A chave para entendimento da classe virtual de Kroker passa pelo seu conceito de *vontade de virtualidade*: um estado cultural no qual as relações entre os corpos e as tecnologias de telecomunicação massificadas afetam *todos* os aspectos da vida cultural, social e política do sujeito. Claramente inspirado pela *vontade de potência* nietzschiana e por algumas instruções da filosofia de Heidegger, Kroker aborda, por meio da vontade de virtualidade, o niilismo intrínseco ao futuro digital como por ele visionado. Contudo,

seria impreciso dizer que a nossa é meramente uma civilização de arrogância tecnológica. Nietzsche foi mais perspicaz. Para ele, somos uma ‘aposta’, uma ‘travessia’, um ‘olhar’, uma ‘tempestade que se forma’. Assim como talvez Jean-François Lyotard, para quem somos uma ‘incomensurabilidade’, uma impossibilidade que não pode ser irrealizada porque talvez nunca sejamos capazes de autoconsciência plena. Seja qual for o caso, nunca pode e provavelmente nunca será dito de nós que não vestimos a membrana da tecnologia como nosso mais profundo primal, que o horizonte da tecnologia não é a aposta através da qual apostamos o significado da vida em si. Embora seja uma questão de guerra epistemológica estrita entre construcionistas sociais e hipermodernos dar muita importância às questões culturais relacionadas ao significado do ‘pós’ - pós-sociedade, pós-cultura, pós-gênero - não acho que tenhamos ainda compreendido profundamente nos interstícios do nosso pensamento o quão graficamente, quão sombriamente, verdadeiramente nos tornamos uma cultura dos pós¹⁸³ (Kroker, 2005, p. 5, tradução nossa).

¹⁸¹ Outro ponto de convergência entre os autores. De forma que qualquer definição e análise do semiocapitalismo berardiano, deve ser feita tendo como ponto de partida a definição do neoliberalismo, não como um sistema econômico, mas como uma *série de justificativas morais para as transformações sofridas pelo capitalismo ao longo do século XX*. Argumento feito por Berardi e corroborado David Graeber, antropólogo americano, que entende esta estrutura como um modelo que sistematicamente prioriza imperativos políticos em detrimento de imperativos econômicos (2018) destacando, no contexto americano, o movimento cristão pentecostal e suas aproximações com a direita libertária que já se iniciava ao fim dos anos 70 (p. 97). Ver também Walter Benjamin, “Kapitalismus als Religion” (“Capitalismo como Religião”).

¹⁸² Berardi por sua vez fala em um fascismo geriátrico. Ver “From futurist fascism to geriatric fascism” [“Do fascismo futurista ao fascismo geriátrico”], texto publicado pouco antes da ascensão de Giorgia Meloni e da extrema-direita ao poder na Itália, sob o conhecido slogan usado por Benito Mussolini e seus simpatizantes, “Deus, Pátria e Família”. Texto disponível em: <https://autonomies.org/2022/08/franco-bifo-berardi-from-futurist-fascism-to-geriatric-fascism/>. Acessado em 30 de junho de 2023.

¹⁸³ “It would be inaccurate to say that ours is merely a civilization of technological hubris. Nietzsche was more insightful. For him, we are a ‘gamble,’ a ‘going-across,’ a ‘glance,’ a ‘gathering storm.’ So was perhaps Jean-

O que quer dizer que cada “pós” que utilizamos conceitualmente, na contemporaneidade, é índice da certeza ante a questão da tecnologia de forma tecnológica. Sobre isso, o niilismo de Kroker culmina na noção de que esta vontade pelo virtual acaba se traduzindo em uma *forma de suicídio social*. É importante dizer que Kroker situa a gênese dessa vontade de virtualidade nos efeitos de dois momentos históricos sobre a sociedade, o Projeto Manhattan e, já na virada do século XX para o XXI, o mapeamento completo do genoma humano.

Por sua vez, Berardi está mais focado nos anos de chumbo italiano.

Em *Precarious Rhapsody* (2009), o autor descreve como, entre 1975 e 1976, em torno de 15% dos jovens italianos estavam desempregados. O que complicava o cenário político e econômico, uma vez que desde 1969, fábricas no norte do país eram consistentemente alvo de protestos e ações dos jovens militantes descontentes, não apenas com as questões trabalhistas, mas, também, contra o PCI – Partido Comunista Italiano e sua aliança com os Democratas Cristãos. Esta aliança tem um peso fundamental: para Berardi, *duas igrejas da tristeza* que se uniram para reprimir a inquietação das ruas.

É necessário ressaltar que, apesar de ter certa autonomia em relação a Moscou, e, conseqüentemente, diferenciando-se em sua organização interna (comparado com a organização de um tradicional partido leninista), sua abordagem sobre o assunto da relação entre o Estado e a sociedade, stalinismo era a única língua que o PCI conhecia. Esta realidade não se atém ao PCI e nos faz pensar sobre o caráter conservador que os partidos comunistas assumem pelo mundo durante este período. Berardi, então, ressalta que a geração de trabalhadores italianos, que ocupava as fábricas¹⁸⁴, por todo o país, durante a década de 70, não era necessariamente próxima da ideologia soviética. Ao contrário, estes trabalhadores se sentiam mais próximos do movimento hippie, estudantil e de outros discursos de contracultura. Não é fortuita, portanto, a aproximação entre os trabalhadores das fábricas, estudantes universitários, pesquisadores e professores.

François Lyotard, for whom we are an ‘incommensurability,’ an impossibility that cannot be unrealized because we are perhaps never capable of full self-consciousness. Whatever the case, it can never and probably will never be said of us that we have not worn the membrane of technology as our deepest primal, that the horizon of technology is not the gamble upon which we stake the meaning of life itself. While it is a matter of strict epistemological warfare between social constructionists and hypermoderns to make much of the cultural issues attendant upon the meaning of the ‘post’ – post-society, post culture, post-gender – I do not think that we have yet grasped deeply into the interstices of our thought just how graphically, how bleakly, we truly have become a culture of the post.”

¹⁸⁴ Em *Precarious Rhapsody*, Berardi escreve, “Eu estava em Turim em 1973. Naquele ano, em toda a Europa, as fábricas de automóveis foram tomadas por uma onda de conflitos sociais. Na Fiat Torino, na Opel de Russelsheim, na Volkswagen e na Renault de Billan Court, uma revolta maciça de jovens trabalhadores da indústria automobilística interrompeu as linhas de montagem e impulsionou a indústria moderna” (Berardi, 2009, p. 18, tradução nossa).

A singularidade italiana aqui salta aos olhos. Diferente de outros cenários insurrecionistas, entre a década de 60 e 70, a Itália contava com um partido de esquerda em coalisão com os conservadores, em um parlamento unido para silenciar as ruas e barrar a busca por inovação e mudanças progressistas.

Tal cenário, só poderia culminar em violência, e, em 1975, enquanto Berardi e um grupo de jovens poetas proletários iniciava a publicação da revista *A/traverso* e se preparavam para fundar a notória Radio Alice, o que ocorreu em fevereiro de 1976, a situação política se agravava com a aprovação de uma lei¹⁸⁵ que dava à polícia o direito de atirar em quem fosse identificado como ameaça. Para Berardi, este é o momento no qual um projeto político de esperança e possibilidade (o comunismo) começa a se transformar em violência, tristeza e deflação das expectativas em relação ao futuro. Não muito tempo depois, em março de 1977, um estudante universitário foi morto pela polícia durante protestos que ocorriam em Bologna. Barricadas tomam as ruas da cidade e, no dia seguinte, milhares de pessoas ocupam as ruas de Roma. No mesmo dia, a Radio Alice é fechada pela polícia, e Berardi, acusado de atividades subversivas, é forçado a fugir para a França, onde vive por dois anos como exilado e conhece Félix Guattari.

1977 se torna, portanto, um ano emblemático para Berardi que passa a compor um quadro com acontecimentos de diversa natureza de maneira a criar um feito de inflexão. Além da insurreição italiana, ele cita o sequestro de Hans Martin Schleyer na Alemanha pelo Rote Armee Fraktion [Fração do Exército Vermelho], sucedido pela prisão e morte durante o encarceramento de Andreas Baader, Carl Hans Raspe e Gudrun Ensslin (Berardi, 2019). Ou ainda, o suicídio em massa de crianças e jovens no Japão, ao fim do verão do mesmo ano. Mais precisamente, treze crianças do primário, e, ao longo de todo 1977, setecentos e oitenta e quatro adolescentes tiraram a sua vida. Fato que leva o país a manter, a partir de 1978, um banco de dados constantemente atualizado sobre a situação.

Culturalmente, Steve Wozniak e Steve Jobs criam a marca “Apple”, Alain Minc e Simon Nora escrevem *The Computerization of Society: A Report to the President of France*, Jean François Lyotard escreve *A Condição Pós-Moderna*. Em dezembro, morre Charlie Chaplin, e, nos últimos dias de 1977, o filme *Os Embalos de Sábado à Noite*¹⁸⁶ mostrou o novo herói da classe trabalhadora,

¹⁸⁵ Chamada de Legge Reale, a lei foi aprovada em 22 de maio de 1975

¹⁸⁶ Nos Estados Unidos, o filme é lançado em 16 de dezembro de 1977, chegando aos cinemas brasileiros apenas em 3 de julho de 1978.

feliz por ser explorado durante toda a semana em troca de um pouco de diversão na discoteca no sábado à noite”¹⁸⁷ (Berardi, 2019, p. 47, tradução nossa). Por fim, ainda sobre o mesmo ano de 1977, David Bowie lança seu single “Heroes” e, com essa canção, aparece um novo herói que surge a tempo da revolução neoliberal e transformação digital que tomavam forma.

O herói de Bowie não é mais um sujeito, mas um objeto: uma coisa, uma imagem, um fetiche esplêndido [...] uma imagem que pode ser reproduzida, multiplicada e copiada. O herói de Bowie não é mais um ser humano [...] realizando façanhas exemplares e sensacionais, e ele nem é um ícone, mas um produto brilhante dotado de beleza pós-humana: uma imagem e nada mais que uma imagem. A imortalidade deste herói não se origina mais na força para sobreviver a todas as provações possíveis, mas em sua capacidade de ser xerocado, reciclado e reencarnado. A destruição alterará sua forma e aparência, mas sua substância permanecerá intocada. *A imortalidade da coisa é sua finitude, não sua eternidade*¹⁸⁸ (Berardi, 2009, p. 70, tradução nossa).

Todavia, onde Kroker via a *vontade de virtualidade*, Berardi pensa em *futurabilidade*. Futurabilidade é o reconhecimento de que não há um único desenvolvimento linear do presente que possa ser lido como norma única de progressão temporal natural. Ao pensar em futurabilidade, o autor – aqui, lendo Henri Bergson, principalmente *O possível e o real* – analisa a camada de possibilidade dos caminhos que podem se desenvolver como o futuro e os exercícios de poder que transformam possibilidades em prescrições. Argumentação teórica que se divide em:

- i) Possibilidades que surgem inscritas nas condições materiais do presente. São muitas, mas não infinitas;
- ii) Potência, o principal ponto de divergência com a leitura de Negri sobre Espinoza, ou a energia subjetiva investida para transformar possibilidades em realidades; e, por fim,
- iii) Poder, ou as seleções e simultânea exclusão de outras possibilidades.

Notamos, que, para Berardi, inspirar paixões tristes é fundamental para o exercício de poder e, lendo Deleuze, percebemos que o autor repensa a analogia do padre que precisa da tristeza e culpa de seus fiéis para que estes continuem indo às missas. Ele expande essa formulação para

¹⁸⁷ “In the final days of 1977 the movie *Saturday Night Fever* showed a new working class, happy to be exploited all week long in exchange for some fun in the disco.”

¹⁸⁸ “Bowie’s hero is no longer a subject, but an object: a thing, an image, a splendid fetish. Bowie’s hero is no longer a [...] being carrying out exemplary and sensational exploits, and he is not even an icon, but a shiny product endowed with post-human beauty: an image and nothing but an image. This hero’s immortality no longer originates in the strength to survive all possible ordeals, but from its ability to be xeroxed, recycled, and reincarnated. Destruction will alter its form and appearance, yet its substance will be untouched.”

poder pensar na união entre economia e tecnologia telecomunicativas como uma forma de poder que, reiteradamente, *nos informa que outro mundo não é mais possível*.

As paixões tristes não são em nenhuma instância resultado do acaso, mas sim, um exercício ativo de poder. Afinal de contas os economistas, em muitos aspectos, se assemelham mais a figuras religiosas do que a cientistas, uma vez que seu discurso frequentemente busca submeter as ações e comportamentos sociais à lógica da expansão econômica. Nesse contexto, há uma tendência a incitar uma reflexão moral sobre as dívidas, associando-as a ameaças de inflação e miséria como punições pelos ‘pecados’ cometidos. Além disso, muitos economistas parecem adotar um discurso que reverencia dogmas como o crescimento contínuo e a competição, reforçando uma visão normativa e quase dogmática do desenvolvimento econômico (Berardi, 2015a, p. 154).

Portanto, o exercício de poder no semiocapitalismo se manifesta pela inserção de escolhas automatizadas que graças à aceleração da infoesfera passam pelo sujeito de forma tão rápida que são percebidas como normas e não mais escolhas possíveis devido a um determinismo tecnológico-econômico. Assim, o poder pode ser visto como a própria fonte das paixões tristes (Berardi, 2017, p. 10).

David Graeber nos oferece em seu livro *The Utopia of Rules: On Technology, Stupidity, and the Secret Joys of Bureaucracy* (2013) uma análise útil para melhor contextualizarmos os exercícios de poder que acabamos de descrever. No texto, Graeber observa que, em nosso cotidiano, grande parte de nosso tempo é gasto tentando decifrar os motivos e percepções das outras pessoas. Entretanto, como esse exercício interpretativo ocorre dentro de nossa vida social, ele é afetado pela maneira que a vida social se organiza. Por conseguinte, as pessoas que estão na parte de baixo da estrutura social, passam mais tempo presas a esses jogos interpretativos, tentando dar sentido ao mundo ao seu redor e ao mundo do qual não fazem parte.

Quer dizer, sujeitos subalternos investem tempo e atenção procurando compreender o que pensam ser suas vidas, mas, na verdade, tentam entender o funcionamento de uma estrutura social que os exclui e que, em última instância, não faz sentido. Este exercício é, na verdade, uma forma de *trabalho imaginativo*: “O que resulta na constatação de que enquanto aqueles que estão na base da escada social passam muito tempo imaginando as perspectivas de, e realmente se importando com, aqueles que estão no topo, quase nunca acontece o contrário”¹⁸⁹ (Graeber, 2013, p. 72,

¹⁸⁹ “The result is that while those on the bottom of a social ladder spend a great deal of time imagining the perspectives of, and genuinely caring about, those on the top, it almost never happens the other way around.”

tradução nossa). Ao aproximarmos Berardi e Graeber, podemos falar em uma *guerra contra a imaginação*, seja através de formas estruturais de violência, ou da padronização da linguagem e da subjetividade.

Graeber, desenvolve seu argumento e pondera sobre a criação dos modelos existentes de educação pública, pois, apesar do fato de que “o Estado de providência social europeu, com a sua educação gratuita e cuidados de saúde universais, pode ser justamente considerado – como Pierre Bourdieu uma vez observou – a maior conquista da civilização humana” (2013, s.p. tradução nossa)¹⁹⁰. Ele foi criado e moldado a partir de uma série de valores e referências sobre família, sucesso, felicidade, trabalho, que pouco ou nada tinham a ver com a forma de viver da classe operária e das pessoas mais pobres, ou seja, dos maiores beneficiados por estes sistemas. E, embora não seja nosso tema aqui, a reflexão de Graeber nos ajuda a compreender por que os constantes ataques à estas instituições públicas conseguem ganhar apoio mesmo entre os que mais dependem delas.

Isto posto, podemos retomar a constituição do estado atual das coisas como uma depressão e intensa deflação de expectativas como elaborado não apenas por Berardi, mas também por autores como por Miguel Benasayag, Gérard Schmit, Mark Fisher. A questão é, sem querermos afundar numa paralisia fatalista, situar o problema da possibilidade de o mundo deixar de fazer sentido. “O sentido é a projeção de um investimento intelectual e emocional. Podemos dizer que o sentido é o efeito de um investimento libidinal na interpretação, na construção do significado”¹⁹¹ (Berardi, 2011, p. 49, tradução nossa), em outras palavras, ele não é encontrado no mundo, mas pode ser criado. A depressão é então percebida, aqui, como a incapacidade de *encontrar* sentido, o que se manifesta como uma impossibilidade de *criar* sentido¹⁹². Para Berardi, o sentido das coisas, da vida, da capacidade de alguém de ter esperança no futuro, é construído em espaços compartilhados e o ponto complicado é que o compartilhar se torna cada vez mais raro fora do ambiente virtual.

Assim sendo, devemos entender a futurabilidade postulada por Berardi mais como uma análise das possibilidades de tornar-se outro, do que propriamente, algum tipo de modelo historiográfico, portanto é importante que retornemos ao contexto do movimento político italiano,

¹⁹⁰ “The European social welfare State, with its free education and universal health care, can justly be considered – as Pierre Bourdieu once remarked – the greatest achievement of human civilization.”

¹⁹¹ “Sense is the projection of an intellectual and emotional investment. We can say that sense is the effect of a libidinal investment in interpretation, in the construction of meaning.”

¹⁹² Referindo-se diretamente ao livro *O que é a filosofia?* de Deleuze e Guattari, Berardi teoriza ser a amizade, a busca por uma visão compartilhada do caos do mundo uma força que nos ajuda a encontrar sentido.

conhecido como autonomia, pois é nele que encontramos as motivações específicas e a gravidade com que se dá o rompimento com o sujeito Hegeliano na teoria de Berardi, em prol de “tornar-se sujeito”¹⁹³. Veremos que sair do essencialismo hegeliano e partir para o entendimento dos processos de subjetivação (termo que Foucault tornou clássico) está relacionado para Berardi às revoluções telecomunicativas que significativamente afetam estes processos.

Por tecnologias de telecomunicação entendemos dois tipos de estruturas: (a) a internet e b) programas de inteligência artificial para a geração automática de textos. Portanto, analisar os processos de subjetivação, como trabalhados por Berardi, é, para nós, uma leitura da forma com através da qual o sujeito e o código afetam e transformam um ao outro. O código e sua lógica, como delimitados por Baudrillard¹⁹⁴, não são pensados através de uma relação sequencial de causa e efeito. Ao contrário, em termos deleuzianos, o efeito se desdobra em uma causa da qual não é distinto, nem temporal, tampouco, ontologicamente. O que remete ao que Jameson tentava delimitar como a pós-modernidade, isto é: “um encolhimento da experiência contemporânea (burguesa) de tal forma que começamos a viver em um presente perpétuo com a sensação decrescente de continuidades temporais ou mesmo fenomenológicas”¹⁹⁵ (2015, p. 28).

Berardi pensa na relação entre a automação das fábricas na transição do modelo fordista, e a intensificação dos protestos dos trabalhadores contra as condições de trabalho que lidavam, tendo como contexto mais amplo a ampla concomitância da era de desregulamentação lançada por Margaret Thatcher e Ronald Reagan com as transformações tecnológicas que temos analisado.

Poderíamos descrever o diagnóstico de Berardi por meio desta formulação extremamente sintética: os trabalhadores se levantaram e exigiram liberdade da sentença de prisão perpétua nas fábricas, enquanto o capital respondia com automação e precarização. A pressão dos sindicatos e a constante ocupação das fábricas por grevistas deságua, no pós-fordismo, nas mudanças no modelo de produção que jogam os trabalhadores em uma constante indeterminação causada pela flexibilização máxima. Então, deveríamos entender que as reivindicações trabalhistas são a causa da precarização neoliberal? Não e para Berardi a correlação é outra,

¹⁹³ Mudança feita em contexto de aproximação de Berardi e seus contemporâneos, como Negri e Virno, com o pensamento pós-estruturalista francês.

¹⁹⁴ Sobre a estrutura retroeugênica do código, Baudrillard argumenta em *Da Sedução* (2004) que “A finalidade não está mais no fim, não há mais finalidade, nem qualquer determinação. A finalidade está lá antecipadamente, inscrita no código.” (Baudrillard, 2004, p. 59 p. 59, tradução nossa).

¹⁹⁵ “*shrinking of contemporary (bourgeois) experience such that we begin to live a perpetui present with a diminishing sense of temporal or indeed phenomenological continuities.*”

o movimento de autonomia na verdade antecipou o movimento capitalista, mas o processo de desregulamentação foi inscrito no desenvolvimento capitalista pós-industrial vindouro e foi naturalmente implícito na reestruturação tecnológica e na globalização da produção. Há uma relação próxima entre recusa ao trabalho, informatização das fábricas, redução de pessoal, terceirização de empregos e flexibilização, mas essa relação é muito mais complexa do que uma cadeia de causa efeito. O processo de desregulamentação foi inscrito no desenvolvimento de novas tecnologias permitindo que as corporações capitalistas desencadeassem um processo de globalização. Um processo semelhante aconteceu no campo da mídia, durante o mesmo período¹⁹⁶ (Berardi, 2009, p. 76, tradução nossa).

O ponto decisivo é: *inscrição* que só é possível pela natureza determinista do código e, da digitalização que implicam a virtualização da experiência humana. Neste sentido, a consolidação do mercado global financeiro, viabilizada, em grande medida, pelas transformações tecnológicas, é precisamente o que cria as condições que subjagam o indivíduo a existir em uma constante tensão entre o mundo digital e seu corpo marginalizado. Relembremos o que Raymond Williams afirma, um mundo mais tecnológico não é uma aldeia global e sim, uma redução da experiência do próprio mundo, devido à virtualidade de tal conexão. O que resta ao sujeito é a reafirmação do fantasma ilusório da identidade pessoal como forma de responder a esta humilhação. Deste ponto de vista, parece incontestável que na era de Donald Trump e Jair Bolsonaro, o caráter autodestrutivo do Iluminismo como “denunciado por Adorno e por Horkheimer está alcançando seu ponto culminante: as forças iluministas da ciência e da tecnologia revelaram mais uma vez sua duplicidade e estão devorando a democracia e a autodeterminação humanista” (Berardi, 2020, p. 222).

Por conseguinte, ao confeccionar e refletir sobre futurabilidade, Berardi lida com a sujeição da capacidade de tornar-se Outro ao código dos algoritmos. Tal possibilidade surge afetada por uma cadeia de automatismos e com isso nossa própria percepção dessas possibilidades é prejudicada. Em decorrência, a capacidade de tornar-se outro vai se transformando na capacidade de traduzir uma possibilidade em prescrição e automaticamente excluir as restantes. Observe-se bem para que Berardi aponta: *os processos de subjetivação estão cada vez mais próximos dos processos de codificação.*

¹⁹⁶ “The movement of autonomy actually forestalled the capitalist move, but the process of deregulation was inscribed in the coming capitalist post-industrial development and was naturally implied in the technological restructuring and in the globalization of production. There is a close relationship between refusal of work, informatization of the factories, downsizing, outsourcing of jobs, and the flexibilization of labor. But this relationship is much more complex than a cause-and effect chain. The process of deregulation was inscribed in the development of new technologies allowing capitalist corporations to unleash a process of globalization. A similar process happened in the media-field, during the same period.”

Pois bem: o projeto intelectual berardiano pode ser compreendido como uma leitura materialista da imanência, sustentada pela noção de que o futuro se constitui como uma série de possibilidades que não são infinitas tampouco necessariamente dotadas de potência para sua realização (Berardi, 2015a, 2017, 2020). No quadro filosófico armado por esta leitura de vida, do mundo e do tempo histórico, torna-se incontornável a apresentação da impotência do sujeito, determinada como “um efeito de total potência do poder quando este se torna independente da vontade humana [...] quando surge inscrito na textura automatizada da técnica e da linguagem”¹⁹⁷ (Berardi, 2017, p. 21, tradução nossa). A consequência mais nefasta da configuração atual do capitalismo seria, justamente, esta espécie de névoa que nos impede de ver que nenhuma projeção do futuro, por mais determinista que seja, é verdadeira.

Desta forma, ao falar do caos e da epidemia de depressão que assolam a contemporaneidade, Berardi parece localizar a perda de sentido do mundo na aceleração dos automatismos econômicos e linguísticos, o que resulta no triunfo da cultura pós-protestante em que a história é tomada pela hiper-realidade, como compreendeu Baudrillard, momento em que temos não apenas o declínio do real, mas a absorção de todas as alternativas a ele.

4.3.1. A inviabilização do futuro e o mundo de *Death Stranding*

Chegamos em um ponto decisivo do projeto filosófico berardiano: a aproximação entre os processos de subjetivação contemporâneos e o processo de datificação. O que nos permite falar, também, sobre o esvaziamento das expectativas do sujeito em relação ao futuro, para, com isso, darmos conta do efeito de aceleração e automação do cotidiano sobre a experiência de mundo possível. Deflação de expectativas que, até então, abordamos com a ajuda do semiocapitalismo e futurabilidade berardianos que, desta vez, analisaremos em cotejamento com o conceito de assombrologia pensado por Mark Fisher em seus livros *Ghosts of My Life: Writings on Depression, Hauntology and Lost Futures* (2014) e *The Weird and the Eerie* (2016).

A partir do que já estabelecemos neste capítulo, notamos como Berardi localiza, ao longo da década de 1970, uma inversão da percepção do futuro como uma série de possibilidades que poderiam se realizar, atualizada em uma série de determinismos tecnológicos que não permitem

¹⁹⁷ “an effect of the total potency of power when it becomes independent from human will [...] when it is inscribed in the automated texture of technique and of language.”

que o futuro seja percebido como algo além de uma continuidade das constantes crises do presente. Isto é, utopia se transforma em distopia e o futuro dos modernos, marcado por duas características centrais: a possibilidade de ser analisado e conhecido através de tendências que, a partir de sua análise, possibilitavam sua transformação de acordo com a vontade humana, deixa de ser uma realidade potencial.

Seguindo esta argumentação, Mark Fisher, fortemente influenciado por Fredric Jameson e Slavoj Žižek, elabora seu notório conceito de capitalismo realismo, ou “a perversa atmosfera que condiciona não apenas a produção cultural, mas também a regulamentação trabalhista e educacional, além de agir como uma barreira invisível restringindo ação e pensamento”¹⁹⁸ (2009, p. 16, tradução nossa). A era neoliberal é marcada, desta forma, por uma guerra contra as capacidades imaginativas do sujeito, ou, para Berardi, pela manutenção do constante estado de hiper estímulo que mantém o sujeito cansado e ansioso ao mesmo tempo. Podemos dizer que, enquanto Berardi busca a reativação das capacidades afetivas da linguagem, para Fisher, devemos reconquistar os usos do tempo que o capitalismo nos fez esquecer.

Fisher pega de Derrida – ainda que se mantenha crítico ao desconstrutivismo – a ontologia do assombro, ou em termos gerais, uma desconstrução da metafísica da presença que nos diz, *o passado não é apenas história, mas sim, uma presença espectral, que assombra nossa consciência coletiva através de seus ecos fragmentados e de suas reverberações*. Tal qual, o sistema opera, de forma concomitante, sempre em um tempo que “não é mais” e “ainda não é”. É tanto uma compulsão traumática de repetição quanto uma agência do virtual (Fisher, 2014; Hägglund, 2008). Ecoando o que Derrida havia elaborado em *Specters of Marx* para entender como as sociedades capitalistas “podem sempre dar um suspiro de alívio e dizer a si mesmas: o comunismo acabou, mas não aconteceu, foi apenas um fantasma. Elas não fazem mais do que negar o próprio inegável: um fantasma nunca morre; ele permanece sempre para vir e voltar”¹⁹⁹ (Derrida, 1993, p. 123, tradução nossa).

Desta forma, o assombro desempenha um papel vital em como as pessoas percebem a passagem tempo, não apenas como uma progressão linear, mas através da porosidade entre uma

¹⁹⁸ “more like a pervasive atmosphere, conditioning not only the production of culture but also the regulation of work and education and acting as a kind of invisible barrier constraining thought and action.”

¹⁹⁹ “can always heave a sigh of relief and say to themselves: communism is finished, but it did not take place, it was only a ghost. They do no more than disavow the undeniable itself: a ghost never dies; it remains always to come and to come-back.”

progressão contínua para frente, para o futuro, e as reminiscências de um passado em constante expansão, em momentos presentes marcados por constantes crises que se sucedem de forma cada vez mais rápida. Contra o que Fisher (2014) elabora o assombro como um luto fracassado, pois diz respeito à recusa de abandonar o passado e seus fantasmas, ou até mesmo o movimento inverso, ou a recusa do passado em nos abandonar.

Em *A Ilusão do fim ou a greve dos acontecimentos* (1992), Baudrillard oferece um ponto útil para a construção de nosso argumento através de sua leitura da transformação da história em um acúmulo de restos históricos sem um local para adequado descarte, em um mundo em constante processo de virtualização. O cenário imaginado pelo pensador francês – podemos, comparativamente, retomar o cyberspaço berardiano e sua capacidade de infinita expansão – lida com a seguinte questão: não mais apenas um problema puramente material, o excesso de restos se torna um problema de “ideologias extintas, utopias passadas, conceitos mortos e ideias fossilizadas que continuam a poluir nosso espaço mental”²⁰⁰ (Baudrillard, p. 26, tradução nossa).

Ao que se segue, Baudrillard teoriza sobre o surgimento de um imperativo ecológico de reciclagem, pois, diante do que acontece com a história, “podemos perecer sob o peso dos resíduos não degradáveis dos grandes impérios, das grandes narrativas, dos grandes sistemas tornados obsoletos pelo seu próprio gigantismo”²⁰¹ (p. 27), ou através da reciclagem destes modelos, do hackeamento de seus códigos reestruturá-los em outra coisa “como estamos fazendo hoje em nome da Democracia e dos Direitos Humanos, que nunca são nada além do produto final confuso do reprocessamento de todos os resíduos da história”²⁰² (Baudrillard, 1992, p. 27, tradução nossa). O que Berardi retoma ao falar em recombinação e/ou fluxo recombinante²⁰³, graças ao qual a mente

²⁰⁰ “*defunct ideologies, bygone utopias, dead concepts and fossilized ideas which continue to pollute our mental space.*”

²⁰¹ “*we can either perish under the weight of the non-degradable waste of the great empires, the grand narratives, the great systems made obsolete by their own gigantism.*”

²⁰² “*as we are doing today in the name of Democracy and Human Rights, which are never anything but the confused end-product of the reprocessing of all the residues of history.*”

²⁰³ Ressaltamos que o conceito de recombinação em Berardi responde a uma ansiedade similar que leva Arthur Kroker a elaborar a *vontade de virtualidade* que trabalhamos ao longo deste capítulo e que pode ser traduzido na seguinte pergunta: o que o completo mapeamento do DNA humano implicaria a longo prazo em uma sociedade que já se adaptava completamente ao código tecno-financeiro e lida diretamente com as consequências de tal adaptação desde o final do século XX? A aproximação entre Berardi e Kroker pode ser localizada na refutação de narrativas fantasiosas de modificação genética que elevariam o homem modificado a um status de superior à humanidade “normal” ou não modificada. Ambos repensam o problema da eugenia através da virtualização da vida: a existência em dois planos, virtual e concreto, não visa substituir a humanidade. Esta se torna residual, mas segue necessária. O controle do código eletrônico e biológico transformaria o sujeito em sub-humano, em um contexto no qual seu corpo, suas crenças e ideologias são um obstáculo para a aceleração desejada. Assim, em *Precarious Rhapsody* (2009), Berardi escreve que, “A recombinação é um método cognitivo e operativo que atravessa os campos mais dinâmicos de pesquisa e ação. Passando do analógico para o digital, os fluxos de fala, imagem e som funcionam como a atividade de cortar e costurar,

negocia a existência imersa em um ambiente de ininterrupta vídeo-conectividade. *Um processo de reterritorialização identitária que surge como resposta a desterritorialização tecnológica* (Berardi, 2015a).

Com isso em mente, debruçamo-nos, neste momento, sobre a narrativa de *Death Stranding* (2019) de Hideo Kojima, para abordarmos os temas do capítulo e avançar nas conversas sobre novas possibilidades narrativas. Além disso, ainda que videogames como possibilidade narrativa fuja dos limites de nossa pesquisa, observamos neste engajamento, uma frutífera possibilidade de se ir além da crítica da produção mimética de textos literários por LLMs e, também, iniciar uma abordagem de novas possibilidades narrativas dentro do contexto da era digital que não excluam o sujeito, sua destreza e criatividade. Além de sinalizarmos um dos caminhos que planejamos seguir em estudos futuros.

Desta forma, colocamos a teoria da literatura em diálogo com formas de narrativas digitais e em contato com uma rica abordagem filosófica já existente. A exemplo de Nick Dyer-Witford que através dos livros, *Games of empire: global capitalismo and Videogames* (2009) e *Cyber-proletariat: global Labour in the digital vortex* (2015) pensa sobre videogames em relação ao conceito de Multidão e Império de Antonio Negri, assim como, em relação ao trabalho imaterial, tanto de quem produz, quanto de quem joga estas obras. E por outro lado, fora das questões trabalhistas, Colin Cremin em *Exploring Videogames with Deleuze and Guattari* (2016) explora a questão interativa e imersiva que nos jogos colocam jogador e programador/roteirista em uma relação que atualiza a interação entre os conceitos de autor e leitor. Isso dito, sigamos com nossa leitura.

“Certa vez, houve uma explosão... Um estrondo que deu origem ao tempo e ao espaço. Certa vez, houve uma explosão... Um estrondo que fez um planeta girar naquele espaço [...] E então veio a próxima explosão”²⁰⁴ (Kojima, 2019, s.p., tradução nossa), assim começa *Death Stranding*

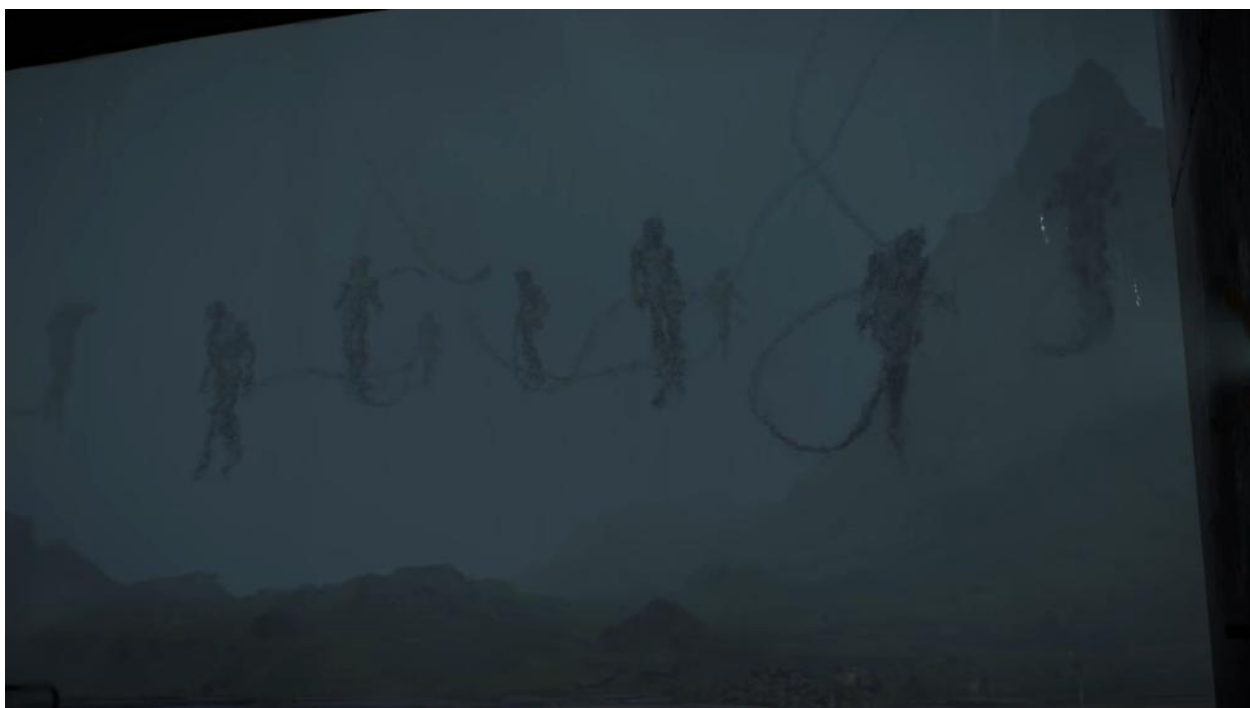
de desmontar e montar em escalas cada vez mais estreitas. Se aceitarmos a ideia de que o princípio recombinante é a chave das tecnologias pós-mecânicas, e assumirmos esse princípio como um paradigma epistêmico interdisciplinar, notaremos que ele delineia um campo comum com os fenômenos da vida e da linguagem. Tecnologias informáticas e biogenéticas são construídas sobre a lógica da recombinação, que é uma lógica sem sentido e não dialética: formas reconhecíveis e conjuntos significativos emergem de sequências informacionais puras (por exemplo, zero e um que revelam a imagem na tela do computador, os quatro componentes do DNA que revelam os organismos vivos).” (p. 149, tradução nossa).

Kroker (2004), completamente, reitera “que a questão das ciências naturais – o espetáculo delirante da propagação clonal, sequenciamento genético, fazendas de órgãos, DNA recombinante e formas de vida artificiais criadas a partir da vivisseção de plantas, animais e humanos *não pode ser pensada fora da questão do niilismo*.”

²⁰⁴ “Once there was an explosion... A bang which gave birth to time and space. Once, there was an explosion... A bang which set a planet spinning in that space [...] And then came the next explosion.”

(2019), e com isso, mergulhamos na história de um mundo no qual, após uma série de explosões cataclísmicas, nunca completamente explicadas, o mundo dos mortos e o mundo dos vivos passam a se sobrepor e o fluxo da história é interrompido. Em outras palavras, o passado, não mais uma abstração, ganha forma tangível e passa a agir como uma presença espectral no presente sob forma de BT's (*beached things*), ou criaturas que surgem após os mortos, não mais capazes de ir para a "Praia" cujo mar os levaria para o além, ficam presos no mundo dos vivos (Figura 11). Nomenclatura que traz em si uma negociação de significado entre os que podem ver essas criaturas e as demais pessoas, pois "pessoas normais [...] não conseguiam sentir isso [...] quando tentavam explicar o que conseguiam ver, frequentemente descreviam o mundo dos mortos como um oceano e a fronteira que conectava aquele mundo com este como uma praia"²⁰⁵ (Kojima, 2019, s.p., tradução nossa). Criaturas que consomem tudo o que tocam e que podem nos ajudar a pensar sobre a necessidade de decomposição ou incineração elaborada por Baudrillard e o assombro como lido por Fisher a partir de Derrida.

Figura 11: BTs aparecem



²⁰⁵ "Normal people [...] couldn't sense it [...] When they tried to explain what they were able to see, they often described the world of the dead as an ocean and the boundary that connected that world with this one as a beach."

Fonte: 『DEATH STRANDING』 日本語音声・日本語字幕 / E3 2018 ティザー トレーラー 4K²⁰⁶

Então, “quando os mortos rastejaram do oceano e atravessaram a Praia para ficarem encalhados neste mundo no fenômeno conhecido como death stranding”²⁰⁷ (Kojima, 2019, s.p., tradução nossa), praticamente toda a infraestrutura existente é destruída e a humanidade é forçada a viver em cidades, conhecidas como *Knot-cities*, ou pequenas comunidades formadas em torno das estruturas físicas de diferentes corporações. Curiosamente, a simples presença de um BT ocasiona a chamada *timefall*, ou uma literal chuva de tempo, que envelhece instantaneamente tudo o que toca. O que impede as pessoas de saírem dos limites físicos aos quais estão, neste cenário, confinadas.

Em resposta a essa nova estrutura social, um novo tipo de sujeito ganha destaque, um exército de entregadores, trabalhadores precários e intercambiáveis, que levam mercadorias de uma cidade para a outra em um mundo sem conexão global ou mesmo regional. Entre esses trabalhadores, o personagem principal, Sam Bridges, controlado pelos jogadores, é quem melhor representa as estruturas de exploração semiocapitalistas que temos desenvolvido ao longo de nosso estudo. Portador de uma condição conhecida como DOOMS, Sam possui uma conexão tão forte com o mundo dos mortos, o que o torna capaz de sentir e localizar os BTs, tornando-se, assim, indispensável dentro deste sistema.

Não obstante, em casos extremos da doença, como o de Sam, os portadores, conhecidos como “repatriados” não conseguem morrer. Ou melhor, morrem, mas suas almas conseguem encontrar o caminho de volta ao seu corpo. Dois tópicos que chamam nossa atenção, a impossibilidade de morte como o estágio final de uma condição biológica, e a refutação de qualquer leitura messiânica deste personagem. A vantagem biológica de Sam, o torna central em qualquer plano de reconectar o mundo, entretanto, quem atinge a imortalidade em *Death Stranding* está fadado a se tornar no melhor cenário, o funcionário do mês, com suas entregas mais rápidas e recorrentes.

Figura 12: Sam fazendo entrega

²⁰⁶ “Death Stranding – teaser trailer para a E3 – 2018, 4k. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RH9TLBGcnhE>

²⁰⁷ “when the dead crawled out of that ocean and across the Beach to become stranded in this world.”



Fonte: 『DEATH STRANDING』 日本語音声・日本語字幕 / E3 2018 ティザートレーラー 4K²⁰⁸

Como lemos em *Ghosts of my life: writings on depression, hauntology and lost futures* (2014), Mark Fisher, sobre a distinção das direções do assombro, divididas entre “não mais” e “ainda não” observamos que,

A primeira se refere àquilo que é (na realidade) não é mais, mas que permanece efetivo como uma virtualidade (a traumática ‘compulsão de repetir’, um padrão fatal). O segundo sentido da assombrologia se refere àquilo que (na realidade) ainda não aconteceu, mas que já é efetivo no virtual (um atrator, uma antecipação moldando o comportamento atual). O ‘espectro do comunismo’ que Marx e Engels alertaram nas primeiras linhas do *Manifesto Comunista* era apenas esse tipo de fantasma: uma virtualidade cuja chegada ameaçada já estava desempenhando um papel em minar o estado atual das coisas²⁰⁹ (Fisher, 2014, p.18, tradução nossa).

O que encontramos exemplificado no ponto principal da jornada de Sam Bridges em *Death Stranding*: a possibilidade de reconectar as cidades, em uma reconstrução de um sistema análogo à internet; e o peso diante da obrigação de reconstruir uma América que, para muitos, já não era

²⁰⁸ “Death Stranding – teaser trailer para a E3 – 2018, 4k. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RH9TLBGcnhE>

²⁰⁹ “The first refers to that which is (in actuality is) no longer, but which remains effective as a virtuality (the traumatic ‘compulsion to repeat’, a fatal pattern). The second sense of hauntology refers to that which (in actuality) has not yet happened, but which is already effective in the virtual (an attractor, an anticipation shaping current behaviour). The ‘spectre of communism’ that Marx and Engels had warned of in the first lines of the *Communist Manifesto* was just this kind of ghost: a virtuality whose threatened coming was already playing a part in undermining the present state of things.”

mais nada além de um fantasma, pois, “rodovias, aviões, outros países, América. Eles só existem como palavras agora. Conceitos para as coisas perdidas através da *Death Stranding*”²¹⁰ (Kojima, 2019, s.p., tradução nossa).

O que podemos ler, como temos proposto, através da recontextualização do assombro, diante do sufocante peso das tradições que, para Baudrillard, já não podem mais ser descartadas. Ora, a necessidade de Sam reconectar as cidades traz em si uma contradição que podemos ler à luz dos temas abordados. Reconectar as cidades diante da necessidade de ressurgimento de um espírito comunitário e reconstruir os Estados Unidos da América, podem ser lidos como objetivos contraditórios. O que colocamos em debate é a incapacidade desses blocos serem reerguidos seguindo outros sistemas de regras que não a promessa de crescimento ilimitado capitalista e o romantismo comunitário comunista. De volta a Baudrillard, “parece que estamos condenados à retrospectiva infinita de tudo o que nos precedeu”²¹¹ (1994, p. 25, tradução nossa), e com isso, gastamos todas as nossas energias evitando o próprio fim, de forma que não aproveitamos o seu adiamento, e tampouco nos permitimos ser devorados por ele. O que, em *Death Stranding*, vai além de um projeto de reconstrução dos Estados Unidos, o que por si só, já remete ao peso das tradições que temos teorizado sobre. Como podemos perceber no diálogo que se segue:

Percebi que a Praia estava conectada ao mundo dos mortos. O que significava que em algum lugar além dela estavam as memórias do próprio tempo, incluindo aquelas de todos os organismos que já viveram. 4,6 bilhões de anos de história biológica — uma história que pode até mesmo remontar à criação do universo. A rede quiral²¹² e tudo o que se seguiu nasceram da minha busca por esse conhecimento. Ao passar dados pela Praia, não estávamos presos às restrições do tempo. Simulações que levariam anos ou mais eram simples e sem esforço. Tudo o que a Terra havia perdido e esquecido poderia ser reconstruído e recuperado” (Kojima, 2019, s.p., tradução nossa).

Diante da possibilidade de reconstrução do universo em um nível molecular, os sobreviventes buscam reconstruir a mesma América de outrem. Um destino, para Baudrillard, pior que a aniquilação, pois caberia a nós a tarefa de aceitar que a história não terminará, “já que as sobras, *todas as sobras* – a Igreja, o comunismo, os grupos étnicos, os conflitos, as ideologias – são indefinidamente recicláveis”²¹³ (1994, p. 27, tradução nossa).

²¹⁰ “*Highways, planes, other countries, America. They only exist as words now. Concepts for things lost in the Death Stranding.*”

²¹¹ “*It seems we are condemned to the infinite retrospective of all that has preceded us.*”

²¹² Pode ser entendido como a internet no contexto do jogo. É a rede que Sam deve restabelecer.

²¹³ “*since the leftovers, all the leftovers - the Church, communism, ethnic groups, conflicts, ideologies - are indefinitely recyclable.*” Ênfase dada.

Figura 13: A Praia



Fonte: 『DEATH STRANDING』 日本語音声・日本語字幕 / E3 2018 ティザートレーラー 4K²¹⁴

Diante disso, torna-se necessário abordar em algumas especificidades dos videogames como veículo narrativo, neste caso, notadamente, elementos de seu gameplay²¹⁵, para melhor situarmos *Death Stranding* dentro dos argumentos que temos discutido até então.

Em seu livro *Literature in the digital age*, Adam Hammond (2016), argumenta que,

Em *Persuasive Games* (2007), o crítico [...] Ian Bogost argumenta que a forma nativa mais poderosa de expressão em videogames é o que ele chama de "retórica processual". Embora Bogost não tenha dúvidas de que os videogames são uma forma de arte e "um meio expressivo", ele argumenta que eles alcançam seus efeitos de uma maneira distinta de todas as outras artes. Em vez de simplesmente apresentar ao público palavras, imagens ou imagens em movimento, Bogost argumenta que os videogames alcançam sua força retórica por meio de "representações e interações baseadas em regras". Para convencer seu

²¹⁴ "Death Stranding – teaser trailer para a E3 – 2018, 4k. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RH9TLBGnhE>

²¹⁵ Em um sentido mais amplo, podemos pensar em duas estruturas principais que contribuem de forma concomitante para a narrativa interativa dos videogames: a primeira são as cenas cinematográficas. Em termos literários, estas cenas possuem uma função semelhantes à narração em terceira pessoa em um romance. Durante o gameplay, em contrapartida, o jogador tem que cumprir ativamente algumas tarefas e resolver alguns desafios para que a história avance. Em *Exploring videogames with Deleuze and Guattari: towards an affective theory of form* (2016), Colin Cremin afirma que "videogames são sobre conquistas estruturadas por objetivos [...] definidos pelo que lhe falta em vez do que possui, uma questão no cerne da crítica de Deleuze e Guattari (2003a: 342) à edipianização [...] Todos os videogames podem, a esse respeito, ser descritos como edipianos. Eles unem o desejo à falta" (pg. 124-125, tradução nossa).

público [...], um filme ou um romance o descreveria [...]; um videogame, por outro lado, não apenas descreveria o problema, mas também faria seu jogador representá-lo. Para Bogost, "a própria maneira como os videogames montam suas reivindicações por meio de retóricas processuais" tem o poder de "perturbar e mudar atitudes e crenças fundamentais sobre o mundo"²¹⁶ (p. 196-197, tradução nossa).

Uma construção narrativa interativa que, como presente em *Death Stranding*, propicia uma reflexão aprofundada sobre as possíveis interações entre literatura e código, tema que desperta grande interesse em nossa análise. Com base nessa breve descrição, não seria exagero afirmar que a busca por conexão em um mundo cada vez mais virtual configura-se como um dos temas centrais na narrativa de Hideo Kojima. Nesse universo fragmentado, os jogadores são compelidos a percorrer vasta distância de maneira solitária, realizando um simbólico ato de reconstrução de uma rede global de comunicação. No entanto, essa experiência se distanciaria da aceleração conectiva constante propiciada pelas plataformas de internet. Conforme observa o crítico Gene Park (2024)²¹⁷, *Death Stranding* foi desenvolvido com um propósito antagônico ao das plataformas de mídia social: "Kojima imagina um mundo de jogo onde os jogadores são forçados e incentivados a ajudar uns aos outros"²¹⁸ (s.p., tradução nossa).

Embora sem interações diretas entre eles, ainda que, virtualmente, todos ocupem o mesmo espaço, cada jogador vivencia as dificuldades que surgem seu caminho de forma individual e de acordo com sua própria disponibilidade de tempo. Neste contexto, os jogadores interagem dentro de um sistema multijogador assíncrono, no qual é possível deixar um item excedente para que outro jogador, independentemente de sua localização no mundo, o utilize. Assim, tem-se a opção de acumular ou compartilhar recursos, e as estradas construídas por um jogador podem facilitar a realização de entregas por outro, tornando todo o processo mais eficiente. Adicionalmente, placas de incentivo podem ser colocadas nas estradas e, ao interagir com essas placas, os jogadores estabelecem formas de comunicação indireta, criando um ambiente que reflete a proposição de Berardi de que *a virtualização dos corpos intensificou a solidão humana*. No entanto, essa previsão

²¹⁶ In *Persuasive Games* (2007), [...] critic Ian Bogost argues that the most powerful native form of expression in videogames is what he calls "procedural rhetoric." Although Bogost has no doubt that videogames are an art form and "an expressive medium," he argues that they achieve their effects in a manner distinct from all the other arts. Rather than simply presenting their audience with words, images, or moving pictures, Bogost argues, videogames achieve their rhetorical force through "rule-based representations and interactions." To convince its audience [...], a film or a novel would describe it [...]; a videogame, by contrast, would not merely describe the problem but would also have its player act it out. For Bogost, "the very way videogames mount their claims through procedural rhetorics" has the power to "disrupt and change fundamental attitudes and beliefs about the world."

²¹⁷ <<https://www.washingtonpost.com/entertainment/video-games/2024/09/20/hideo-kojima-important-video-games/>>.

²¹⁸ "Kojima imagines a game world where players are forced and incentivized to help one another."

de alienação pode ser mitigada pela constatação de que, mesmo em *um espaço virtual, ainda existe um território compartilhado de interação*.

Esse princípio é levado ao seu extremo em *Death Stranding* por meio da interação entre o jogador e os NPCs²¹⁹ que surgem em seu caminho. Interações através das quais observamos como *a narrativa e o código operam em conjunto* para compelir os jogadores a se expressarem de maneira não violenta, uma vez que a morte de qualquer personagem resulta em consequências drásticas: eventualmente desencadeando “uma destruição massiva que pode deixar uma cratera não apenas no seu mundo, mas também nos mundos de outros jogadores”²²⁰ (Park, 2024, s.p., tradução nossa)

O objetivo do sistema parece ser a construção de um modelo de "gratificação atrasada", dado que, ao contrário dos "likes" imediatos recebidos em redes sociais, as manifestações de gratidão no jogo são anônimas e não ocorrem simultaneamente. Não há uma conexão direta entre o jogador que doa um recurso ou equipamento e o destinatário que eventualmente se beneficiará dessa doação. Santana et al. (2021) argumenta que, embora "teóricos da realidade virtual tenham atentado amplamente para a questão da presença do eu, muitos deixaram de lado a presença do outro" (p. 5), uma lógica que Kojima inverte ao propiciar um ambiente onde a presença do outro, ainda que mediada, é fundamental. Como vemos na Figura 12:

Figura 14: Sam encontra doações de outros jogadores

²¹⁹ Os NPCs ou, non-playable characters, (em português, "personagens não jogáveis") são aqueles que aparecem nos videogames, mas não podem ser controlados por quem está jogando. São personagens cujas ações são previamente escritas e programadas.

²²⁰ “trigger massive destruction that could leave a crater not just in your world but in other players’ worlds, too.”



Fonte: Death Stranding - FULL GAME WALKTHROUGH - No Commentary²²¹

²²¹ < https://www.youtube.com/watch?v=2_p9wLMNOeM>.

CONCLUSÃO

Diante de nosso objetivo ambicioso de preencher uma lacuna no pensamento acadêmico brasileiro a respeito da obra do filósofo marxista italiano Franco “Bifo” Berardi, de tradição autonomista, cujas primeiras traduções, ainda carentes de edições críticas, começaram a ser publicadas nos últimos quatro anos, propomos responder às seguintes questões: como, na era digital, pensar a teoria da literatura em um contexto no qual diferentes disciplinas e áreas do conhecimento tendem a se interpenetrar de maneira mais direta? Este questionamento nos conduz a uma segunda indagação: como refletir sobre o texto literário em um cenário social que não favorece o movimento de interiorização do ato de leitura? Para abordar essas questões, era necessário identificar um fio condutor que conectasse a teoria literária à digitalização e aceleração do cotidiano contra os quais somos impelidos a existir e, conseqüentemente, a refletir sobre a literatura. Nesse contexto, Berardi e sua teoria do capitalismo semiótico emergem como um elo crucial, permitindo-nos explorar as implicações teóricas de associar a teoria da literatura à digitalização da vida contemporânea.

No primeiro capítulo, para que se compreenda o que Berardi estabelece por semiocapitalismo e a aplicação desse conceito em nossa tese, tornou-se imprescindível revisitar o contexto teórico no qual ele foi inicialmente desenvolvido. A esse respeito, Berardi explica que tanto os pensadores italianos operaístas – termo que ele rejeita por se referir unicamente aos operários (trabalhadores, em italiano), preferindo utilizar “composição de classe” – quanto os franceses pós-estruturalistas, embora com trajetórias teóricas distintas, buscavam, cada grupo à sua maneira, uma resposta para a seguinte questão: *como ocorrem os processos de subjetivação?* Mas, desta vez, com a particularidade de considerar como ponto de partida a materialidade de nossa existência social, em especial, a subjetivação em relação à linguagem e às novas tecnologias de telecomunicação, que começaram a emergir e se popularizar ao final dos anos 1970.

Nesse sentido, o movimento ao qual Berardi pertencia questionava diretamente o método estruturalista e a noção de que as transformações do sujeito seriam determinadas por questões internas. Esta abordagem foi subvertida, abrindo espaço para a leitura da interferência externa nos processos de composição social e subjetivação (2015a). Dessa forma, o termo “composicionismo” se torna uma ferramenta através da qual Berardi consegue articular as questões centrais do movimento italiano e seu diálogo com o pensamento francês no final da década de 1960 e início da década de 1970.

Nesse sentido, por meio da leitura do filósofo equatoriano-mexicano Bolívar Echeverría, Berardi (2011) discorre sobre dois projetos de modernidade que se entrelaçam. O primeiro, fundamentado na ideia de valor derivado do trabalho e da acumulação de bens físicos, reflete uma visão burguesa da modernidade, impulsionada pela ética protestante (2011); enquanto o segundo, alicerçado pela Contrarreforma católica e pela sensibilidade barroca, configura-se como uma reação a esse modelo. Nesse contexto, surge um campo de batalha entre a burguesia, que atribui mérito à propriedade e aos lucros, parte integrante de uma estrutura de poder territorializada e, a influência espiritual da Igreja Católica, que exerce um controle ideológico sobre as formas de ser e pensar, configurando uma estrutura desterritorializada. Para Berardi, apesar do triunfo do capitalismo no norte da Europa, “a corrente cultural barroca da modernidade não foi apagada [...] A imaginação pós-moderna pode ser considerada como um ressurgimento do espírito barroco e, a centralidade da produção semiótica na esfera da economia é a principal marca da sociedade pós-moderna” (2011, p. 76, tradução nossa).

Por fim, no livro *And: The Phenomenology of the End* (2015a), o autor define o semiocapitalismo como “a configuração atual da relação entre linguagem e economia. Nessa configuração, a produção de qualquer tipo de bem, seja material ou imaterial, pode ser transformada em uma combinação e recombinação de informações” (113, tradução nossa). Nesse contexto, o neoliberalismo se torna mais evidente ao se considerar como o sistema de produção de bens foi radicalmente remodelado pela virtualização das coisas, permitindo que o dinheiro se multiplique sem a necessidade de passar pela produção de bens tangíveis. Assim, os signos passam a assumir um papel central no processo de produção.

Nesse sentido, tornou-se fundamental abordar, além do contexto teórico que sustenta a concepção de semiocapitalismo de Berardi, suas convergências e divergências com os pensamentos de Antonio Negri e Paolo Virno. Da mesma forma, com o auxílio do já mencionado filósofo latino-americano Bolívar Echeverría, procuramos observar, ainda que brevemente, os processos históricos de colonização católica e protestante ocorridos no continente, a fim de traçar um panorama histórico da desmaterialização e financeirização da economia.

No segundo capítulo, que se concentra nas especificidades de nossa tese, exploramos os efeitos da padronização da linguagem por meio de sua subsunção à máquina digital, bem como suas implicações para os processos de subjetivação, aspectos fundamentais para Berardi e seus contemporâneos. Iniciamos nossa análise com a leitura de Matt Tierney que, em *Dismantlings*:

Words against Machines in the American Long Seventies (2019), discute a divisão ideológica entre os pensadores influenciados por Albert Szent-Györgyi, bioquímico húngaro e vencedor do Nobel de Fisiologia ou Medicina em 1937, com seu conceito de *cosmothechnics* e, os pensadores influenciados por Alvin M. Weinberg, físico nuclear americano, com seu conceito de *technological fix*. De maneira geral, enquanto o primeiro buscava repensar os debates éticos dentro do contexto tecnológico, o segundo abordava a redução de problemas sociais a questões tecnológicas, os quais poderiam ser resolvidas por meio da aplicação de novas tecnologias.

A partir dessa análise, delimitamos ainda mais o foco de nosso estudo, dedicando-nos à investigação dos modelos de inteligência artificial e à produção automática de textos. Nesse contexto, destacamos os efeitos de padronização da linguagem e os problemas que surgem com o uso dessas tecnologias no âmbito acadêmico. Isto é, a síntese em massa de conteúdo não apenas inunda a infoesfera e afeta, diretamente, a pesquisa científica, mas eventualmente leva à criação de uma estrutura autorreplicante. Através da qual, modelos generativos, graças ao canibalismo digital que surge neste cenário, são modificados e começam a sintetizar cópias de si mesmo.

No terceiro capítulo, focamos especificamente na interação entre literatura e os modelos de inteligência artificial, seja na forma de produção generativa de textos criativos, ou análise literária. Isso posto, iniciamos este cotejamento em busca de um paralelo entre a interação entre literatura e economia e, a produção literária na era digital. Destaca-se o diálogo com autores como Sarah Comyn (*Political Economy and the Novel: A Literary History of "Homo Economicus"*, 2018), Mary Poovey (*Genres of the Credit Economy: Mediating Value in Eighteenth- and Nineteenth-Century Britain*, 2008), Tamara S. Wagner (*Financial Speculation in Victorian Fiction*, 2010) e Daniel Cohen (*Our Modern Times: The New Nature of Capitalism in the Informational Age*, 2009). Em um segundo momento, debruçamo-nos sobre o conceito de virtualidade, a partir de uma leitura comparativa entre Berardi, Arthur Kroker e Jean Baudrillard.

Além disso, por meio de dois tópicos desenvolvidos por Viktor Shklovsky – a linguagem poética como uma organização linguística distintiva da prosa cotidiana, caracterizada pela sua praticidade e economia (Berlina, 2017), e seu conceito central de *остранение* (*ostranenie*), ou processo de "desfamiliarização" e "estranhamento" – iniciamos uma crítica ao texto literário na era digital. Esse debate culminou em experimentações com modelos de LLM (Large Language Models) e em um levantamento sobre o que esses programas entenderiam como poesia.

Por fim, no quarto capítulo, após termos nos aprofundado sobre as questões relacionadas à linguagem e à literatura na era digital, bem como os desafios apresentados pelos modelos de inteligência artificial e a busca por uma produção linguística que exclua o sujeito, realizamos uma análise comparativa entre o semiocapitalismo berardiano e a ideia de virtualidade de Arthur Kroker. Desse modo, tecemos uma crítica do cenário de inflação semiótica possibilitado pelo contexto que descrevermos anteriormente e, assim, conseguimos retomar a completa submissão da experiência humana às demandas do Capital e a invasão da linguagem por automatismos tecnológicos. Consideramos, ainda, a dicotomia entre *cyberspace* e *cybertime*, teorizada por Berardi, como a principal causa das tensões que resultam na deflação das expectativas do sujeito em relação ao futuro. Reforçamos, também, a influência de Baudrillard sobre o autor italiano, especialmente no que diz respeito ao fim das reservas de inutilidade e à explosão da *infoesfera*.

Isso dito, entendemos que todo trabalho científico é resultado não apenas de leituras, revisões, sínteses e argumentações, mas principalmente, da escolha do objeto de estudo e das correntes filosóficas utilizadas, o que implica em deixar de lado uma vasta rede de caminhos e interações possíveis. Contudo, esperamos que, por meio das delimitações e escolhas realizadas, tenhamos contribuído para o avanço da tradição teórica das humanidades digitais, evidenciando, assim, como as ciências exatas e humanas podem se beneficiar de um diálogo e cooperação mútua, especialmente em um contexto de virtualização crescente.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. **The Illusion of the End**. California: Stanford University Press, 1992. 132 p. ISBN 9780804725019.
- BAUDRILLARD, Jean. **The perfect crime**. London: Verso, 1995. 160 p. ISBN 9781859840443.
- BAUDRILLARD, Jean. **The transparency of evil**. Tradução: James Benedict. London: Verso, 1993. 183 p. ISBN 0-86091-387-2.
- BAUDRILLARD, Jean. **The virtual illusion: or the automatic writing of the world**. Theory, Culture and Society, London, v. 12, p. 97-107, 1995.
- BENASAYAG, Miguel; SCHMIT, Gérard. **Les passions tristes**. Paris: Éditions la découverte, 1982. 186 p. ISBN 9782707137821.
- BERARDI, Franco "Bifo". **After the Future**. California: AK Press, 2011. ISBN 9781849350594.
- BERARDI, Franco "Bifo". **And: Phenomenology of the end**. South Pasadena: Semiotext(e), 2015a. ISBN 978-1-58435-170-2.
- BERARDI, Franco "Bifo". **Asfixia: Capitalismo Financeiro e a Insurreição da Linguagem**. São Paulo: Ubu, 2020. ISBN
- BERARDI, Franco "Bifo". **Cancel & Piu cyber che punk: From Alienation to Autonomy**. Bologna: Atraverso, 1990.
- BERARDI, Franco "Bifo". **Contro Il Lavoro: Lo sviluppo al capitale il potere agli operai**. Firenze: Edizione Della Liberia, 1970. ISBN 978-85-7126-0610.
- BERARDI, Franco "Bifo". **Futurability: The Age of Impotence and the Horizon of Possibility**. London: Verso, 2017. ISBN 978-1-78478-744-8.
- BERARDI, Franco "Bifo". **Heroes: Mass murder and suicide**. London: Verso, 2015b. ISBN 978-1-78168-752-9.
- BERARDI, Franco "Bifo". **Precarious Rhapsody: semiocapitalism and the pathologies of the post-alpha generation**. London: Minor Compositions, 2009a. 156 p. ISBN 978-1-57027-207-3.
- BERARDI, Franco "Bifo". **Quit everything: Interpreting depression**. London: Repeater, 2024. ISBN 9781915672513.
- BERARDI, Franco "Bifo". **The Soul at Work: From Alienation to Autonomy**. Los Angeles, CA: Semiotext(e), 2009b. ISBN 1584350768.
- BERARDI, Franco "Bifo". What About the Dark Side of the Multitude? **Journal of Communication Inquiry**, London, v. 35, ed. 4, p. 310-312, 2015c.
- BERLINA, Alexandra (ed.). **Viktor Shklovsky: A reader**. London: Bloomsbury Publishing Inc, 2010. 410 p. ISBN 978-1-5013-1036-2.
- BIRKERTS, Sven. **The Gutenberg Elegies: The Fate of Reading in an Electronic Age**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1994. ISBN 9780865479579.

CEDERSTROM, Carl; FLEMING, Peter. **Dead Man Working**. London: Zero Books, 2012. ISBN 9781780991566.

CIUFERRI, Nicholas. "Introduzione". In: CIUFERRI, Nicholas. **Franco "Bifo" Berardi in movimento**. 1964-1978. Orientador: Giuseppina Mecchia. 2014. Tese (Doutorado) - University of Pittsburgh, [S. l.], 2014. Disponível em: <https://aran.library.nuigalway.ie/handle/10379/4965>. Acesso em: 7 fev. 2024.

COELHO NETO, W. F. **A toast to the damned waiting for tomorrow**: hauntology and mourning for a future that never comes. *Eutomia: Revista de literatura e linguística*, Recife, v. 1, ed. 31, p. 18-34, 2022.

COHEN, Daniel. **Our modern times**: the new nature of capitalism in the informational age. Cambridge, Massachusetts: Mit Press, 2009. 136 p. ISBN 9780262532631.

COMYN, Sarah. **Political Economy and the Novel**: A Literary History of "Homo Economicus". London: Palgrave Macmillan, 2018. ISBN 9783319943251.

COX, Geoff; MCLEAN, Alex. **Speaking Code**: Coding as Aesthetic and Political Expression. London: The MIT Press, 2013.

DA NÓBREGA, Terezinha Petrucia. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Livraria da física, 2010. 128 p. ISBN 978-85-7861-070-8.

DAWSON, Paul. **The return of the omniscient narrator authorship and authority in twenty-first century fiction**. Michigan: Sheridan Books, 2013. ISBN 978-0-8142-1233-2.

DEGLER, Carl N. **Out of Our Past**: The Forces That Shaped Modern America. New York: Harper Perennial, 1959. ISBN 9780061319853.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: Filosofia Prática. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2002.

DERRIDA, Jacques. **Specters of Marx**. Oxfordshire: Routledge, 1993. ISBN 9780415389570.

DURAND, Cédric. **Le capital fictif**: Comment la finance s'approprie notre avenir. Paris: Les Prairies Ordinaires, 2014. ISBN 9782350960937.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: Uma Introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EAGLETON, Terry. **William Shakespeare**. Basil Blackwell: New York, 1986. ISBN 0-631-14553-2.

ECHEVERRÍA, Bolívar. **Crítica de la modernidad capitalista**. La Paz, Bolívia: Oxfam, 2011.

ECHEVERRÍA, Bolívar. **Modernidad y blanquitud**. México D.F.: Biblioteca era, 2010.

ECHEVERRÍA, Bolívar. **La modernidad de lo barroco**. México D.F.: Biblioteca era, 1998. ISBN 968.411.484.2.

ECHEVERRÍA, Bolívar. **Vuelta de siglo**: ensayos. Caracas: Monte Ávila, 2006. ISBN 978-980-01-2082-8.

EDEN, Dave. Angels of love in the unhappiness factory. *Subjectivity*, London, v. 5, n. 1-14, ed. 1, p. 15-35, 2012.

ELAM, Michele. **Poetry Will Not Optimize, or What Is Literature to AI?**. *American Literature*, Durham, North Carolina, v. 95, ed. 2, p. 281-303, 2023.

FISHER, Mark. **Capitalism realism**: is there no alternative?. Winchester: Zero Books, 2009. ISBN 9781803414300.

FISHER, Mark. **Flatline Constructs**: Gothic materialism and cybernetic theory-fiction. New York: Exmilitary, 2018. ISBN 978-0-692-06605-8.

FISHER, Mark. **Ghosts of my life**: writings on depression, hauntology and lost futures. Winchester: Zero books, 2014. ISBN 978-1-78099-226-6.

FISHER, Mark. **K-punk**: The Collected and Unpublished Writings of Mark Fisher (2004-2016). London: Repeat

FISHER, Mark. **The weird and the eerie**. London: Repeater, 2016. ISBN 978-1-910924-38-9. er books, 2018. ISBN 97819122448292.

GRAEBER, David. **The Utopia of Rules**: On Technology, Stupidity, and the Secret Joys of Bureaucracy. Hoboken, New Jersey: Melville House, 2013. 261 p. ISBN 9781612193748.

GORZ, Andre. **O Imaterial**: Conhecimento, Valor e Capital. -1. ed. São Paulo: Annablume - Pod, 2005. ISBN 978-8574194899.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: Um Novo Paradigma Estético. -1. ed. São Paulo: Editora 34, 1992. ISBN 978-8574194899.

HAMMOND, Adam. **Literature in the digital age**: An Introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. ISBN 9781107615076.

HARDT, Michael ; NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

HARDT, Michael ; NEGRI, Antonio. **Multidão**: Guerra E Democracia Na Era Do Império. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

HARDT, Michael ; NEGRI, Antonio. **Bem-estar comum**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2016.

JAMESON, Fredric. **The antinomies of realism**. London: Verso, 2015. ISBN : 978-1-78168-502-0.

JAMESON, Fredric. **Metacommentary**. *PMLA*, [s. l.], v. 86, ed. 1, p. 9-18, 1971.

JAMESON, Fredric. **Raymon Chandler: The detections of totality**. London: Verso, 2016. ISBN 978-1-78478-216-0.

JAMESON, Fredric. **The Prision-house of langue**: A critical account of structuralism and Russian formalism. New Jersey: Princeton University Press, 1972. 249 p. ISBN 0-691-01316-0.

KOJIMA, Hideo. **Death Stranding**: Director's Cut. Version 1.08 for Windows PC. Kojima Productions, 505 Games. 2022.

KROKER, Arthur; WEINSTEIN, Michael A. **Data Trash**: the theory of the virtual class. Montreal: New World Perspectives, 1994.

KROKER, Arthur. **Exits to the Posthuman Future**. Cambridge: Polity, 2014.

KROKER , Arthur. **Panic Encyclopedia**: the Definitive Guide to the Postmodern Scene. New York: St Martins Press, 1989. 132 p. ISBN 9780312024772.

KROKER, Arthur. **The Will to Technology and the Culture of Nihilism**: Heidegger, Marx, Nietzsche. Toronto: University of Toronto Press, 2004. ISBN 9780802085733.

- LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividades**. -1. ed. São Paulo: Edições Sesc, 2014. ISBN 978-8579950995.
- LAZZARATO, Maurizio. **Struggle, Event, Media**. In: WAGNER, Tamara S. *Transversal texts*. Vienna: Eipcp – European Institute for Progressive Cultural Policies, 2003. Disponível em: <https://transversal.at/transversal/1003/lazzarato/en>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- LE GUIN, Usurla K. **The Dispossessed**. New York: Harper Collins, 2006. ISBN 9780061796883.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010. 272 p. ISBN 978-85-7326-126-4.
- LOUIS, Édouard. **Who Killed My Father**. New York: New Directions, 2019. ISBN 9780811228510.
- LUHMANN, Niklas. **Art as a Social System**. Tradução: Eva Knodt. Redwood City, California: Stanford University Press, 2000. 424 p. ISBN 9780804739078.
- MCLUHAN, Marshall; CARPENTER, Edmund Snow. **Explorations in Communication**. Boston, Massachusetts: Beacon Press, 1960. 208 p.
- MCLUHAN, Marshall. **Understanding Media: The Extensions of Man**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1964. ISBN 9780262631594.
- MEZZADRA, Sandro. **Operaísmo e pós-operaísmo**. LUGAR COMUM, Rio de Janeiro, v. 42, p. 85-92, 2022.
- NEGRI, A. **Infinitude da comunicação/Finitude do desejo**. In: André Parente (org.) *Imagem Máquina. A era das tecnologias do virtual*. São Paulo: Editora 34, 2ª reimpressão, 2004.
- POOVEY, Mary. **Genres of the Credit Economy: Mediating Value in Eighteenth- and Nineteenth-Century Britain**. Chicago: University of Chicago Press, 2008. ISBN 9780226675336.
- RADCHENKO, Simon. **Metamodern Nature of Hideo Kojima's Death Stranding Synopsis and Gameplay**. *Games and Culture*, [s. l.], p. 1-18, 2023.
- RAHIMI, Sadeq. **The Hauntology of Everyday Life**. Basingstoke, Hampshire: Palgrave Pivot, 2021. ISBN 9783030789923.
- RALEY, Rita; RHEE, Jennifer. **Critical AI: A Field in Formation**. *American Literature*, Durham, North Carolina, v. 95, ed. 2, p. 187-204, 2023.
- ROONEY, Sally. **Beautiful World, Where Are You**. London: Faber & Faber, 2021. ISBN 9780571365449.
- SHELL, Mark. **Money, language, and Thought**. Baltimore, Maryland: Johns Hopkins University Press, 1982. 132 p. ISBN 9780801846939.
- SHKLOVSKY, Viktor. **Theory of prose**. Tradução: Benjamin Sher. Elmwood Park, IL: Dalkey Archive Press, 2010. 231 p. ISBN 0-916583-64-3.
- SOHN-RETHEL, Alfred. **Intellectual and Manual Labor: A Critique of Epistemology**. New Jersey: Humanities press, 1970. ISBN 0-391-00774-2.
- SZENT-GYÖRGYI, Albert. **What next?!**. New York: Philosophical Library, 1971. ISBN 9780802220455.

TIERNEY, Matt. **Dismantlings: Words against Machines in the American Long Seventies.** New York: Cornell University Press, 2019. ISBN 9781501746413.

VIRNO, Paolo. **Gramática da Multidão: Para uma Análise das Formas de Vida Contemporâneas.** São Paulo: Annablume, 2013. ISBN 9788539105731.

VIRNO, Paolo. **Virtuosismo e revolução: a idéia de mundo entre a experiência sensível e a esfera pública.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. ISBN 9788520007785.

VOIGTS, Eckart et al, (ed.). **Artificial intelligence, intelligent art: Human-machine interaction and creative practice.** [S. l.]: [transcript] Digital society, 2023. 293 p. ISBN 978-3-8376-6922-0.

WAGNER, Tamara S. **Financial Speculation in Victorian Fiction: Plotting Money and the Novel Genre, 1815–1901.** Ohio: Ohio State University Press, 2008. ISBN 9780814292174.

WRIGHT, Steve. **Storming Heaven: Class Composition and Struggle in Italian Autonomist Marxism.** Londres: Pluto Press, 2002. 257 p.

ANEXOS

ANEXO A

Prompt e resultado do exercício de criação a partir do uso do ChatGPT4o-mini.

“Read the following paragraph taken from Sally Rooney's Beautiful World, Where Are you, and then, expand the paragraph telling what happened after Mary left the room.”

"On Eileen's visits home, her father Pat was sullen and restless, pacing around the house at strange hours, switching things off and on. At dinner he barely spoke, and often left the table before the others had finished eating. In the living room one night when they were alone, her mother Mary told her that something would have to change. It can't go on like this, she said. With a concerned expression, Eileen asked whether she meant the financial situation or her marriage. Mary turned her hands palm up, looking exhausted, looking older than she really was. Everything, she said. I don't know. You come home complaining about your job, complaining about your life. What about my life? Who's taking care of me? Eileen was twenty-three then and her mother was fifty-one. Eileen held her fingertips lightly against one of her eyelids for a moment, and said: Aren't you complaining to me about your life right now? Mary started crying then. Eileen watched her uneasily, and said: I really care that you're unhappy, I just don't know what you want me to do. Her mother was covering her face, sobbing. What did I do wrong? she said. How did I raise such selfish children? Eileen sat back against the sofa as if she was giving the question serious thought. What outcome do you want here? she asked. I can't give you money. I can't go back in time and make you marry a different man. You want me to listen to you complaining about it? I'll listen. I am listening. But I'm not sure why you think your unhappiness is more important than mine. Mary left the room" (Rooney, p. 24).

Resultado

Eileen sat in the dim light of the living room, the weight of her mother's sobs hanging in the air like a thick fog. She could hear her father's footsteps echoing through the house, a restless rhythm that seemed to amplify the tension. The silence after Mary left felt charged, as if every unspoken word lingered in the corners of the room. Eileen stared at the half-finished puzzle on the coffee table, its vibrant colors a stark contrast to the emotional landscape they had just navigated.

What had begun as an attempt to bridge the chasm between them had only widened it, revealing the deep fissures of unarticulated grievances. Eileen wondered if Mary realized how often she had taken refuge in the role of the victim, drawing her children into a narrative where they were obligated to save her. She rubbed her temples, feeling the weight of her own frustrations bubbling to the surface.

After a moment, she stood up, feeling restless herself. Eileen walked to the kitchen, where the fluorescent light buzzed faintly, illuminating the cluttered countertops and the remnants of dinner that had gone cold. She poured herself a glass of water, the cool liquid a brief distraction from the emotional tumult. As she sipped, she could hear her father in the next room, his pacing becoming more frenetic, punctuated by the soft click of the television remote, an attempt to drown out the silence, to fill the space left by her mother's absence.

Eileen leaned against the counter, watching as her reflection stared back at her—twenty-three and already caught in this complex web of expectations and disappointments. She felt the familiar urge to reach out, to connect, but the effort seemed Sisyphean. What could she say that hadn't already been said? What could she offer her mother that would ever feel like enough?

As she returned to the living room, she caught a glimpse of Mary through the crack of the door to the hallway, her silhouette slumped against the wall, defeated. Eileen hesitated, torn between the instinct to comfort and the need to protect her own emotional boundaries. Instead, she sank back into the sofa, enveloped in the heavy silence that had become their shared reality, feeling both the pull of familial duty and the resistance of her own youthful longing for escape.

Outside, the wind rustled through the trees, a whispering reminder that life continued beyond the walls of their home. She thought of her friends, their laughter, their plans, the vibrant lives they were building. It felt distant now, almost like a dream, overshadowed by the weight of her family's discontent. And yet, in that moment, a flicker of resolve ignited within her. She didn't have the answers, but she knew she couldn't become her mother. The future loomed ahead, uncertain and vast, and for the first time, Eileen felt a pang of something like hope—a desire to chart her own course, no matter how daunting it seemed.

Tradução

Eileen sentou-se na penumbra da sala de estar, o peso dos soluços de sua mãe pairando no ar como uma névoa espessa. Ela podia ouvir os passos de seu pai ecoando pela casa, um ritmo inquieto que parecia amplificar a tensão. O silêncio depois que Mary saiu parecia carregado, como se cada palavra não dita permanecesse nos cantos da sala. Eileen olhou para o quebra-cabeça inacabado na mesa de centro, suas cores vibrantes em forte contraste com a paisagem emocional que elas tinham acabado de navegar.

O que começou como uma tentativa de preencher o abismo entre elas só o ampliou, revelando as fissuras profundas de queixas não articuladas. Eileen se perguntou se Mary percebeu quantas vezes ela se refugiou no papel de vítima, atraindo seus filhos para uma narrativa onde eles eram obrigados a salvá-la. Ela esfregou as têmporas, sentindo o peso de suas próprias frustrações borbulhando na superfície.

Depois de um momento, ela se levantou, sentindo-se inquieta. Eileen foi até a cozinha, onde a luz fluorescente zumbia fracamente, iluminando as bancadas desorganizadas e os restos do jantar que tinham esfriado. Ela se serviu de um copo de água, o líquido frio uma breve distração do tumulto emocional. Enquanto bebia, ela podia ouvir seu pai na sala ao lado, seu ritmo se tornando mais frenético, pontuado pelo clique suave do controle remoto da televisão, uma tentativa de abafar o silêncio, de preencher o espaço deixado pela ausência de sua mãe.

Eileen se encostou no balcão, observando seu reflexo encará-la de volta — vinte e três anos e já presa nessa complexa teia de expectativas e decepções. Ela sentiu o desejo familiar de estender a mão, de se conectar, mas o esforço parecia sisífico. O que ela poderia dizer que ainda não tivesse sido dito? O que ela poderia oferecer à sua mãe que parecesse o suficiente?

Ao retornar para a sala de estar, ela teve um vislumbre de Mary pela fresta da porta para o corredor, sua silhueta caída contra a parede, derrotada. Eileen hesitou, dividida entre o instinto de conforto e a necessidade de proteger seus próprios limites emocionais. Em vez disso, ela afundou de volta no sofá, envolta no silêncio pesado que havia se tornado sua realidade compartilhada, sentindo tanto a atração do dever familiar quanto a resistência de seu próprio desejo juvenil de fuga.

Lá fora, o vento farfalhava através das árvores, um lembrete sussurrante de que a vida continuava além dos muros de sua casa. Ela pensou em seus amigos, suas risadas, seus planos, as vidas vibrantes que estavam construindo. Parecia distante agora, quase como um sonho, ofuscado pelo peso do descontentamento de sua família. E ainda assim, naquele momento, uma centelha de determinação acendeu dentro dela. Ela não tinha as respostas, mas sabia que não poderia se tornar

sua mãe. O futuro se aproximava, incerto e vasto, e pela primeira vez, Eileen sentiu uma pontada de algo como esperança — um desejo de traçar seu próprio curso, não importa o quão assustador parecesse.

ANEXO B

Prompt e resultado de criação a partir do uso do Gemini – Google AI

Prompt1: Quais as principais características da poesia de Arthur Rimbaud?

As Principais Características da Poesia de Arthur Rimbaud

Arthur Rimbaud, um dos poetas mais revolucionários e influentes da história da literatura, deixou um legado marcado por uma estética singular e inovadora. Suas obras, repletas de simbolismo, experimentalismo e uma busca incessante por novas formas de expressão, influenciaram gerações de escritores e artistas.

As principais características da poesia de Rimbaud são:

- **Simbolismo:** Rimbaud era um mestre em utilizar símbolos para transmitir ideias complexas e emoções profundas. Ele explorava a multivalência das palavras e criava imagens poéticas que transcendiam o significado literal.
- **Experimentalismo formal:** O poeta francês não se limitava às formas poéticas tradicionais. Ele experimentava com a métrica, a rima e a sintaxe, buscando novas sonoridades e ritmos.
- **Linguagem visceral e sensorial:** A poesia de Rimbaud é marcada por uma linguagem intensa e sensorial, que explora as profundezas do inconsciente e as emoções mais primitivas. Ele utilizava metáforas ousadas e sinestésias para criar uma experiência poética única.
- **Temática da experiência interior:** O poeta mergulhava nas profundezas de sua própria alma, explorando temas como a loucura, a dor, a paixão, a morte e a busca por um conhecimento superior.
- **Visão niilista e anarquista:** Rimbaud questionava a ordem estabelecida e a moralidade burguesa. Sua poesia expressava um profundo sentimento de alienação e um desejo de liberdade absoluta.
- **Influência nas vanguardas artísticas:** As ideias e a estética de Rimbaud foram fundamentais para o desenvolvimento das vanguardas artísticas do século XX, como o simbolismo, o surrealismo e o dadaísmo.

Alguns dos elementos mais marcantes da poesia de Rimbaud são:

- **A busca pelo "eu" poeta:** Rimbaud acreditava que o poeta deveria explorar os limites da linguagem e da consciência para alcançar um estado de iluminação e transcendência.

- **A importância da sonoridade:** A música das palavras era fundamental para Rimbaud. Ele explorava as sonoridades e os ritmos da linguagem para criar efeitos poéticos intensos.
- **A valorização da intuição e do inconsciente:** O poeta francês acreditava que a intuição e o inconsciente eram fontes inesgotáveis de inspiração poética.

Obras importantes de Rimbaud:

- **Uma Temporada no Inferno:** Neste livro, Rimbaud explora a sua própria crise existencial e espiritual, utilizando uma linguagem visceral e intensa.
- **Iluminações:** Nesta obra, o poeta apresenta uma série de visões e fragmentos poéticos que revelam a sua busca por uma nova forma de expressão.

Em resumo, a poesia de Arthur Rimbaud é uma explosão de criatividade e originalidade que continua a inspirar e desafiar os leitores até hoje. Sua obra é um convite à experimentação, à busca pela verdade e à libertação da imaginação.

Gostaria de saber mais sobre algum aspecto específico da poesia de Rimbaud?

Possíveis tópicos para aprofundarmos:

- A relação de Rimbaud com o simbolismo e outras vanguardas artísticas
- A influência de Rimbaud na literatura brasileira
- A vida pessoal e tumultuada do poeta
- Análise de um poema específico de Rimbaud

O que te interessa mais?

Prompt 2: Quais os temas e palavras mais recorrentes em sua obra?

Temas e Palavras-chave na Obra de Rimbaud

A poesia de Arthur Rimbaud é um turbilhão de emoções, experiências e experimentações linguísticas. Seus versos, repletos de simbolismo e inovação, exploram temas profundos e complexos, que reverberam até os dias de hoje.

Temas recorrentes:

- **A busca pela experiência absoluta:** Rimbaud buscava constantemente transcender os limites da percepção e da linguagem, buscando uma experiência total e intensa da vida.
- **A viagem interior:** O poeta empreende uma jornada introspectiva, explorando os recônditos de sua alma e desvendando os mistérios do inconsciente.
- **A rebeldia e a transgressão:** Rimbaud desafiava as convenções sociais e estéticas, buscando novas formas de expressão e experimentando com a linguagem.

- **A dor e o sofrimento:** A dor física e emocional é um tema recorrente em sua obra, muitas vezes associada à busca por uma experiência mais intensa da vida.
- **A natureza:** A natureza é vista por Rimbaud como uma força poderosa e inspiradora, capaz de despertar emoções profundas e sensações intensas.
- **A loucura e o delírio:** A loucura é explorada como um estado de consciência alterado, capaz de revelar verdades ocultas e expandir os limites da percepção.
- **A morte:** A morte é vista como um fim inevitável, mas também como uma possibilidade de transformação e renascimento.

Palavras-chave:

- **Vidência:** A ideia de que o poeta é um vidente, capaz de ver além das aparências e revelar verdades ocultas.
- **Desarranjo dos sentidos:** A necessidade de perturbar os sentidos para alcançar uma nova percepção da realidade.
- **Alquimia:** A transformação da matéria e da linguagem em algo novo e inesperado.
- **Corpo:** O corpo é explorado como um campo de batalha e de prazer, onde se travam as lutas internas do poeta.
- **Luz:** A luz simboliza a iluminação, a inspiração e o conhecimento.
- **Escureidão:** A escuridão representa o desconhecido, o inconsciente e o caos.
- **Eternidade:** A busca por algo que transcenda o tempo e a morte.

Algumas palavras e expressões específicas que aparecem frequentemente em seus poemas:

- **Je est un autre:** "Eu é um outro", frase que expressa a multiplicidade do eu e a ideia de que o poeta é capaz de se transformar em outro ser.
- **Le bateau ivre:** "O barco ébrio", um dos poemas mais famosos de Rimbaud, que fala sobre a liberdade e a busca por novas experiências.
- **Une saison en enfer:** "Uma estação no inferno", um livro que narra a crise existencial do poeta.
- **Les Illuminations:** "As Iluminações", uma coleção de poemas em prosa que exploram temas como a viagem, a memória e a transformação.

Em resumo, a poesia de Rimbaud é marcada por uma linguagem rica em imagens e metáforas, que convidam o leitor a uma experiência estética intensa e transformadora. Seus temas

universais e sua busca incansável por novas formas de expressão fazem de Rimbaud um dos poetas mais influentes da história da literatura.

Gostaria de explorar algum desses temas ou palavras com mais profundidade? Posso te fornecer exemplos de poemas, analisar a obra de Rimbaud sob uma perspectiva específica ou te apresentar outros poetas que foram influenciados por ele.

O que te interessa mais?

Prompt 3: Escreva um poema como se fosse Rimbaud.

Claro, vou tentar capturar o espírito e o estilo de Rimbaud:

“Desatino”

Eu sou a noite, a noite em meu interior,
 Um caos estrelado, um mar sem farol.
 Vagando em sonhos, em névoa e em furor,
 Busco a verdade, a dor, o amor.
 Corpos retorcidos em frenética dança,
 Sons dissonantes, uma estranha trança.
 A razão se esvai, a loucura avança,
 Em um turbilhão, em uma dança espantosa.
 As cores se misturam, os sentidos se embotam,
 Em um delírio febril, a alma se debate.
 A vida é um sonho, um pesadelo incômodo,
 Um labirinto sem fim, um destino incerto.

Notas:

Este poema busca capturar a essência da poesia de Rimbaud, explorando temas como a busca pela experiência absoluta, a viagem interior, a rebeldia e a transgressão, a dor e o sofrimento, e a loucura.

Elementos que remetem à poesia de Rimbaud:

- **Linguagem:** A linguagem é intensa, sensorial e repleta de imagens chocantes.
- **Temas:** A busca pela verdade, a dor, o amor, a loucura e a morte são temas recorrentes na obra de Rimbaud.

- **Estrutura:** A estrutura do poema é livre e experimental, sem seguir regras rígidas de métrica e rima.
- **Atmosfera:** A atmosfera do poema é densa e opressiva, transmitindo uma sensação de angústia e desespero.

Gostaria de explorar mais algum aspecto da poesia de Rimbaud? Podemos analisar um poema específico, discutir a influência de Rimbaud em outros poetas ou explorar a relação entre sua obra e a história da arte.

Que tal tentarmos escrever um poema juntos? Você pode me dar uma palavra ou uma imagem e eu posso tentar desenvolver um poema a partir dela, sempre buscando capturar o espírito da poesia de Rimbaud.

ANEXO C

Prompt e resultado de criação a partir do uso do Copilot - Microsoft

Prompt 1: Quais as principais características da poesia de Arthur Rimbaud?

Arthur Rimbaud é amplamente reconhecido por sua contribuição revolucionária à poesia. Aqui estão algumas das principais características de sua obra:

1. **Imaginação e Simbolismo:** Rimbaud utiliza uma linguagem rica e simbólica para explorar a subjetividade e as experiências sensoriais. Sua poesia frequentemente apresenta imagens vívidas e surpreendentes que desafiam as expectativas convencionais.
2. **Sinestesia:** Ele é conhecido por seu uso inovador da sinestesia, onde descreve uma experiência sensorial em termos de outra, como "sons coloridos" ou "cheiros musicais".
3. **Rebeldia e Transgressão:** A obra de Rimbaud muitas vezes reflete sua atitude rebelde em relação à sociedade e à moralidade. Ele desafia normas e convenções literárias, explorando temas como a liberdade pessoal e a busca por novas experiências.
4. **Exploração do Eu e do Outro:** Rimbaud explora a identidade e a alteridade, muitas vezes questionando a natureza do eu e da realidade. Seus poemas podem ser introspectivos e filosóficos, abordando a complexidade da consciência humana.
5. **Uso da Prosa Poética:** Ele foi pioneiro no uso da prosa poética, fundindo elementos da poesia e da prosa para criar uma forma híbrida que capturasse a intensidade de suas visões.
6. **Inovação Linguística:** Rimbaud experimenta com a linguagem, rompendo com a gramática e a sintaxe tradicionais para criar um efeito poético mais livre e espontâneo.

Essas características tornam a poesia de Arthur Rimbaud única e influente, deixando um legado duradouro na literatura mundial. Se precisar de mais detalhes ou tiver interesse em algum poema específico dele, posso ajudar!

Prompt 2: Quais os temas e palavras mais recorrentes em sua obra?

Arthur Rimbaud explorou uma ampla gama de temas em sua poesia, e algumas palavras e tópicos recorrentes em sua obra incluem:

1. **Rebeldia e Revolta:** Rimbaud frequentemente abordava o desejo de liberdade e a revolta contra normas sociais e morais. Palavras relacionadas à liberdade, anarquia e ruptura são comuns.
2. **Natureza e Sensações:** Ele descrevia a natureza com um olhar vívido e detalhado, utilizando palavras que evocam cores, sons e cheiros. Sua linguagem é rica em imagens sensoriais, refletindo sua obsessão pela experiência direta e intensa.

3. Viagem e Aventura: O tema da viagem, tanto física quanto espiritual, é proeminente. Rimbaud usava termos que expressam movimento, jornada e exploração, muitas vezes com uma conotação de fuga.

4. Visões e Alucinações: As experiências visionárias e alucinatórias são frequentes, com palavras que sugerem o irracional, o sobrenatural e o onírico. Ele explorava estados alterados de consciência e a percepção ampliada.

5. Identidade e Auto exploração: Rimbaud questionava e desconstruía a noção de identidade, utilizando termos que refletem o eu, a dualidade e a metamorfose. Ele via o poeta como um vidente, alguém capaz de ver além do mundo material.

6. Amor e Desejo: Ainda que menos frequente, o amor e o desejo aparecem em sua poesia, muitas vezes de forma idealizada e conflituosa. As palavras associadas ao amor são muitas vezes intensas e paradoxais.

7. Cidade e Modernidade: Ele também explorava a vida urbana e os contrastes da modernidade, usando termos que capturam a velocidade, o caos e a alienação da vida nas cidades.

Esses temas e palavras refletem a amplitude e a profundidade das explorações poéticas de Rimbaud, tornando sua obra rica e multifacetada. Se você está interessado em algum poema específico ou quer saber mais sobre um desses temas, posso aprofundar mais em detalhes!

Prompt 3: Escreva um poema como se fosse Rimbaud.

Claro, vou tentar capturar o espírito e o estilo de Rimbaud:

“Vagabundos do Crepúsculo”

No azul ferido, um reflexo de sonhos naufragados,
 Pássaros mecânicos, e cidades de espectros,
 Onde vagamos, bêbados de luz e sombras,
 Amantes das ruínas, filhos da aurora.

A noite mastiga o horizonte com dentes de jade,
 Enquanto flores de névoa se abrem nas avenidas.
 Sussurros metálicos de segredos profanos,
 Desfilam em nossa pele como mapas rasgados.

Caminhamos entre astros e destroços,
Com olhos que devoram estrelas cintilantes.
Não mais homens, mas deuses e demônios,
Misturando o tempo com nossos cânticos errantes.

Oh, navegantes perdidos nos mares da cidade,
Nossas almas são tempestades de desejo.
Louvamos o caos e a liberdade,
Na eterna fuga do sonho traidor.

Espero que goste! Tentei incorporar a imaginação vívida, as imagens oníricas e o tom rebelde característicos da poesia de Rimbaud. Se precisar de mais alguma coisa, estou à disposição!

ANEXO D

Prompt e resultado de criação a partir do uso do ChatGPT4o-mini

Prompt 1: Quais as principais características da poesia de Arthur Rimbaud?

A poesia de Arthur Rimbaud é uma das mais revolucionárias e inovadoras do século XIX, caracterizando-se por uma série de traços que desafiaram as convenções da época e continuam a influenciar a poesia moderna. As principais características de sua obra incluem:

1. Rebelia e ruptura com a tradição

- Anticonformismo: Rimbaud rejeita as convenções da poesia romântica e simbolista de seu tempo. Ele busca uma linguagem nova e livre, rompendo com as formas e temas tradicionais da literatura.

- Revolução poética: Em textos como "Uma Temporada no Inferno" e "Iluminações", Rimbaud propõe uma verdadeira revolução na maneira de ver o mundo e na forma de escrever, desafiando as normas literárias e sociais.

2. Visão fragmentada e sensorial do mundo

- Rimbaud utiliza imagens sensoriais fortes e muitas vezes desconexas, que criam uma experiência poética intensa, mas muitas vezes difícil de decifrar. Sua poesia está repleta de metáforas e simbolismos que procuram capturar a realidade de maneira fragmentada, impressionista.

- Ele valoriza a percepção sensorial e a busca pela experiência intensa e direta, como em sua famosa expressão "verbo", que significa vivenciar a realidade através dos sentidos.

3. Uso da linguagem visionária e experimental

- O poeta se utiliza de um linguajar experimental, com frequentes jogos de palavras, neologismos e rupturas sintáticas, que criam um efeito de estranhamento e de distorção da realidade. A linguagem se torna um veículo para a experiência do "inconsciente", em uma busca de novos significados e formas.

- Rimbaud desenvolve uma técnica chamada de "derivação", na qual o sentido das palavras é deslocado, criando associações inesperadas, como em seus versos mais famosos, que muitas vezes parecem não seguir uma lógica convencional.

4. Idealização do poeta como visionário e profeta

- A figura do poeta para Rimbaud vai além do simples criador literário. O poeta é um visionário, alguém que tem o poder de ver além da realidade comum, acessando dimensões superiores da experiência humana.

- Ele expressa uma necessidade de transcender o ordinário, de se tornar um “profeta” da humanidade, capaz de captar a essência do mundo em sua totalidade através da poesia.

5. Imagens fortes e muitas vezes chocantes

- Sua obra é marcada pela presença de imagens impactantes e por vezes perturbadoras, que desafiam a moralidade e os limites do que é aceitável na literatura. Em poemas como "O Barco Ébrio" ou "Voo de Noite", há uma exploração da dissolução da identidade, da viagem mística e do uso de substâncias.

- Rimbaud também é conhecido por seus poemas de cunho erótico e místico, abordando temas como a liberdade sexual, a transgressão e o abandono das convenções sociais.

6. Libertação e a busca pela liberdade

- Libertação individual e social é um tema central na poesia de Rimbaud. Ele descreve o poeta como alguém que deve se libertar das amarras da sociedade, da moralidade e das convenções literárias para alcançar uma experiência plena de autenticidade e expressão.

- Em poemas como "O Corisco", há uma clara ênfase na liberdade de espírito e na rejeição dos valores convencionais, refletindo a rebeldia característica de sua juventude.

7. Estilo e influência simbólica

- Embora seja uma figura chave na história do simbolismo, Rimbaud vai além dessa escola literária, ao experimentar com formas e significados de maneira única. Ele rejeita as palavras como simples meios de comunicação e busca um uso mais profundo e pessoal da linguagem.

- Sua poesia também influencia a literatura moderna e o surrealismo, com sua abordagem da linguagem como algo que deve ser explorado e quebrado para alcançar uma expressão mais profunda e livre.

8. Preocupação com a transitoriedade e a destruição

- A transitoriedade da vida e a destruição do mundo, especialmente do mundo de sua infância, são temas recorrentes na poesia de Rimbaud. Ele reflete sobre o fim do tempo e a perda da inocência, como visto na obsessão por estados alterados de percepção e na crítica ao sistema capitalista e à guerra.

9. Busca pelo "Absoluto"

- Sua poesia carrega uma busca ****mística e filosófica pelo Absoluto****, uma tentativa de tocar algo além do material, do visível, algo que transcende a realidade comum. Essa busca está presente, por exemplo, no poema "Iluminações", em que Rimbaud tenta capturar a essência de algo além do mundo tangível.

Conclusão

Rimbaud foi um poeta ****visionário, experimental e revolucionário****, cujas inovações formaram a base para muitas correntes da poesia moderna. Seu trabalho deixou um legado de liberdade criativa, exploração da percepção e do inconsciente, e a valorização da experiência sensorial e transgressora da vida. Sua obra continua a ser estudada, admirada e reverenciada por sua ousadia e profundidade.

Prompt 2: Quais os temas e palavras mais recorrentes em sua obra?

A poesia de Arthur Rimbaud é rica em temas e imagens intensas e variadas. Ela abrange desde a exploração do eu e da subjetividade até a crítica social e a busca por uma experiência estética transcendental. Aqui estão os principais temas e palavras recorrentes em sua obra:

Principais Temas:

1. A Rebelião e o Desprezo pelas Convenções Sociais

- Rimbaud é um poeta profundamente rebelde. Seu trabalho é uma crítica direta à moralidade, à religião e à sociedade de seu tempo. Em muitos poemas, ele questiona as normas estabelecidas e desafia as convenções sociais, como em "Uma Temporada no Inferno", onde fala sobre sua rejeição ao mundo e ao seu papel de poeta.

- Ele busca a libertação pessoal e espiritual através da subversão e do desapego das normas sociais e literárias. Esse sentimento de destruição das normas é recorrente em sua obra, e se reflete na busca por um novo caminho para o indivíduo.

2. A Busca pela Transcendência

- Rimbaud está frequentemente em busca de uma experiência transcendental, algo além da realidade imediata. Ele quer ver o invisível, o absoluto, e a poesia se torna o meio para alcançar uma percepção mais profunda e única do mundo.

- Em seus poemas visionários, como em "Iluminações" e "O Barco Ébrio", ele tenta acessar o desconhecido, o místico e o numinoso, descrevendo visões quase alucinatórias que buscam captar a essência do universo e a percepção do inconsciente.

3. O Erotismo e a Sexualidade

- O tema do erotismo está presente de forma provocadora e muitas vezes explícita. A sexualidade é retratada com uma mistura de sensualidade e transgressão, não apenas como uma experiência física, mas como algo mais profundo, ligado à busca pelo desapego e pela liberdade.

- Há também uma exploração do corpo como espaço de expressão e de transformação, refletindo a busca pela liberdade e a quebra de tabus.

4. O Abandono da Infância e a Perda do Paraíso

- Rimbaud revisita e frequentemente lamenta a perda de sua infância e o desaparecimento do que ele via como um "paraíso perdido". Ele vê a juventude como um período de pureza, liberdade e intuição, que é destruído pelo processo de socialização e pelas convenções da vida adulta.

- Poemas como "O Infância" e "As Iluminações" tratam dessa nostalgia da infância e da transformação da experiência humana à medida que se amadurece.

5. A Solidão e o Isolamento

- O poeta frequentemente se apresenta em um estado de isolamento, tanto físico quanto emocional. Sua sensação de ser incompreendido ou afastado da sociedade é um tema recorrente, refletindo uma tensão interna entre sua visão do mundo e o modo como ele se conecta (ou se desconecta) dos outros.

- A solidão é vista não apenas como sofrimento, mas também como uma condição necessária para a criação poética. Rimbaud acredita que o poeta deve ser, em muitos aspectos, um ser solitário e separado.

6. A Violência e a Destruição

- Rimbaud lida com a violência, tanto física quanto psicológica, e com a destruição do mundo como um processo inevitável. Esse tema é manifestado de forma explícita na abordagem de temas como a guerra, o sofrimento humano e a decadência social.

- A destruição pode ser vista, de forma paradoxal, como uma necessidade criativa — a criação poética exige uma certa destruição das formas tradicionais e da realidade comum.

7. O Caos e a Fragmentação

- Sua obra é marcada por uma visão de caos e fragmentação, refletindo a incerteza e o caos interior do poeta. Ele usa a dispersão e a descontinuidade da linguagem para representar a fragmentação da realidade e da experiência. Sua poesia, portanto, muitas vezes se apresenta como um caleidoscópio de imagens dispersas e inesperadas.

8. A Morte e o Destino Trágico

- A morte aparece como uma presença constante em sua obra, seja como um destino inevitável, uma libertação ou uma forma de transformação. Há uma sensualização da morte em alguns poemas, como em "O Barco Ébrio", em que a morte é vista quase como uma experiência sensorial e transcendental.

Palavras e Imagens Recorrentes:

1. "Luz" e "Sombra"

- A dicotomia entre luz e sombra é um motivo importante. A luz muitas vezes está associada à iluminação espiritual ou à visão transcendental, enquanto a sombra remete ao lado obscuro da experiência humana, à dor, ao pecado e ao sofrimento.

2. "Viagem" e "Caminho"

- A viagem é uma imagem central em sua obra. Rimbaud vê a vida como uma viagem mística em busca de um ideal ou de uma verdade superior, com muitos poemas tratando de jornadas físicas ou espirituais.

- A estrada e os caminhos também aparecem com frequência, sugerindo tanto a trajetória do poeta quanto a busca de um sentido ou destino.

3. "Corpo" e "Carne"

- O corpo humano, com seus impulsos, desejos e limitações, é frequentemente explorado como um campo de contradições e intensidade. A carne muitas vezes aparece como algo transitório, efêmero, mas também como um espaço de prazer e dor.

4. "Fogo" e "Chama"***

- A ideia de fogo está ligada à transformação e à destruição criativa. O fogo pode ser visto tanto como algo destrutivo quanto como algo purificador, associado a uma busca pela verdade e pela liberação do espírito.

5. "Mar" e "Água"

- Elementos como o mar, águas e oceano são usados como metáforas para a liberdade, o desapego e a transcendência. O mar também pode simbolizar o inconsciente ou o desconhecido, e está frequentemente presente em suas visões.

6. "Som" e "Música"

- O som e a música também têm um papel importante na obra de Rimbaud. Sua linguagem poética se aproxima de uma música das palavras, onde o som, a cadência e o ritmo são tão

importantes quanto o significado literal. Ele também busca uma sinestesia, misturando diferentes sentidos, como em seus poemas onde as cores são associadas aos sons.

7. "Visões" e "Alucinações"

- Rimbaud frequentemente descreve suas visões e alucinações como um modo de percepção que transcende a realidade cotidiana. Ele busca um estado alterado de consciência, usando a poesia como um meio de alcançar o sobrenatural.

Conclusão

Rimbaud é um poeta da exuberância sensorial e da subversão das normas. Seus temas e palavras recorrentes revelam uma busca constante por novas formas de entender o mundo, a experiência humana e o papel do poeta. Ele se dedica ao explorar o desconhecido, ao desapego das normas sociais e literárias, e à experiência sensorial e espiritual, criando uma obra que continua a fascinar por sua intensidade e profundidade.

Prompt 3: Escreva um poema como se fosse Rimbaud.

Claro! Tentarei capturar o espírito de Rimbaud, misturando sua linguagem visionária, imagens sensoriais, e o tom transgressor e experimental que caracterizam sua poesia. Aqui vai:

“O Grito da Carne e do Vento”

Eu sou a carne que sangra no vento quente,
os olhos cegos que se abrem no nada.
Escuto o som das estrelas quebrando,
cada suspiro é um universo em fogo.

As ruas choram, o ouro se dissolve,
as mãos se perdem em águas de sal e cristal.
Eu corro pela dor, minhas pernas são rios,
meu corpo é um barco que afunda em um mar de aço.

Lá no horizonte, a lua é uma lâmina,
despedaça o rosto das cidades em pedaços de vidro.
E eu vejo os espectros dançando,
são sombras de gente que nunca foi,

rostos sem nome, sem carne, sem sangue.

Ah! Como o silêncio é profundo!

Escuto o vento rasgando as cortinas do tempo,
enquanto o céu vomita seus últimos raios de sol,
e eu me perco, me dissolvo, me tornei apenas eco.

O sexo do mundo me arranha a pele,

seu corpo é uma chama,

seu prazer é o sangue das estrelas.

Eu sou o grito, sou a fúria do ser,

o vento que arrebenta os portões da realidade,

e vou, sem saber onde,

fugindo do infinito,

desprendido de tudo,

enquanto o fogo consome o mundo.

ANEXO E

Banco de dados Arxiv.

Título / Autores / Disponível em	Definição
<p data-bbox="237 510 748 646">“LLM-based multi-agent poetry generation in non-cooperative environments”</p> <p data-bbox="237 730 748 926">Ran Zhang, Steffen Eger (School of Business Informatics and Mathematics University of Mannheim)</p> <p data-bbox="329 1003 748 1035">https://arxiv.org/pdf/2409.03659</p>	<p data-bbox="771 510 1451 594">O artigo analisa a falta de diversidade do texto poético produzido por LLMs.</p> <p data-bbox="771 674 1451 1199"><i>“Generating poetry remains a difficult task due to the complex interplay of style, meaning, and human emotion Chakrabarty et al. [2021], Mahub et al. [2023]. Models need to excel not only in linguistic competence such as understanding semantics and grammar but also in capturing stylistic elements such as rhyme, meter, imagery, and artistic flair to produce human-like poetry Zhipeng et al. [2019], Belouadi and Eger [2023], Ma et al. [2023].”</i> (p. 2)</p>
<p data-bbox="237 1344 748 1480">“Understanding Literary Texts by LLMs: A Case Study of Ancient Chinese Poetry”</p> <p data-bbox="237 1507 748 1644">Cheng Zhao, Bin Wang, Zhen Wang (ByteDance Inc)</p> <p data-bbox="329 1724 748 1755">https://arxiv.org/pdf/2409.00060</p>	<p data-bbox="771 1344 1451 1755">O artigo busca analisar as especificidades do texto literário, a partir da perspectiva das LLMS. Para os autores, a dificuldade em melhorar a qualidade dos textos gerados automaticamente, ocorre porque a própria definição do que é um bom texto literário depende de inúmeros fatores que devem ser considerados ao mesmo tempo, como sensibilidade estética e tradição literária.</p>

<p>“Benchmarking LLMs for Translating Classical Chinese Poetry: Evaluating Adequacy, Fluency, and Elegance”</p> <p>Andong Chen, Lianzhang Lou, Kehai Chen, Xuefeng Bai, Yang Xiang, Muyun Yang , Tiejun Zhao, Min Zhang (School of Computer Science and Technology, Harbin Institute of Technology, China. Pengcheng Laboratory, Shenzhen, China)</p> <p>https://arxiv.org/pdf/2408.09945</p>	<p><i>“Poetry often contains richly stylized semantic information and deep historical and cultural connotations.”</i></p>
<p>“Improving Structural Diversity of Blackbox LLMs via Chain-of-Specification Prompting”</p> <p>Halley Young, Yimeng Zeng, Jacob Gardner, Osbert Bastani (Microsoft Research. University of Pennsylvania)</p> <p>https://arxiv.org/pdf/2408.06186</p>	<p><i>“In the poetry domain, one might desire diversity in terms of rhyme and meter.”</i> (p.1)</p> <p><i>“In the poetry domain, features include spacing, rhyme, and meter.”</i> (p.3)</p> <p>Base de dados utilizada: https://www.kaggle.com/datasets/tgdivy/poetry-foundation-poems</p>
<p>“GPT Czech Poet: Generation of Czech Poetic Strophes with Language Models”</p>	<p><i>“In poetic strophes, there are two main parameters that govern their structure: rhyme and meter (even though many strophes are crafted without adhering to rhyme or are constructed in free verse). While the rhyme scheme applies to the entire</i></p>

<p>Michal Chudoba and Rudolf Rosa (Institute of Formal and Applied Linguistics. Faculty of Mathematics and Physics) https://arxiv.org/pdf/2407.12790</p>	<p><i>strophe, the meter may vary from verse to verse.”</i> (p.2)</p>
<p>“Evaluating Diversity in Automatic Poetry Generation” Yanran Chen, Hannes Gröner, Sina Zarriß, Steffen Eger (NLLG, University of Mannheim. Computational Linguistics, Bielefeld University) https://arxiv.org/pdf/2406.15267</p>	<p>Não apresenta uma definição exata, mas aborda a falta de diversidade dos textos gerados automaticamente como um dos problemas centrais para a diferença de qualidade entre um poema gerado por LLMs e um poema composto por humanos.</p>
<p>“Let the Poem Hit the Rhythm: Using a Byte-Based Transformer for Beat-Aligned Poetry Generation” Mohamad Elzohbi, Richard Zhao (Department of Computer Science University of Calgary) https://arxiv.org/pdf/2406.10174</p>	<p>Análise da interseção entre poesia e música para melhor compreender as questões rítmicas do texto poético e aplicá-las aos modelos LLM. <i>“The integration of poetry and music has a significant impact on the aesthetic reception of both art forms. This intersection is evident in the shared terminology, such as “rhythm”, which plays a vital role in cultural transmission and emotional expression.”</i> (p.1)</p>
<p>“What is the Best Way for ChatGPT to Translate Poetry?”</p>	<p>Artigo sobre a tradução automática de poemas.</p>

<p>Shanshan Wang, Derek F. Wong, Jingming Yao, Lidia S. Chao (NLP2CT Lab, Department of Computer and Information Science, University of Macau. Department of Portuguese, Faculty of Arts and Humanities, University of Macau)</p> <p>https://arxiv.org/pdf/2406.03450</p>	<p><i>“In discussing poetry, we often refer to specific genres or styles (Stevenson, 1957). Unlike classical poetry, the term “modern” in modern poetry refers to the poetic styles of the 20th and 21st centuries, which represent a significant departure from traditional forms. The primary characteristic of modern poetry is its embrace of freedom and lack of restrictions”</i></p>
<p><i>“PhonologyBench: Evaluating Phonological Skills of Large Language Models”</i></p> <p>Ashima Suvarna, Harshita Khandelwal, Nanyun Peng “Department of Computer Science University of California, Los Angeles)</p> <p>https://arxiv.org/pdf/2404.02456</p>	<p>“The generation of poetry and lyrics leverages the models’ knowledge of rhyme and meter to produce rhythmically engaging content.” (p.1)</p>
<p><i>“Can AI Write Classical Chinese Poetry like Humans? An Empirical Study Inspired by Turing Test”</i></p> <p>Zekun Deng, Hao Yang, Jun Wang (Department of Information Management, Peking University. Institute of Artificial Intelligence,</p>	<p><i>“Poetry holds a profound significance in the realm of human art and civilization. Serving as a vessel of creativity, poetry encapsulates complex feelings and ideas in a condensed and evocative form, allowing for a deeper exploration of the human condition.”</i></p>

<p>Peking University. Research Center for Digital Humanities, Peking University)</p> <p>https://arxiv.org/pdf/2401.04952</p>	
<p>“Vietnamese Poem Generation & The Prospect of Cross-Language Poem-To-Poem Translation”</p> <p>Triet Minh Huynh, Quan Le Bao (Dept. of Information Technology Specialization, FPT. Dept. of Information Technology Specialization, FPT University)</p> <p>https://arxiv.org/pdf/2401.01078</p>	<p><i>“The envisioned outcome is a poem that is not only creative and unique, but also imbued with the intended sentiment and follows strictly the various rigid rules of poetry.”</i></p>
<p>“TPPoet: Transformer-Based Persian Poem Generation using Minimal Data and Advanced Decoding Techniques”</p> <p>Amir Panahandeh, Hanie Asemi, Esmaeil Nourani</p> <p>(Faculty of Electrical and Computer Engineering, University of Tabriz, Iran. Faculty of Information Technology and Computer Engineering, Azarbaijan)</p>	<p><i>“Poetry generation produces creative content and delivers [...] in an aesthetically pleasing manner, usually following a specific structure. Creativity in poetry generation comes from using words in unique ways, employing techniques like alliteration, assonance, and elision. It also involves the use of metaphors, symbolism, and other linguistic devices to convey emotions and sentiments through vivid imagery.” (p.2)</i></p>

<p>https://arxiv.org/pdf/2312.02125</p>	
<p>“Erato: Automating Poetry Evaluation”</p> <p>Manex Agirrezabal, Hugo Gonçalo Oliveira, Aitor Ormazabal (CST, University of Copenhagen, Copenhagen, Denmark. CISUC, DEI, University of Coimbra, Coimbra, Portugal. University of the Basque Country (UPV/EHU), Donostia)</p> <p>https://arxiv.org/pdf/2310.20326</p>	<p>Artigo sobre a avaliação de poemas por LLM.</p> <p><i>“This paper describes Erato, a framework that aims to make the evaluation of poetry easier.”</i></p> <p><i>“Poem composition typically exploits several levels of language, from lexical to semantics, pragmatics, and aesthetics in general. Therefore, the evaluation of poetry is subjective and poses many challenges.”</i></p>
<p>“Aesthetics of Sanskrit Poetry from the Perspective of Computational Linguistics”</p> <p>Jivnesh Sandhan, Amruta Barbadikar, Malay Maity, Pavankumar Satuluri, Tushar Sandhan, Ravi M. Gupta, Pawan Goyal, Laxmidhar Behera (Utah State University)</p> <p>https://arxiv.org/pdf/2308.07081</p>	<p><i>“Analyzing and identifying the characteristics of fine poetry automatically presents several computational challenges, including: (1) Subjectivity [...] (2) Rich language use Poetry often employs complex language use, including metaphors, similes, allusions, and wordplay [...] (3) Cultural context”</i></p>
<p>“ALBERTI, a Multilingual Domain Specific Language Model for Poetry Analysis”</p>	<p>Artigo sobre a avaliação de poemas por LLM.</p>

<p>Javier de la Rosa, Alvaro Perez Pozo, Salvador Ros, Elena Gonzalez-Blanco</p> <p>(National Library of Norway, Norway. Universidad Nacional de Educación a Distancia, Spain. IE University, Spain)</p> <p>https://arxiv.org/pdf/2307.01387</p>	<p><i>“Poetry analysis is the process of examining the elements of a poem to understand its meaning. To analyze poetry, readers must examine its words and phrasing from the perspectives of rhythm.”</i></p> <p>(p.1)</p>
<p>“PoetryDiffusion: Towards Jointly Semantic and Metrical Manipulation in Poetry Generation” (2023)</p> <p>Zhiyuan Hu, Chumin Liu, Yue Feng, Anh Tuan Luu, Bryan Hooi</p> <p>(National University of Singapore. Nanyang Technological University. University College London)</p> <p>https://arxiv.org/pdf/2306.08456</p>	<p><i>“Poetry is a well-structured literary form that demands thematic consistency and clarity, emphasizing coherence between its sub-sentences.”</i></p> <p>(p. 3).</p>
<p>“Identifying the style by a qualified reader on a short fragment of generated poetry” (2023)</p> <p>Boris Orekhov</p>	<p>“There is no agreement in literature what features or their combinations make style of individual authors in fiction or poetry. The definitions of style emphasize the vagueness of the concept of style as “refers to the way in which language is used in a given context, by a given person, for a given purpose, and so on” [Short and</p>

<p>(School of Linguistics HSE University, Institute of Russian Literature)</p> <p>https://arxiv.org/pdf/2306.02771</p>	<p>Leech, 2013]. We focus “not just on what is said, but on how it is said, and why a text may be shaped in a particular way” [Youdale, 2019]. Moreover, style is “what is unique to a text” [Boase-Beier, 2017]. However, [Orekhov and Fischer, 2020] propose methods that identify similar formal features in texts generated by neural networks and texts used as a training dataset.”</p>
<p>“GENTLE: A Genre-Diverse Multilayer Challenge Set for English NLP and Linguistic Evaluation” (2023)</p> <p>Tatsuya Aoyama, Shabnam Behzad, Luke Gessler, Lauren Levine, Jessica Lin, Yang Janet Liu, Siyao Peng, Yilun Zhu, Amir Zeldes (Georgetown University)</p> <p>https://arxiv.org/pdf/2306.01966</p>	<p>“Poetry texts can be extremely short” (p. 3)</p>
<p>“Creative Data Generation: A Review Focusing on Text and Poetry” (2023)</p> <p>Mohamad Elzohbi, Richard Zhao Department of Computer Science, University of Calgary</p> <p>https://arxiv.org/pdf/2305.08493</p>	<p><i>“Rhetoric devices are used in creative writing in special ways to ensure novelty, richness and unpredictability. This includes similes, metaphors, hyperboles, sarcasm, humor, rhythms and rhymes, among others. These techniques are combined to shape the elements of various types of creative writing such as poetry and prose novels.” (p.3)</i></p> <p><i>“The social aspect of poetry can be emphasized through the concentration of ideas,</i></p>

	<i>imagery and emotions within the boundaries of verses and stanzas, as well as the ability for the poem to be subject to criticism.” (p.5)</i>
<p>“Stress Test for BERT and Deep Models: Predicting Words from Italian Poetry” (2022)</p> <p>Rodolfo Delmonte, Nicolò Busetto (Ca Foscari University, Venice)</p> <p>https://arxiv.org/pdf/2302.09303</p>	<p><i>“Italian poetry is characterized by two features, which were also present in Shakespeare's Sonnets: presence of rare and infrequent words, organized into peculiar or non-canonical structures, i.e. structures where the order of constituents was inverted or discontinuous.”</i></p>
<p>“ByGPT5: End-to-End Style-conditioned Poetry Generation with Token-free Language Models” (2023)</p> <p>Jonas Belouadi, Steffen Eger</p> <p>https://arxiv.org/pdf/2212.10474</p>	<p><i>“In this work, we investigate end-to-end poetry generation conditioned on styles such as rhyme, meter, and alliteration.” (p.1)</i></p>
<p>“Modern French Poetry Generation with RoBERTa and GPT-2” (2022)</p> <p>Mika Hämäläinen, Khalid Alnajjar, Thierry Poibeau (Ecole Normale Supérieure-PSL and CNRS. Université Sorbonne nouvelle, Paris, France)</p>	<p><i>“Classical poetry incorporates typically meter and rhyme as their function was to help people recall poems, especially when poetic tradition was still mostly oral rather than written.” (p.1)</i></p> <p><i>“Modern poetry is more concerned about creating something new by breaking any strict structural rules and by continuously questioning what poetry is, what it can be and what it should be.” (p.1)</i></p>

<p>https://arxiv.org/pdf/2212.02911</p>	
<p>“PoeLM: A Meter- and Rhyme-Controllable Language Model for Unsupervised Poetry Generation” (2022)</p> <p>Aitor Ormazabal, Mikel Artetxe, Manex Agirrezabal, Aitor Soroa, Eneko Agirre</p> <p>(HiTZ Center, University of the Basque Country. Meta AI. University of Copenhagen)</p> <p>https://arxiv.org/pdf/2205.12206</p>	<p><i>“Formal verse poetry, in particular, imposes strict constraints on the meter and rhyme scheme of poems.” (p.1)</i></p>
<p>“GPoeT-2: A GPT-2 Based Poem Generator” (2022)</p> <p>Kai-Ling Lo, Rami Ariss, Philipp Kurz</p> <p>(School of Computer Science Carnegie Mellon University. Civil and Environmental Engineering Carnegie Mellon University. School of Computer Science Carnegie Mellon University)</p> <p>https://arxiv.org/pdf/2205.08847</p>	<p><i>“To explore creative AI, we focus on poetry, specifically limericks. Limericks are structured poems, typically humorous, consisting of five lines with an AABBA rhyming scheme. The structured nature of limericks and complexity of short-form storytelling and humor make it well-suited to the task of creative AI exploration.” (p.1)</i></p>
<p>“SP-GPT2: Semantics Improvement in Vietnamese Poetry Generation” (2021)</p>	<p>“Luc Bat is an ancient style of Vietnamese poetry, translated as” six-eight”- the number of syllables in each line. Although there is no</p>

<p>Tuan Nguyen, Phong Nguyen, Hanh Pham, Truong Bui, Tan Nguyen, Duc Luong</p> <p>(Faculty of Mathematical Economics National Economics University Hanoi, Vietnam. Department of Advanced Interdisciplinary Studies, The University of Tokyo. School of Information and Communication Technology Hanoi University of Science and Technology Hanoi, Vietnam).</p> <p>https://arxiv.org/pdf/2110.15723</p>	<p>predetermined length, each line must alternate between six and eight syllables, as the rhyming system is relatively complicated. Not only the rhyme, but its tone and flow are also intricate. Nonetheless, this form of poetry also * Authors contribute equally † Corresponding author Fig. 1. A sample of Luc-Bat poem follows an explicit template in form. Besides the context represented throughout the poem, each stanza is quite abstract with many literary implications such as embodiments, metaphors and comparisons.” (p.1)</p>
---	--

ANEXO F

Resultados – Sudowrite

Primeiro resultado gerado:

As Mary left the room, Eileen couldn't help but feel a mix of irritation and guilt wash over her. She loved her mother, but she couldn't stand her constant complaining and reliance on their family for financial support. But at the same time, she knew that her mother had sacrificed so much for them and she felt guilty for not being able to make her happy. As her father sat down heavily on the sofa next to her, Eileen's conflicted emotions only grew. She wanted to tell him to step up and take care of his family instead of constantly relying on them, but she bit her tongue to avoid starting another argument. When he brought up Maggie's success and financial contributions, Eileen couldn't help but feel resentful towards her perfect sister. She didn't want to follow in Maggie's footsteps and constantly strive for perfection and validation from their parents. But as Pat reached out to pat her knee and praised her in his own way, Eileen forced herself to smile and play along. She quickly made an excuse to leave the conversation before retreating to the kitchen. There, she found her mother washing dishes with tears streaming down her face. Without thinking, Eileen embraced Mary from behind and said "I love you." In that moment, all their frustrations melted away and they stood there, holding each other in silence. But Eileen couldn't help but wonder how long it would last before their conflicts resurfaced once again.

Tradução

Quando Mary saiu da sala, Eileen não conseguiu evitar sentir uma mistura de irritação e culpa tomar conta dela. Ela amava sua mãe, mas não suportava suas constantes reclamações e dependência da família para apoio financeiro. Mas, ao mesmo tempo, ela sabia que sua mãe havia se sacrificado muito por eles e se sentia culpada por não conseguir fazê-la feliz. Enquanto seu pai se sentava no sofá ao lado dela, as emoções conflitantes de Eileen só aumentavam. Ela queria dizer a ele para se levantar e cuidar de sua família em vez de depender constantemente deles, mas mordeu a língua para evitar começar outra discussão. Quando ele mencionou o sucesso e as contribuições financeiras de Maggie, Eileen não conseguiu evitar se sentir ressentida com sua irmã perfeita. Ela não queria seguir os passos de Maggie e lutar constantemente pela perfeição e validação de seus pais. Mas quando Pat estendeu a mão para dar um tapinha em seu joelho e elogiá-la à sua maneira, Eileen se forçou a sorrir e brincar junto. Ela rapidamente deu uma desculpa para sair da conversa

antes de se retirar para a cozinha. Lá, ela encontrou sua mãe lavando pratos com lágrimas escorrendo pelo rosto. Sem pensar, Eileen abraçou Mary por trás e disse "Eu te amo". Naquele momento, todas as suas frustrações se dissiparam e elas ficaram ali, abraçadas em silêncio. Mas Eileen não conseguia deixar de se perguntar quanto tempo duraria até que seus conflitos ressurgissem mais uma vez.

- Resultados da reescrita do trecho dado:

Opção A	Opção B
<p>As Mary left the room, Eileen couldn't help but feel a mix of irritation and guilt wash over her. She loved her mother, but she couldn't stand her constant complaining and reliance on their family for financial support. But at the same time, she knew that her mother had sacrificed so much for them and she felt guilty for not being able to make her happy.</p>	<p>As Mary walked out of the room, Eileen was left alone on the sofa, a jumble of conflicting emotions surging through her. She loved her mother deeply, but she couldn't deny feeling irritated by her constant complaints. Yet, as she sat there wallowing in her guilt, she knew that her mother had sacrificed so much for their family and she couldn't bring herself to fully resent her.</p>
<p>As her father sat down heavily on the sofa next to her, Eileen's conflicted emotions only grew. She wanted to tell him to step up and take care of his family instead of constantly relying on them, but she bit her tongue to avoid starting another argument.</p>	<p>Suddenly, the silence was broken by the heavy footsteps of Eileen's father approaching. He sat down heavily on the other end of the sofa and they both sat there awkwardly, unsure of what to say.</p>
<p>When he brought up Maggie's success and financial contributions, Eileen couldn't help but feel resentful towards her perfect sister. She didn't want to follow in Maggie's footsteps and constantly strive for perfection and validation from their parents.</p>	<p>"I'm sorry about your mother," he finally said, his voice thick with emotion. "She's been under a lot of stress lately."</p> <p>Eileen nodded, feeling a twinge of frustration at his lack of involvement in their family's struggles. But she stayed silent, not wanting to add fuel to the fire.</p>

<p>But as Pat reached out to pat her knee and praised her in his own way, Eileen forced herself to smile and play along. She quickly made an excuse to leave the conversation before retreating to the kitchen.</p> <p>There, she found her mother washing dishes with tears streaming down her face. Without thinking, Eileen embraced Mary from behind and said "I love you." In that moment, all their frustrations melted away and they stood there, holding each other in silence. But Eileen couldn't help but wonder how long it would last before their conflicts resurfaced once again.</p>	<p>"Your sister has been doing well for herself," Pat continued. "She sends money home whenever she can."</p> <p>Eileen resisted the urge to roll her eyes. Of course Maggie would send money home - she was always the golden child in their parents' eyes. But deep down, Eileen couldn't bring herself to follow Maggie's footsteps and constantly strive for perfection and validation from their parents.</p> <p>"I'm proud of you too," Pat said softly, reaching out to pat Eileen's knee.</p> <p>Eileen forced a smile and stood up abruptly. "I should go check on Mom," she said quickly before making her escape.</p> <p>In the kitchen, Eileen found her mother standing at the sink with tears streaming down her face as she washed dishes. Without thinking, Eileen wrapped her arms around Mary from behind.</p> <p>"I love you," she said quietly into Mary's hair.</p> <p>Mary turned around suddenly and hugged Eileen tightly back. "I love you too," she whispered back.</p> <p>In that moment, all their frustrations and conflicts melted away and they stood there, holding each other in the silence. But Eileen couldn't shake off her inner turmoil,</p>
--	---

	wondering if things would ever truly be resolved between them.
--	--